

# **MÓDULO DE UMA FEIRA**

DA RELAÇÃO COM A CIDADE AO DESENVOLVIMENTO DE UM POSTO DE  
VENDA MODULAR

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à  
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e orientada por  
Prof. Arquitecto João Paulo Loureiro

Marcos André Martins Pinto Moreira

2016/2017

[Esta dissertação foi escrita segundo o antigo acordo ortográfico e, para uma maior coerência na leitura do texto, todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pelo autor para português, apresentando-se em nota de rodapé a citação no seu idioma original.]



## **AGRADECIMENTOS**

Obrigado,

Aos meus pais e à minha avó, pelo carinho e formação que me tornaram na pessoa que sou hoje.

Aos meus amigos, pela presença e apoio constante.

Ao Igor, à Mariana e à Rita, pela companhia, apoio, conversas e pelas inúmeras críticas que sempre me ajudaram ao longo deste percurso.

Ao Zé, pela paciência, conselhos e amizade.

À Sofia e ao Fábio, pela sua constante presença, amizade e apoio.

Ao professor João Paulo Loureiro, pela ajuda e acompanhamento ao longo deste percurso.



## ÍNDICE

[006]	<b>Resumo/Abstract</b>
[009]	<b>Introdução</b>
[013]	<b>I. A feira</b>
[015]	Narrativa histórica
[018]	A cidade do Porto
[023]	Definições
[028]	O mercado
[035]	<b>II. Os espaços urbanos</b>
[036]	O lugar na cidade
[044]	A cidade de <i>Post-Its</i>
[052]	Tipologias
[075]	<b>III. As estruturas</b>
[076]	Levantamento impressivo
[102]	Arquitectura móvel
[108]	Problemas e referências
[121]	<b>IV. O caso Prático</b>
[146]	<b>Referências iconográficas</b>
[154]	<b>Referências bibliográficas</b>

## ABSTRACT

Once considered as the boosters for new settlements and the reason for the establishment of certain communication routes, today the fairs have lost that meaning. However, its number in Portugal is still high.

The present dissertation intends to understand the reason for the subsistence of this form of commerce beyond its economic component. To that end, the study is figured in three analysis' fields, following an approximation sequence to the focus of study. The first, regarding a historical and etymological approach, studies the evolution of the fairs in the Portuguese context and, later, in the city of Porto, understanding its nomad genesis, relative to its location. The etymological study intends to create a dissociation between the concepts of fair and market.

Moving from a historical analysis to an urban one, in the second moment of the dissertation, it is studied the framework of the fairs in the city's context, keeping in mind the changes of location suffered throughout times. It is in this context that the concept of *Post-It City* is introduced, used as a tool to understand the importance of the fair in the territory and its capacity to temporarily enhance spaces with a low level of utilisation, from streets, squares, parking lots, to buildings designed with a different purpose.

In the third chapter, study is focused on the scale of the object, on the structures used by the salesmen. In that regard, through a process of photographic and drawn survey, different types of fittings, materials and fixation to the floor are identified, as well as a division by typology and variant of the structures used recurrently. Following this survey, there will be introduced reference projects, each as an answer to an identified problem of the current structures.

The study peaks in the fourth and last chapter which synthesises the former analysis in an experiment of a modular, foldable system for a stand.

## RESUMO

Outrora consideradas como impulsionadoras de povoações e como a razão para o estabelecimento de certas vias de comunicação, hoje em dia as feiras perderam esse significado. No entanto, o seu número em Portugal continua a ser elevado.

A presente dissertação propõe-se, portanto, a perceber a razão para a subsistência desta forma de comércio para além da sua vertente económica. Para isso, o estudo figura em três campos de análise, seguindo uma sequência de aproximação do foco de estudo. O primeiro, de estudo histórico e etimológico, passa por estudar a evolução das feiras no contexto português e, posteriormente, específico à cidade do Porto, percebendo a sua génese nómada, relativamente ao local onde decorre. O estudo etimológico pretende criar uma dissociação entre os conceitos de feira e de mercado.

Passando de uma análise histórica para uma análise urbana, no segundo momento da dissertação, é estudado o enquadramento das feiras no contexto da cidade, tendo sempre em consideração as mudanças de localização que sofrem ao longo dos tempos. É neste contexto que será introduzido o conceito de *Post-it City*, utilizado como uma ferramenta para perceber a importância da feira no território e a sua capacidade de potenciar temporariamente espaços pouco utilizados, desde ruas, praças, estacionamento ou mesmo edifícios com outro propósito.

No terceiro capítulo, o estudo foca-se na escala do objecto, nas estruturas utilizadas pelos vendedores. Para isso, através de um processo de levantamento fotográfico e desenhado, são identificados os tipos de encaixe, de materiais e de fixação no chão, bem como uma divisão por tipologias e variantes das estruturas utilizadas de forma recorrente. Na sequência deste levantamento, são introduzidas obras de referência que surgem como resposta a problemas identificados nas actuais estruturas.

O estudo culmina no quarto e último capítulo, que sintetiza a análise numa experiência de desenvolvimento de um sistema modular, desdobrável para os postos de venda.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objecto de estudo as feiras segundo um ponto de vista histórico e urbano, estreitando o seu foco numa fase mais avançada para as estruturas utilizadas pelos comerciantes enquanto postos de venda. Debruça-se um olhar mais atento sobre os casos dos concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia, embora sejam também considerados casos de estudo de outros concelhos próximos (Matosinhos, Vila do Conde e Espinho), cuja visita e características das feiras pareceram essenciais para o propósito do trabalho.

O tema não surge de forma imediata. Inicialmente apresenta-se como uma vontade de requalificação do espaço adjacente à Feira de Canidelo - pela familiaridade e proximidade ao local de residência do autor - que é actualmente utilizado como parque de estacionamento para os utentes da feira. O ponto de partida foi sempre o de querer dotar a dissertação de uma componente prática, motivado pela experiência real de contexto profissional experienciado pelo autor, e que servisse como uma rótula de transição entre a realidade académica e a profissional. Assim, o desejo inicial de redesenho desse espaço para uma possível expansão ou realocação da feira, passa rapidamente para segundo plano e é substituído por uma curiosidade e necessidade de compreender de que se tratam, então, esses fenómenos e qual a razão para terem perdurado ao longo dos anos.

Numa sociedade onde o comércio sedentário se encontra proliferado por todo o país, desde pequenas lojas a grandes superfícies comerciais, é notável que estas formas de comércio noma-

da continuem a ter o impacto e a popularidade que detêm, ainda que as condições do recinto ou dos postos de venda não sejam as mais apelativas. Pretende-se, portanto, com este trabalho de investigação perceber de que forma é que estes eventos sazonais, considerados como espaços não planeados, respondem a um planeamento prévio e quais os métodos que envolvem a sua construção e estruturação.

Considera-se pertinente para o propósito desta dissertação partir de um processo de aproximação progressiva de escalas, partindo do geral para o particular. Assim, o estudo é dividido em três momentos: o primeiro, "a feira", considerada como um conceito em que é necessário compreender a sua história; "os espaços urbanos" e o seu enquadramento no contexto da cidade; e "as estruturas", o estudo do próprio objecto, do posto de venda.

A feira. Na cidade do Porto, o registo oficial da feira mais antiga remonta ao século XII. Esta carga histórica, não permite que o estudo se inicie de outra forma que não através da análise das suas origens. Tomando sempre como ponto de partida um contexto mais abrangente, começa-se por observar a situação de Portugal para, mais à frente, estreitar para o caso português. São várias as teorias que defendem que estas foram as impulsionadoras das principais povoações e vias de comunicação e que contribuíram para a classificação do Porto como um das principais cidades do norte, pelo grande número que aí se concentrou. Aliada à percepção histórica vem também a compreensão etimológica, tanto de feira como de mercado, já que ambos os conceitos aparecem quase sempre associados. Pretende-se, portanto, com esta análise, entender a distinção entre os dois conceitos segundo um ponto de vista histórico, uma vez que se verifica uma evolução nas suas definições e na sua distinção pelo surgimento do próprio edifício de mercado.

Esta análise assenta essencialmente no recurso a autores que dedicaram o seu estudo à história das feiras. Recorre-se também à leitura de regulamentos e excertos de decretos-lei referentes a estas formas de comércio, de forma a compreender a logística do seu processo.

Os espaços urbanos. Admitindo que a localização da feira não pode ser tida como uma constante, o que se pretende compreender são os motivos que estão por detrás da escolha desses locais, as características transversais a cada um deles no seu posicionamento no território e o impacto que têm nesses espaços. Por outro lado, tendo em conta esse carácter nómada e inconstante no território, tenta-se compreender de que forma se consegue criar a imagem daquilo que é a feira sendo que a sua localização pode variar desde uma rua, uma praça, um parque de estacionamento, entre outros.

Aliando nesta fase a pesquisa bibliográfica ao levantamento fotográfico e desenhado, feito pelo autor com recurso a plantas obtidas de várias Câmaras Municipais (Câmara Municipal do Porto e Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia) ou a vistas aéreas retiradas do Google Maps, é feita uma análise que separa as feiras por tipologias relativas ao local em que decorrem, onde são também identificadas as suas características.



As estruturas. Desde diferentes materialidades, a tipos de encaixes e fixação distintos, as feiras apresentam uma grande diversidade nas estruturas que utilizam para os seus postos de venda. Aqui, torna-se relevante proceder à catalogação de algumas das características e tipologias mais recorrentes nos casos de estudo. Para isso, é realizado um levantamento fotográfico aprofundado dos diferentes sistemas encontrados.

São também seleccionadas as estruturas mais utilizadas e que apresentavam características mais pertinentes para a inclusão nesta dissertação. Procede-se assim ao seu desenho rigoroso, resultante do levantamento fotográfico e de medição. Ainda assim, as medidas apresentadas são aproximadas, visto as limitações de um levantamento impressivo, uma vez que a enorme variedade e versatilidade das estruturas não permite que seja estipulada uma medida-tipo, quer nas estruturas, quer nos lotes, sendo aqui considerada a medida mínima encontrada.

Assim, parece adequado que o caso prático surja como uma nota conclusiva do trabalho. Não se pretende apresentar como uma solução final, mas antes como uma experiência onde, através do estudo feito das feiras, do cruzamento com obras de referência e da análise de sistemas de montagem e dobragem correntes, é realizada uma síntese que procura abordar os tópicos abordados ao longo da dissertação.



THE TOWER OF THE CLERGY, OPORTO.

# I

## A FEIRA

**Fig. 1** | James Holland, Igreja e Torre dos Clérigos, no Porto.  
Gravura representando a Torre dos Clérigos e a Feira da Cordoaria, em 1838

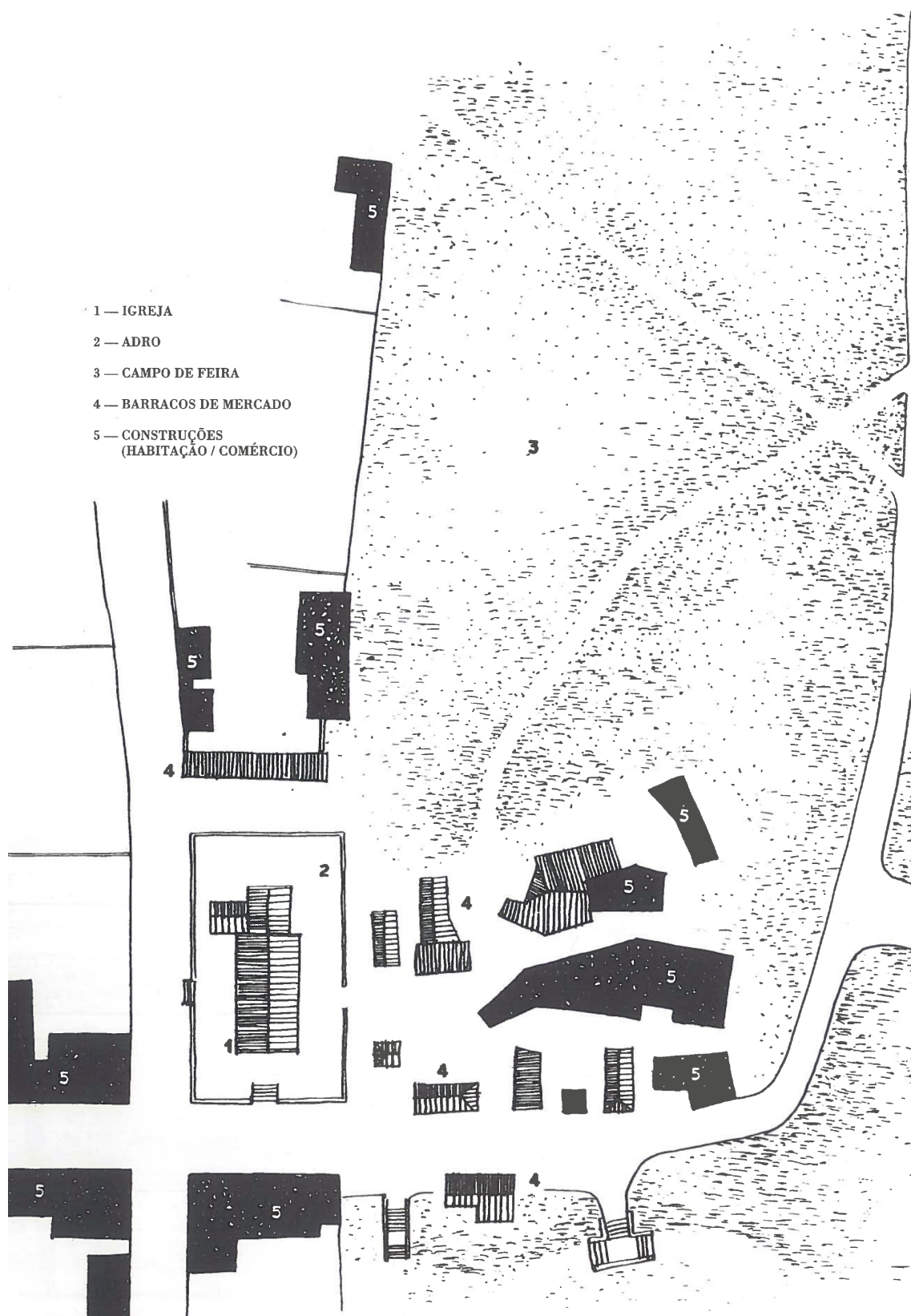


Fig. 2| Santo Amaro, Beduído, Estarreja.  
 Planta do Mercado e Largo da Feira.

## NARRATIVA HISTÓRICA

“As feiras são um dos aspectos mais importantes da organização económica da Idade Média.”<sup>1</sup>

Numa época em que a circulação de pessoas e mercadorias era dificultada, quer pelos precários meios de transporte e vias de comunicação, quer pela falta de segurança das viagens, excesso de portagens e peagens, as feiras são marcadas como um ponto essencial para promover a troca de produtos e a actividade mercantil de contacto entre o produtor e o consumidor. Era importante garantir, não só a acessibilidade de produtos à população, como também dispor de uma “variedade da oferta da qual dependia, em grande parte, a qualidade da vida urbana.”<sup>2</sup> Dessa forma, atrair pessoas e vendedores à cidade era um ponto crucial para a qualidade de vida e subsistência da população, tornando-se fulcral reflectir sobre os tempos e locais em que seriam feitas estas actividades mercantis.

Os espaços escolhidos variaram ao longo dos tempos e, a mesma feira, pode ter tido diferentes espaços a acolhê-la. Tendo em conta o importante papel que desempenhavam quer a nível urbano como na caracterização de espaços públicos, a escolha destes locais seguia uma série de factores a ter em conta: deveria ser um espaço amplo capaz de acolher os mercadores, os seus produtos e as pessoas que lá se dirigiam; a facilidade de acesso, tanto de pessoas como de bens e animais era essencial; e, por fim, apesar do seu papel na vivência urbana, a sua realização não deveria interferir com o quotidiano.

Nos primeiros registos que existem acerca das feiras, estas decorrem geralmente junto de adros e igrejas. A relação que tinham com a Igreja e o apoio que esta lhes dava tornava conveniente a proximidade de ambas. Para além disso, as feiras surgem inicialmente associadas a festividades e cerimónias de culto, tendo em conta a grande quantidade de pessoas e peregrinos que as romarias juntavam na cidade, alguns deles mercadores e feirantes, reunindo nessa mesma zona, produtos de diferentes regiões. Por outro lado, numa época em que dominava a insegurança e que as viagens de longas distâncias eram evitadas pelos perigos que representavam, a Igreja cria uma designada “paz temporária” sobre todos aqueles que se deslocavam ou que regressavam da feira, garantindo a sua segurança, mesmo sobre aqueles que vinham do estrangeiro.

“Mas se a Igreja protegeu, desde o seu início, a feira ou o mercado, posteriormente tentou opor-se a que se fizessem ao domingo, dia dedicado ao serviço de Deus e ao descanso semanal.”<sup>3</sup>

Ainda que inicialmente, a Igreja tenha estado na origem da criação de inúmeras feiras, com o passar do tempo, a sua visão sobre elas altera-se. A Igreja começa então a defender que este

---

1 RAU, Virgínia. *Feiras medievais portuguesas: subsídios para o seu estudo*. Lisboa: Presença. 1982. P. 33

2 NONELL, Anni Gunther. *O mercado do Bolhão : estudos e documentos*. - Porto : C.M., 1992. P. 12

3 RAU, Virgínia. Op. Cit. P. 34

comércio não deveria importunar ou, de forma alguma influenciar o decorrer do quotidiano urbano. A constante agitação e o barulho era, para a Igreja, visto como um encontro de luxúria e de consumismo e, por outro lado, a sua proximidade com o local de culto importunava o decorrer das missas. A partir de então, é feita uma dissociação entre as feiras e a Igreja, ainda que, actualmente, algumas delas continuem a associadas a datas de festividades religiosas, os espaços a albergá-las têm em conta a não perturbação dos eventos de culto.

Na Idade Média, as feiras surgem num período de crescimento económico do mundo ocidental que procedeu uma grande época de estagnação. Surgem num contexto em que existe uma excedente de mercadorias e de produtos em que, esta forma de comércio, se verifica como sendo das mais eficazes na época, visto que proporcionava a divulgação e o acesso a produtos provenientes de diversas regiões, reunidos no mesmo local. São vários os autores que defendem que estas estariam na origem das aglomerações dos séculos X e XI - Sohm e Huvelin seriam alguns desses autores. Contudo, segundo os textos escritos por Virgínia Rau, tais afirmações seriam impossíveis de comprovar pela escassez de documentos da época, podendo-se, no entanto, admitir que este tipo de actividade localizada favoreceu o desenvolvimento dessas mesmas populações.

De facto, o aparecimento das principais aglomerações urbanas está associado ao desenvolvimento do comércio. A necessidade de transporte e de distribuição das mercadorias obrigava a que os mercadores prolongassem a sua estadia durante um determinado período de tempo, escolhendo locais com condições geográficas mais favoráveis e mais desenvolvidos. Esta sua permanência num local, atraía, conseqüentemente, artífices, dando-se um movimento populacional para estas novas vilas que se começam a desenvolver com o comércio emergente.

Em Portugal, o panorama é mais acanhado comparativamente ao do resto da Europa na criação e desenvolvimento das feiras, principalmente quando comparado às feiras francesas ou flamengas - consideradas as impulsionadoras que permitiram a familiarização dos outros países europeus com as práticas financeiras dos mercados florentinos, lombardos e sieneses. A própria posição geográfica portuguesa no sudoeste europeu, pouco favorável em relação às principais vias comerciais da época, impõe, quase automaticamente, uma importância distinta das restantes. As feiras iriam, neste caso, ligar a costa de Portugal com o interior do país e aos reinos de Leão e Castela. Contrariamente ao que aconteceu no resto da Europa, em Portugal as feiras realizavam-se também em vilas e aldeias, não só nas grandes povoações e de maior tráfico, corroborando a teoria que não teriam sido o motivo que esteve na origem dos grandes pólos urbanos.

Para além deste importante papel económico que desempenharam, e que continuam a ter nos dias de hoje (ainda que não tão relevante como na época), as feiras regiam-se segundo uma série de regras e estatutos relativos ao seu funcionamento e às pessoas que nelas vendiam e compravam. Talvez a mais importante seria a chamada paz da feira imposta pela Igreja, como



já foi referido anteriormente, que proibia qualquer tipo de disputa ou violência, quer no decorrer destes eventos, quer na viagem de ida ou de regresso. Isto, numa época de insegurança em que viagens longas poderiam ser sinónimo de ataques e furtos, era um privilégio essencial que permitia reunir até mesmo estrangeiros. Apesar de não haver registos de terem existido em Portugal, no resto da Europa da época, este tipo de paz era representado por símbolos, um dos quais a cruz (ainda que sem relação com a cruz da Igreja).

“É difícil de determinar qual a época em que a importância das feiras portuguesas declinou. (...) No entanto, parece poder considerar-se o fim do século XV como o período de enfraquecimento da importância das feiras em Portugal, porque elas deixaram de ser os únicos, ou os mais importantes centros de tráfico; as cidades e as vilas, desenvolvendo-se e prosperando, serviam mais adequadamente os interesses económicos da comunidade.”<sup>4</sup>

Apesar do declínio que Virgínia Rau escreve, as feiras subsistem ainda em grande número até aos dias de hoje. Numa época em que o comércio fixo se encontra já bastante desenvolvido e capaz de responder às necessidades demográficas de uma sociedade consumista, a feira alia a actividade comercial a um ambiente de sociabilidade e de ócio. Cientes das qualidades e potencialidades das feiras, o conceito original tem sido reinventado e adaptado para conseguir atrair um público mais abrangente. Um destes exemplos é o caso dos *flea markets* que possibilita também um fácil contacto com a parte de venda, permitindo a candidatura para vendas esporádicas nestes eventos.

Por outro lado, pode-se também considerar que as feiras estariam na base da ambiência que se sente nos centros comerciais, ou mesmo da rua comercial. Se atentarmos o modo como as lojas se organizam de uma maneira linear, de ambos os lados de um corredor de passagem e, até mesmo como as montras se nos apresentam, expondo os produtos, atraindo-nos pelas cores e pelas luzes (ainda que mais ordenada e estudada do que como é disposto nas feiras). Assemelha-se também o ambiente. Para além de espaço de comércio, é um espaço de sociabilidade, onde muitas vezes as pessoas não têm intenção de comprar seja o que for, mas ainda assim frequentam estes espaços como uma forma de passar o tempo, de ver e de estar com pessoas. Torna-se um espaço de reunião, uma adaptação moderna dos espaços das feiras e dos mercados, contrastando pela forma controlada e regrada do ambiente que se sente.

---

<sup>4</sup> RAU, Virgínia. Op. Cit. P. 168

## A CIDADE DO PORTO



Fig. 3| J. J. Forrester, O traje popular tradicional no distrito do Porto: feira da Cordoaria.

Aspecto geral da feira da Cordoaria no Porto. Mercado antigo da Porta do Olival.

Debruçando agora o estudo sobre o caso específico da cidade do Porto, verifica-se que não existem registos de feiras anteriores a 1186, ano em que é decretado por D. Sancho I, que se realizasse uma feira junto à Sé. Seria, portanto, esta a primeira feira, da qual existem registos oficiais.

Somente passados vários séculos se volta a ter registo de uma nova feira. Após a construção da nova muralha pela orla ribeirinha, em 1334, por ordem de D. Afonso IV, numa afirmação do poder político e de crescimento demográfico, é decretado em 1403, por D. João I, que a cidade teria uma nova feira franca mensal de forma a reforçar esta mesma política. Esta feira, realizada no primeiro dia de cada mês, na cota baixa da cidade, na Rua Formosa (hoje Rua do Infante D. Henrique) foi criada “numa clara afirmação de jurisdição sobre a cidade baixa, em franco crescimento económico e urbano.”<sup>5</sup> Estas duas feiras foram fortes contribuintes para o desenvolvimento da cidade, contribuindo para que chegasse aos dias de hoje como a principal cidade da região norte de Portugal. O seu desenvolvimento foi tal que, “(...) em meados do século XIX, entre semanais, mensais e anuais, o seu número atingia várias dezenas, animando praticamente todos os largos e praças da cidade.”<sup>6</sup>

---

5 NONELL, Anni Gunther. Op. Cit. P. 12

6 FERNANDES, José A. Rio. *Feiras e Mercados : O caso de Gondomar no contexto do Grande Porto* In *O Tripeiro*. 7ª série. Ano XVII. Número 5. Maio 1998. P. 150



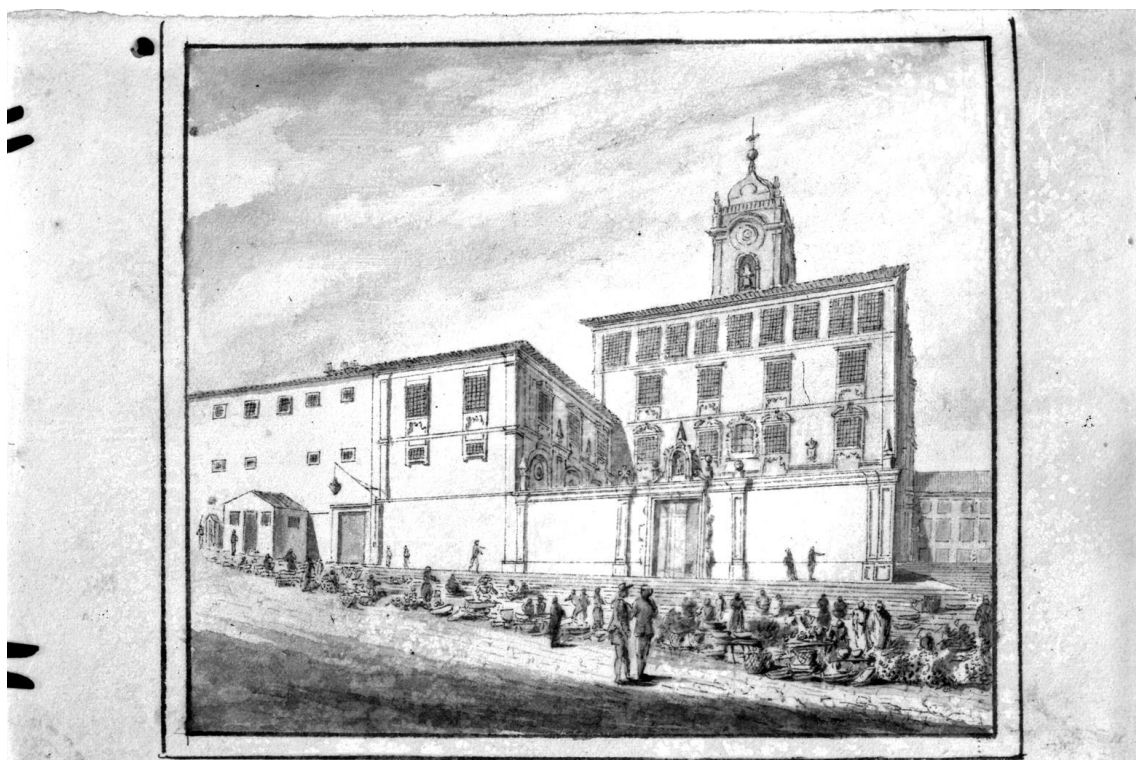


Fig. 4| Joaquim Vitória Vilanova, Feira de S. Bento.

Feira de São Bento, em frente ao extinto Mosteiro de São Bento de Avé-Maria, no Porto, no ano de 1833.

Em 1451, com o desenvolvimento da cidade ribeirinha, a feira decretada por D. João I acaba por ser deslocada para uma localização mais central, passando da antiga Rua Formosa para diante do Convento de São Domingos, não durando mais do que um século, sendo que em 1562 era feito um novo pedido na Câmara para autorizar uma nova feira franca mensal, indicando que a antiga já não existiria. Esse pedido acabaria por ser atendido em 1588, e terá gerado grande discussão sobre o local e dia indicados para que se realizasse - o terreiro de São Domingos à terça-feira, Vila Nova no exterior da cidade, de novo na Rua Formosa, o rossio em frente às Freiras Beneditinas - acabando por ser escolhido, uma vez mais, o local diante do Convento de São Domingos, onde decorria a antiga feira. No entanto, a sua duração neste local seria curta, mudando-se em 1625 para o rossio de S. Bento, tendo em conta a agitação e distúrbio que a feira teria nesse local, acabando por perturbar o local sagrado e o decorrer das missas.

“Na decisão que levaria a remover a feira do centro da cidade deve ter pesado não só a necessidade de espaços amplos com boa acessibilidade para os bens, pessoas e animais e onde todos pudessem ser acomodados (...) mas também a perturbação e incómodo que a realização da feira representava na vivência urbana.”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> NONELL, Anni Gunther. Op. Cit. P. 17

A partir deste momento, há uma mudança de pensamento na sociedade sobre a forma de como a cidade se deve organizar. “(...) a separação física da Praça do Mercado tanto da sede do poder religioso como da sede do poder civil (...) marca o início de uma evolução dos lugares e da edificação do mercado”.<sup>8</sup>

Em meados do século XVIII, com a crescente popularidade que as feiras tinham ganho nos últimos séculos, o que começou como um conjunto de eventos pontualmente espalhados pela cidade, com preocupação na sua localização, de forma a garantir a afirmação do poder político, o fácil abastecimento e acesso, torna-se, nesta época, num elevado número de eventos sociais e comerciais que preenchem diferentes espaços. Consequentemente, perdem a importância que tinham inicialmente no desenvolvimento e afirmação da cidade, substituindo a centralidade e afirmação do domínio político por uma “(...) tendência para a proliferação e dispersão dos lugares onde se processa a comercialização de bens e produtos (...)”<sup>9</sup> com uma maior preocupação com a qualidade e as características do espaço em que acontecem.

Com a Revolução Industrial, a partir do século XIX, a importância das feiras e o seu papel na cidade sofre uma ruptura, motivada pela industrialização que “propiciou o desenvolvimento do comércio retalhista sedentarizado (...)”<sup>10</sup>, com produtos de qualidade superior e mais acessíveis do que os das feiras, levando a uma menor procura, o que levou à sua deslocação para a periferia ou mesmo à sua extinção.

Para além disso, surge também uma crescente preocupação com a higiene e as condições do local de venda. Esta preocupação seria algo mais difícil de controlar nas feiras desta época, pelo seu carácter de comércio ao ar livre, sem uma estrutura física e fechada que as albergasse, como no caso dos mercados, onde a atenção a estes requerimentos era já facilitada. De certa forma, o mercado com edifício próprio surge como uma forma de resposta às novas preocupações e necessidades da sociedade, enquanto tentam simultaneamente controlar a perda do espírito da feira.

A feira começa então a perder a popularidade e fama que outrora tivera e ganha sucessivamente uma conotação negativa, tanto que os economistas emergentes dessa época a definiam como uma representação do “(...) luxo, o apelo ao consumo, o gasto supérfluo, a distração do trabalho (...)”<sup>11</sup>. Numa época em que é marcada por uma obsessão pela produtividade e eficácia, o comércio sedentário surge como resposta às necessidades da população, enquanto que, por outro lado, a feira se torna uma distração.

---

8 NONELL, Anni Gunther. Op. Cit. P. 25

9 Ibidem P. 19

10 FERNANDES, José A. Rio. Op. Cit. P. 150

11 ALVES, Jorge Fernandes. *Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas* In *Vectores de desenvolvimento económico : as feiras da Idade Média à época contemporânea: actas*, 2005, P. 156

“Todavia, enquanto que a cidade se industrializava e modernizava e o comércio fixo se ia sedimentando, com os mais prestigiados estabelecimentos a posicionarem-se ao longo dos eixos Clérigos - Praça de D. Pedro (Liberdade) - Santo António e Feira de S. Bento (Almeida Garrett) - Rua das Flores - Largo de S. Domingos, as feiras assegurarão ainda - pelo menos até meados do século XIX - o principal da troca de bens sediada no território portuense.”<sup>12</sup>

Ainda assim, o crescimento populacional que se fez sentir pela cidade na época, ultrapassava a capacidade do recente, e ainda em evolução, comércio local fixo de abastecer os cidadãos. Esta incapacidade de responder ao crescimento demográfico e de providenciar mercadoria suficiente para a população, permitiu que as feiras continuassem a subsistir e, até, que fossem criadas algumas novas, ainda que espalhadas maioritariamente pela periferia. Somente ao longo do século XX, quando o comércio fixo está mais estabilizado e desenvolvido, que o declínio das feiras atinge o seu auge, marcando-se esta época pelo desaparecimento de inúmeras feiras e mercados.

“(...) a feira, no seu enraizamento medieval, era vista, num registo elitista, como sintoma de atraso na organização do trabalho, uma evidência da fragmentação local e regional do mercado e da sua falta de articulação nacional.”<sup>13</sup>

Tal como refere Jorge Fernandes Alves, as feiras lembram uma época de atraso e representam a falta de acompanhamento e evolução deste tipo de comércio que, aparentemente, permanece igual ao que seria há vários anos atrás. Sente-se a necessidade de evoluir e de usufruir das melhores condições que as tecnologias e a época poderiam oferecer.

Ainda assim, a sua popularidade teria sido tanta que a sua extinção nunca foi completa. O ambiente contagiante de pessoas, cores, sons e cheiros, funcionava sempre como um chamariz de pessoas. A sua importância e reconhecimento terá sido tanto que no final do século XIX e inícios de século XX veriam o seu conceito apropriado a outras formas, como no caso das exposições internacionais e as feiras industriais.

“Nos finais do século XIX e inícios do século XX, as feiras revelaram-se como um campo de negócio fundamental para os industriais do Vale do Ave (Narciso Ferreira, de Riba d’Ave, que se tornaria no maior industrial do Norte nas primeiras décadas do século XX, ocupava-se, nos seus primeiros tempos, a vender pelas feiras os tecidos fabricados na sua indústria-oficina).”<sup>14</sup>

---

12 ALVES, Jorge Fernandes. Op. Cit. P. 47

13 Ibidem P. 157

14 Ibidem P. 162

Após várias tentativas de exposições industriais, as indústrias do Vale do Ave confirmaram que este tipo de mostra de produto não se tornava rentável, uma vez que funcionava apenas como uma mostra de produtos e de catálogo. Assim, numa tentativa de rentabilizar o lado expositivo, combinando com a possibilidade de compra directa, criaram o conceito das feiras industriais.

“Esse conceito tem sido trabalhado até aos dias de hoje, sendo responsável pela emergência de um novo tipo de serviços, com empresas e associações a construírem pavilhões para o efeito, criando eventos onde o princípio de interacção festiva e recreativa está de novo presente, tendo sido recuperado e adaptado aos novos tempos.”<sup>15</sup>

Nos finais do século XX, com o crescimento da cidade do Porto e desenvolvimento das periferias, sente-se uma crescente desertificação do centro da cidade e de fuga para as periferias. As pessoas procuram viver fora do centro histórico e a população que nele permanece é cada vez mais envelhecida. Desta forma, em 1992, a Câmara do Porto toma a iniciativa de criar um “projecto global de transformação e reabilitação dos Mercados do Porto, em que as atribuições autárquicas de abastecimento público são desenvolvidas tendo em conta diversos objectivos municipais, nomeadamente a cultura, o turismo, o entretenimento e o combate à desertificação do centro da cidade”<sup>16</sup>. Assim, neste ano são criadas várias feiras pelo centro da cidade - Feira de Plantas e Flores, na Praça da Liberdade; Feira de Antiguidade de Vandoma, na Rua D. Hugo; Feira de Produtos Tradicionais Alimentares, no Jardim da Cordoaria; Feira de Aldoar, na Rua do Pelágio; Feira de Artesanato, na Praça da Batalha.

---

15 ALVES, Jorge Fernandes. Op. Cit. P. 165

16 CMP. Edital Nº 19/91, Art. 1º



## DEFINIÇÕES



Fig. 5| Feira de Santana.

Vista do cruzeiro que marca uma das entradas da feira.

“Feira - mercado grande, público, em que se vende toda a casta de mercadorias em certo tempo, uma ou mais vezes por ano. (...) As feiras são de mui remota idade: para as animar, antigamente uniam-nas a um orago, e era junto dos adros e igrejas que se estabeleciam. Os mercados, isto é, as feiras menores e mais amiu-dadas removeram ou pelo menos diminuíram muito as antigas feiras. Entretanto, a sua utilidade é inquestionável: por meio delas reúnem-se produtos, facilitam-se as trocas, dá-se a competência, e tenta-se e alcança-se um maior consumo e circu-lação. Num país de comércio interno muito adiantado, em país de boas estradas, e canais, pode a sua utilidade ser de não grande consideração: porém num país atrasado, cujas povoações são outras tantas ilhas não comunicáveis, as feiras são um meio de instigar a abertura de estradas e comunicações, de introduzir a civili-zação e de igualar a necessidade e riqueza dos povos.”<sup>17</sup>

Actualmente, grande parte do significado inerente à origem da feira desapareceu. Verificou-se ante-riormente o quanto a importância deste tipo de comércio no contexto de desenvolvimento das cida-des se tem alterado. Contudo, subsistem ainda nos dias de hoje inúmeras feiras espalhadas pelo país.

---

17 BORGES, José Ferreira. *Diccionario juridico-commercial*. - 2ª ed. - Porto : Typ. de Sebastião José Pereira, 1856. - VIII. P. 167



**Fig. 6** | Feira de Vila do Conde.

Relação com a Igreja.

“Fei-ra (latim *feria*, -ae, singular de *feriae*, -arum, dias de descanso, dias feriados, férias), substantivo feminino: Grande mercado que se efectua em datas ou épocas determinadas. = Praça; Grande mercado onde se expõe e vende determinado produto ou tipo de produto (ex.: feira de artesanato; feira gastronómica); Exposição de produtos e serviços para promoção (ex.: feira automóvel). = Salão; Designação complementar dos cinco dias mediais da semana; [Figurado] Grande desordem. = Balbúrdia, Barafunda; Confusão de vozes. = Gritaria, Vozearia”<sup>18</sup>

Seja em definições mais arcaicas ou em definições retiradas de dicionários correntes, a sua relação com o mercado é quase sempre uma constante. Os dois conceitos aparecem misturados e muitas vezes se confundem. Segundo a definição de José Ferreira Borges, o sentido de feira seria o mesmo que o de mercado, distinguindo-se deste pelas suas dimensões maiores e origem religiosa. A sua instauração nas imediações de um edifício de carácter religioso (Fig. 6) levava muitas vezes a que as datas em que se realizava estivessem também relacionadas com alguma festa religiosa, como se referiu anteriormente.

A palavra feira provém do latim *feria*, singular de *feriae*, que significa dias de descanso, feriados ou férias, o que poderá derivar desta relação inicial que as feiras tinham com os feriados

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/feira> [consultado em Junho de 2016]





Fig. 7| Feira da Vandoma.

Vista de um dos corredores.

religiosos. Hoje em dia, tanto a periodicidade, como as datas em que decorrem, divergem do seu sentido original, sendo que muitos casos começaram a ser instituídos desprovidos desse significado, realizando-se durante o decorrer da semana de trabalho, o que vai contra o significado original da palavra de “dia de descanso”. Pode-se, porém, considerar que é a própria ida à feira essa forma de ócio e de descanso.

Noutro parâmetro, a feira é ainda relacionada com confusão e balbúrdia, que são, de facto, características que rapidamente nos vêm à memória quando pensamos nelas e que rapidamente nos ressaltam em fotografias ilustrativas (Fig. 7). De tal forma, que se utiliza muitas vezes em expressões populares para se referir a algo que está desarrumado, dizendo-se que “está uma feira”. É este sentido de balbúrdia e desordem que está já enraizado na essência e na nossa percepção daquilo que é a feira. Os espaços conseguem atrair grandes afluentes de pessoas, o constante movimento, as bancas desarrumadas, as conversas e os chamamentos dos feirantes que publicitam os seus produtos tornam-se uma constante, em maior ou menor escala, seja qual for a feira que frequentamos.

Por outro lado, aparece também bastante relacionado com os conceitos de praça e de espaço público. No Porto, há vários séculos atrás, “(...) quando toda a cidade era um mercado, o mercado era, na



**Fig. 8|** Feira da Senhora da Hora.

Fotografia de conversas entre comerciantes e clientes.

cidade, a Praça, o centro da vida comercial e manufactureira, centro também da vida social.”<sup>19</sup> Apesar da autora se referir ao mercado, considera o mercado antes da existência do edifício de mercado, podendo-se estender esta citação para as próprias feiras. A sua capacidade de atrair pessoas torna-a mais eficaz que grande parte dos espaços públicos das cidades actuais. À semelhança do que refere Jan Gehl, “As pessoas são atraídas por outras pessoas”<sup>20</sup>, e é este fenómeno social que aqui se comprova. A adesão que a feira tem à partida, por parte dos compradores, atrai mais pessoas, que podem até ir sem a intenção de comprar, mas vão num movimento social, de ver e ser visto. O ambiente informal torna-se propício para estas reuniões. São várias as conversas, ecoam o burburinho das palavras trocadas entre comerciantes e compradores.

“Espaço de troca, mas também espaço de sociabilidade, onde a festa, a animação, o prazer e o excesso ocupam um lugar preponderante, eis a feira tradicional.”<sup>21</sup>

Gehl, defende ainda que, quando os espaços exteriores são de pouca qualidade, as actividades que neles se realizam são apenas as estritamente necessárias. À semelhança do que acontece

---

<sup>19</sup> NONELL, Anni Gunther. Op. Cit. P. 20

<sup>20</sup> GEHL, Jan. *Life between buildings : using public space* ; transl. by Jo Koch. - 6 th ed. - Kobenhavn : The Danish Architectural Press, 2010. P. 23 - "People are attracted to other people"

<sup>21</sup> ALVES, Jorge Fernandes. Op. Cit. P. 155





**Fig. 9** | Feira de Vila do Conde.

Fotografia aérea.

com as feiras - que ocupam normalmente terrenos baldios, parques de estacionamento ou mesmo o passeio da rua - num dia normal, a sua utilização é bastante reduzida. Contudo, ao incutir nestes espaços de qualidades reduzidas, uma actividade necessária ao quotidiano, é-lhes proporcionado um novo uso e uma nova vivência. O espaço passa a fazer parte das necessidades humanas. Enquanto espaço público, o desenho pode não ser o mais cuidado e pensado, mas é a vivência que se tem e a apropriação que os vendedores fazem do espaço que o torna cativante.

## O MERCADO

A ideia de mercado remonta até à antiguidade clássica, com lugar na ágora ou até mesmo no interior do recinto dos templos, como refere Lewis Mumford<sup>22</sup>, ainda que na altura não tivesse esta mesma denominação. Apenas recentemente, quando encontra um lugar na cidade é que ganha tal conceito. Esta ligação do mercado com a religião e com a igreja continuou desde essa época, até à Idade Medieval, de forma semelhante à associação que se verificou existente entre as feiras e a Igreja, desde a sua localização, às próprias datas. Também aqui se verifica a proximidade entre estes dois conceitos, apropriando-se das características um do outro, dificultando a distinção concreta entre ambos, até porque, Lewis Mumford considera a feira como uma das vertentes do mercado clássico - “(...) as duas formas clássicas do mercado, a praça aberta ou o bazar coberto, e a rua de barracas ou de lojas (...)”<sup>23</sup>.

“Como os demais componentes originais da cidade, o mercado pode existir como uma entidade separada, sem trazer à existência mais do que abrigos temporários: algo desta qualidade evanescente permanece ainda nas feiras semanais de várias cidades europeias, inclusive as grandes, com suas caravanas motorizadas de vendedores e suas barracas provisórias.”<sup>24</sup>

Quando Mumford se refere aos dois tipos de mercado, imaginando o referido mercado de praça aberta ou a rua com barracas, a imagem visual que surge assemelha-se bastante à ideia que temos actualmente da feira, daí a referência que o autor acerca da qualidade evanescente que existia nos mercados da antiguidade e, que continua a existir actualmente. Entende-se, então, que, esta qualidade temporária que hoje em dia achamos inerente apenas às feiras, fez também, em tempos, parte dos mercados, numa época em que não tinha ainda um edifício próprio, eram essas barracas provisórias que albergavam os comerciantes e as suas mercadorias. Comprova-se, portanto, mais uma vez a dificuldade de separar os dois conceitos de outra forma que não como diferentes subcategorias de um tipo de mercado.

“Mercado - feira, lugar público onde se vende toda a casta de coisas necessárias para a subsistência e comodidade da vida (...) o mercado difere da feira em que o mercado é só relativo a uma cidade ou vila em particular: enquanto que a feira respeita a uma ou mais províncias”<sup>25</sup>

De facto, na definição de José Ferreira Borges, o mercado não é mais do que uma feira com uma escala mais pequena, tanto na medida da gama de produtos que apresenta como da população a que serve. Tem também uma frequência mais regular do que a feira, sendo nor-

---

22 MUMFORD, Lewis. *A cidade na história : suas origens, desenvolvimento e perspectivas*. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1982.

23 Ibidem P. 85

24 Ibidem P. 84

25 BORGES, José Ferreira. Op. Cit. P. 250

malmente diário ou semanal, ao passo que as feiras, como estavam na época relacionadas com eventos religiosos ou mensais, teriam uma frequência mais espaçada.

Portanto, segundo Ferreira Borges, o mercado concentra-se em produtos alimentares e bens essenciais ao quotidiano, uma vez que o seu propósito seria o de servir uma comunidade local. A feira, por outro lado, apresenta uma diversidade mais abrangente. A sua capacidade de reunir e atrair pessoas de diferentes regiões, que se deslocam ao local propositadamente para comercializar os seus produtos, possibilitava uma diversidade de mercadoria muito maior. Trata-se de um tipo de comércio mais abrangente do que o dos mercados, funcionando à escala de regiões e não de cidades ou vilas, como os mercados.

“Actividade de comércio a retalho, em recinto fechado (loja) ou estrutura inamovível (banca), destinado fundamentalmente à venda de produtos alimentares e de outros produtos de consumo diário generalizado.”<sup>26</sup>

Actualmente, a definição de mercado separa-se da apresentada por Lewis Mumford e da sua qualidade evanescente, contrastando também da definição dada à feira pela especificação do carácter fixo, quer seja em recinto fechado ou numa estrutura fixa, pelo que é um tipo de comércio sedentário, em que o comerciante tem sempre o mesmo local para a sua actividade. Ainda assim, continua a corroborar a visão de Ferreira Borges na medida da gama de produtos que comercializa, mais direccionados para o sector alimentar ou de consumo diário.

Ainda noutra definição, o Regime Jurídico de Acesso e Exercício de Actividades de Comércio, Serviços e Restauração<sup>27</sup>, considera o mercado municipal como um recinto fechado e coberto que é explorado pela câmara municipal ou pela junta de freguesia, destinado apenas à venda a retalho de produtos alimentares, organizado por lugares de venda independentes com zonas e serviços comuns. Neste caso, a confusão entre mercado e feira não tem margem para dúvidas e são claramente distanciados ambos os conceitos pela necessidade do mercado ter uma infraestrutura fechada, contrariamente à feira. Ainda assim, entra uma vez mais em conflito com o que percebemos por mercado, uma vez que, segundo esta definição o recinto deve estar coberto o que não acontece, por exemplo, com o Mercado do Bolhão, apesar de ser num recinto fechado, não é completamente coberto.

Apesar destas definições caracterizarem quase sempre o mercado como um tipo de comércio mais direccionado para a venda de produtos alimentares, a *National Association of British Market Authorities* (NABMA)<sup>28</sup> caracteriza diferentes tipos de mercados: o “mercado gene-

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/cidadaos/guiatematico/atividadeseconomicas/feirasmercadosevendaambulante/mercado/Paginas/actividade.aspx> [consultado em Julho de 2016]

<sup>27</sup> Decreto-Lei nº 10/2015 de 16 de Janeiro do Ministério da Economia, 2015

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.nabma.com> [consultado em Maio de 2016]





Fig. 10| b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

Fotografia da relação do piso térreo com os restantes.

ralista”, aberto a todos os tipos de vendedores e sem se especializar em nenhum tipo de produto; o “mercado de produção local” que, tal como o nome indica, foca-se em comercializar produtos locais, quer seja de alimentação, artesanato ou outra gama de produtos; e por fim os “mercados especializados”, vocacionados para uma temática específica.

Embora actualmente a distinção entre feira e mercado seja feita mais directamente através da associação do mercado ao seu edifício e da feira ao recinto ao ar livre, percebe-se, portanto, que nem sempre foi assim tão linear e que a diferença não poderia constar apenas do local onde se instalava um e outro. De facto, o nascimento do mercado com edifício próprio surge, não só de uma crescente preocupação com as questões de higiene e de conservação dos produtos, mas também de uma nova preocupação e visão sobre o tema da cidade que se verifica ao longo do século XVIII, iniciada em França. Começa a existir, nesta época, uma preocupação e uma procura de relação entre o edificado e o espaço urbano. O espaço urbano deve ser também desenhado e responder às necessidades do edificado e da população. Em Portugal, só a partir de 1763, com a gestão urbanística encarregue a João de Almada, é que o planeamento dos mercados no contexto da cidade começa a ser pensado e a seguir esta crescente preocupação que se verificava no resto da Europa face aos edifícios públicos.

Ainda assim, mais uma vez se nota que esta definição pode ser mais abrangente, mesmo quando há um recinto fechado que inclui o mercado, o ambiente e a forma como este edifício se



**Fig. 11** | b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

Fotografia de um dos corredores.

traduz pode ser manipulado para se assemelhar mais ao que sentimos numa feira.

Em Barcelona, o *Mercat des Encants*, desenhado pelo atelier b720 Fermín Vázquez Arquitectos, combina os dois conceitos. Organizado como uma praça em diferentes níveis, em que o nível superior funciona como um corredor em rampa que contorna o edifício e desce em direcção ao nível inferior. Em ambos os níveis é utilizada uma combinação de estruturas fixas com estruturas amovíveis, leves e desmontáveis. As estruturas fixas funcionam, em alguns casos, como lojas, concentrando-se principalmente nos níveis superiores do mercado. No nível inferior, estas são substituídas por módulos de proporções mais reduzidas apenas para armazenamento, complementados com estruturas desmontáveis dispostas à frente do módulo de armazenamento, semelhantes às utilizadas nas feiras tradicionais portuguesas, para exposição dos produtos (Fig. 11).

À semelhança do que se observa nos casos de estudo que serão abordados mais à frente nesta dissertação, também neste mercado estão desenhadas no chão as marcações dos loteamentos correspondentes a cada feirante, principalmente no piso térreo, em que a zona central, com o pé direito total, funciona como uma grande feira interna ao edifício, apenas com mesas montadas e panos estendidos no chão com os diferentes produtos dispostos em cima.

Desenhado com uma cobertura suspensa por pilares e com as laterais abertas, apenas com guardas dos pisos superiores ou os próprios módulos de armazenamento ou lojas a perfazer o

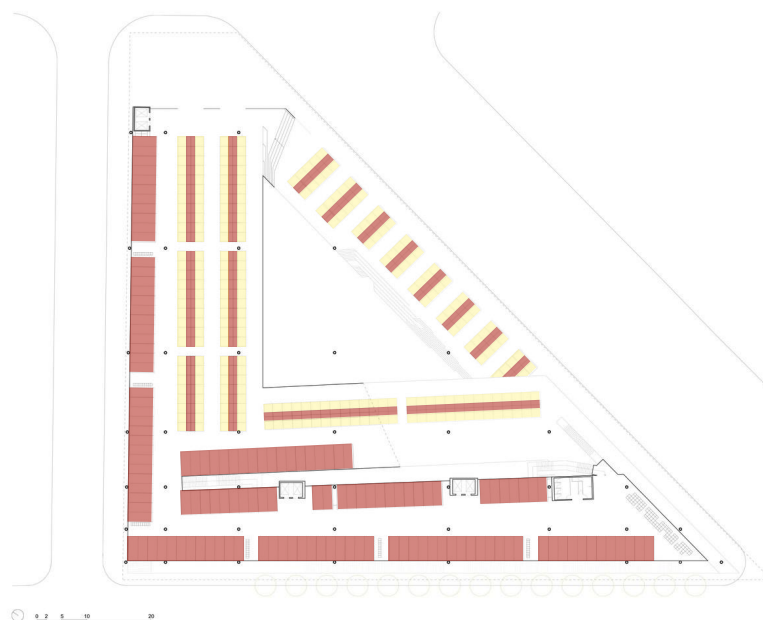


**Fig. 12** | b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

Planta do piso térreo com as estruturas fixas (vermelho) e móveis (amarelo) assinaladas.

perímetro do edifício, este mercado permite que o visitante tenha uma sensação de exterior, de praça coberta, em vez do recinto fechado que é descrito nas definições anteriores. É esta ambiguidade entre interior e exterior que permite que o *Mercat des Encants* se torne um híbrido entre estes dois conceitos. Concentra a ideia do recinto fechado, coberto e de permanência no mesmo local que define o mercado com a abertura, a confusão e até mesmo as estruturas desmontáveis inerentes ao ambiente da feira.

Apesar das associações ao espaço público, o mercado revelar-se-ia mais eficaz neste sentido de activar esses pontos da cidade e de atrair pessoas para os locais onde se realizava, uma vez que a sua frequência seria maior do que a das feiras. Estas, apesar do grande movimento e adesão de pessoas que tinham nos dias em que se realizavam, falhavam na tarefa de oferecer um propósito e uma vivência para esses locais no restante dia-a-dia, tendo em conta que, por se tratarem de algo temporário, com meios e instalações também eles temporários e portáteis, nos dias em que a feira não estivesse a decorrer seria impossível de prever o ambiente que o local teria. Já no caso do mercado, o seu carácter diário, instituído num local fixo contribuía para que esse espaço se tornasse um dos principais espaços públicos e colectivos do dia-a-dia dos cidadãos, uma vez que a afluência e movimentação de pessoas era constante, nas suas compras diárias ou nos seus passeios. Esses espaços tinham sempre um uso e um propósito.



**Fig. 13** | b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.  
Planta do primeiro piso com as estruturas fixas (vermelho) e móveis (amarelo) assinaladas.









## **OS ESPAÇOS URBANOS**

**Fig. 14|** Feira dos Carvalhos.  
Vista da entrada pela Rua Gonçalves de Castro.

## O LUGAR NA CIDADE

1. Feira de Aldoar | 2. Feira do Livro | 3. Feira das Plantas e Flores | 4. Mercado Porto Belo (Carlos Alberto)  
5. Feira da Rua Cândido dos Reis | 6. Feira da Ribeira | 7. Feira de Numismática, Filatelia e Coleccionismo  
8. Feira dos Passarinhos | 9. Feira de Antiguidade e Velharias | 10. Feira da Vandoma | 11. Feira do Cerco

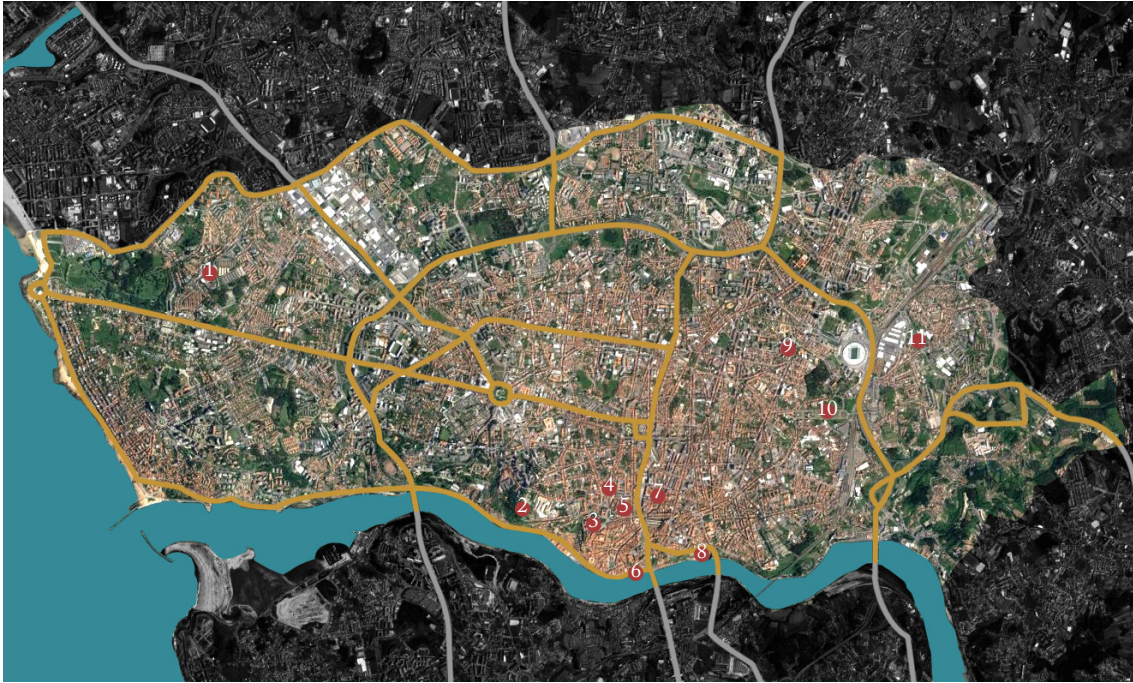


Fig. 15| Vista aérea do Porto.

Assinaladas as principais vias (amarelo) e feiras (vermelho) realizadas em Setembro de 2016.

Passando agora a uma análise mais urbana, consideraram-se os concelhos do Porto e de Vila Nova de Gaia para uma percepção da relação das feiras com o contexto da cidade. Percebe-se, no capítulo anterior, que a partir do século XVIII houve uma descentralização das feiras para as periferias que perdura até os dias de hoje. Ainda assim, após a identificação de várias feiras no mapa de ambos os concelhos, verificam-se dois momentos distintos: no concelho de Vila Nova de Gaia, as feiras são mais dispersas, espalhadas por diferentes freguesias, distando significativamente umas das outras; no concelho do Porto, apesar de haver alguns casos mais afastados para as periferias, observa-se uma grande concentração e predominância na zona da baixa portuense, correspondente a feiras mais recentes, como é o caso das feiras da Praça Carlos Alberto e na Cordoaria. Esta concentração de feiras no centro da cidade do Porto, resulta do esforço de reactivação da baixa portuense que se viu ter começado em 1992 e continua até aos dias de hoje. Por outro lado, trata-se também da implementação de uma diversidade de feiras especializadas na baixa portuense, como a Feira dos Passarinhos, que substitui a Feira da Vandoma no Passeio das Fontainhas ou a Feira de Plantas e Flores na Cordoaria, ao passo que as que se encontram mais periféricas, tanto no concelho do Porto como de Vila Nova de Gaia, são feiras que comercializam uma gama de produtos mais abrangente e que conseguem, portanto, servir de forma mais eficaz as regiões vizinhas.

Esta vontade de activar pontos da cidade comprova-se pela alteração da própria Feira da Vandoma, uma das feiras mais emblemáticas da cidade do Porto, do Passeio das Fontainhas para

1. Feira da Afurada | 2. Feira de Canidelo | 3. Feira do Cais de Gaia | 4. Feira de Quebrantões  
5. Feira de Vilar de Andorinho | 6. Feira de Vilar do Paraíso | 7. Feira de Arcozelo | 8. Feira dos Carvalhos



**Fig. 16|** Vista aérea de Vila Nova de Gaia.

Assinaladas as principais vias (amarelo) e feiras (vermelho) realizadas em Setembro de 2016.

a Avenida 25 de Abril, em Campanhã. Segundo as notícias<sup>29</sup>, a mudança foi motivada pelas contínuas queixas de moradores sobre o barulho, devido à proximidade das habitações com o local de comércio e a enorme adesão que a feira demonstrava semanalmente. Embora não fosse a sua localização original, a feira vê-se agora afastado do centro da cidade para a sua quarta localização, num local mais periférico. A mudança foi contestada quer por feirantes, quer por compradores. A 13 de Novembro de 2015 em Assembleia Municipal, o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira refere que “Nós acreditamos, todos, numa cidade de mosaicos, em que não deve haver mosaicos, repito, proscritos. Em que afinal, toda a cidade no futuro, possa ser centro.”<sup>30</sup> Esta declaração demonstra que a alteração da Feira da Vandoma não advém somente de necessidades espaciais e dos moradores, mas também de uma necessidade urbana da cidade.

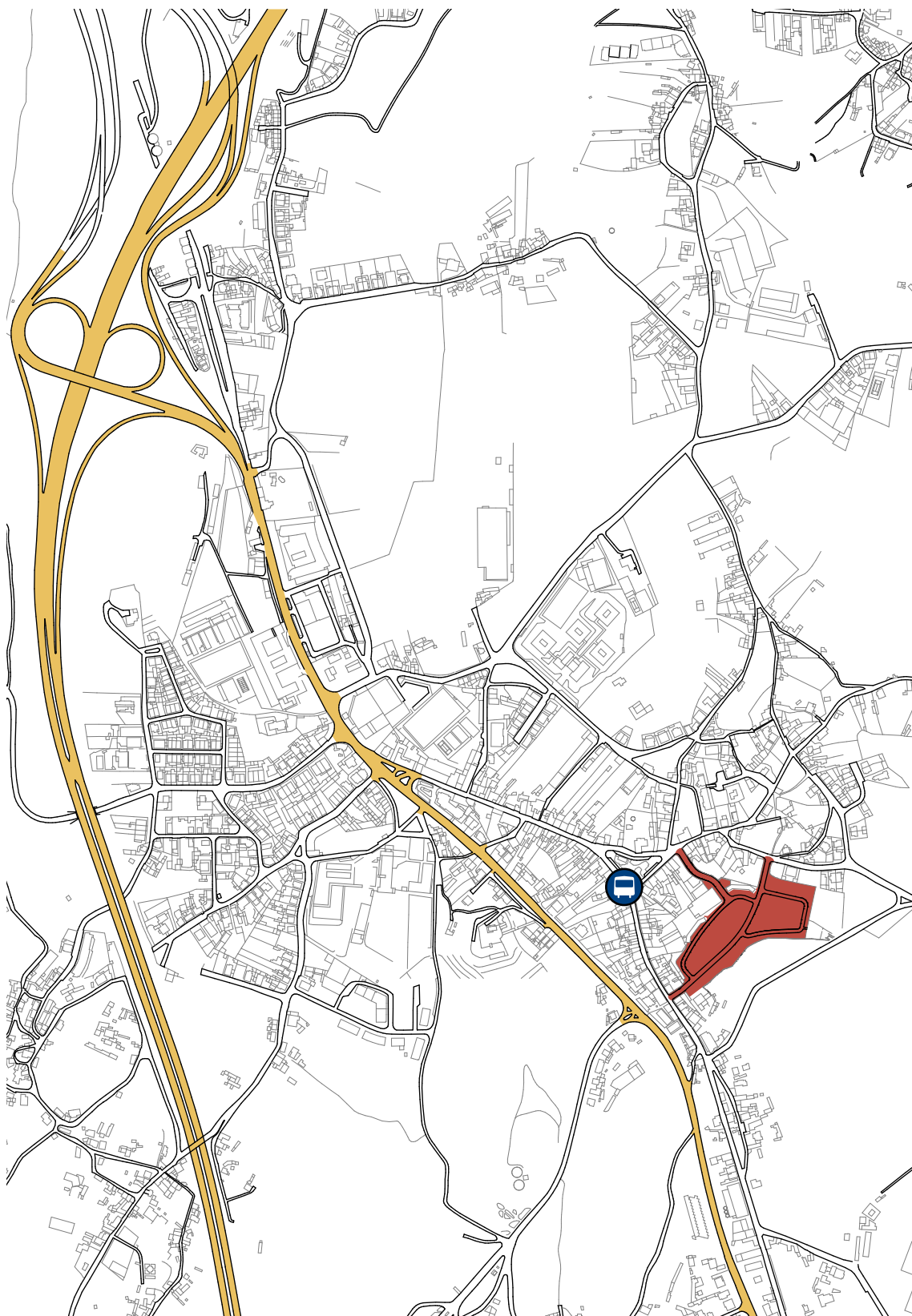
Desde a sua origem que as feiras são associadas ao caminho, pela sua capacidade de ligação e abastecimento das povoações. De facto, quando observados os mapas de Vila Nova de Gaia

---

<sup>29</sup> "Para as próximas semanas estão previstos melhoramentos logísticos e pequenos acertos de organização, mas a aposta da deslocalização da feira para uma avenida onde não existe o conflito com os moradores e o espaço permite que toda a gente tenha lugar, parece já ganha." Disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/feira-da-vandoma-arrancou-hoje-na-quarta-localizacao-da-sua-historia/> [Consultado em Julho de 2016]

<sup>30</sup> MOREIRA, Rui. Assembleia Municipal do Porto, a 13 de Novembro de 2015





**Fig. 17|** Feira dos Carvalhos.

Marcação das vias principais (amarelo), da localização de transportes públicos (azul) e da própria feira (vermelho).

e do Porto, onde estão marcadas a amarelo as estradas principais, verifica-se que as feiras se realizam nas proximidades das saídas destas estradas. A facilidade de acesso, proximidade a paragens de transportes públicos tornam-se portanto, factores essenciais aquando da decisão de escolha das novas localizações (Fig. 17). A sua existência ao longo dos principais eixos de circulação, marca, mais uma vez, o carácter nómada e móvel inerente a este tipo de comércio e permite, também, que a feira tenha uma capacidade de abastecimento mais abrangente, chegando a povoações próximas daquela onde tem lugar. A Feira de Espinho, por exemplo, atrai compradores de Vila Nova de Gaia, Aveiro e Porto, conduzidos pelas suas grandes dimensões e popularidade. O papel central que as feiras outrora tiveram na cidade está actualmente substituído por este deslocamento para a periferia, no entanto, como se pôde já comprovar, a sua localização não pode ser tida como uma constante.

À medida que se começa a aproximar a escala de análise destes espaços, verifica-se que as referidas feiras periféricas, se localizam em zonas predominantemente residenciais, mas que, ainda assim, têm uma malha urbana pouco densa (Fig. 14), especialmente no caso do concelho de Vila Nova de Gaia, corroborando o que se defendia já no capítulo anterior, de que a feira não deveria importunar o decorrer da vida quotidiana.

Publicado no Decreto-Lei nº 42/2008 de 10 de Março, o Artigo 20, referente aos recintos em que as feiras se podem localizar, enumera uma série de parâmetros que permitem que a feira se realize em recintos ao ar livre ou interior desde que, como é referido na alínea 1.a, "O recinto esteja devidamente delimitado, acautelando o livre acesso às residências e estabelecimentos envolventes;"<sup>31</sup>. A actividade da feira não se deve misturar com as actividades do quotidiano, no sentido de não as perturbar. Com a visita aos diferentes casos de estudo desta dissertação, percebe-se que é impossível que a realização da feira não afecte o ambiente envolvente, tal como acontece na Feira da Senhora da Hora, por exemplo, que tem lugar aos Sábados de manhã, num parque de estacionamento. Do outro lado da rua, alguns cafés vêm o seu movimento de clientes aumentado pela grande quantidade de pessoas que visita a feira e que procuram depois um lugar para comer ou apenas descansar.

Por outro lado, os limites referidos na alínea citada nem sempre se demonstram como sendo os limites físicos a que estamos habituados, na medida em que nem sempre são paredes ou barreiras que delimitam os recintos. Embora em muitos destes casos o recinto esteja envolto por muros ou edificações, com as suas entradas bem demarcadas, como acontece nos casos da Feira dos Carvalhos, de Canidelo, de Senhora da Hora ou até da Ribeira, noutras situações, estes limites resumem-se apenas aos passeios, como acontece na Feira de Espinho, da Vandoma ou Cais de Gaia. Na Feira de Espinho, de forma a reforçar esta delimitação e proteger o local da feira da circulação automóvel das ruas circundantes, cria-se um muro de carrinhas

---

31 Decreto-Lei nº 42/2008 de 10 de Março do Ministério da Economia e da Inovação, 2008



**Fig. 18** | Feira de Espinho.

Vista da Rua 22.

dos feirantes, cobertas com os toldos, que perfaz grande parte do perímetro da feira (Fig. 18).

Ainda assim, apesar das diferentes localizações e contextos, há determinadas características que lhes são transversais, talvez pelo seu carácter nómada, mas existe sempre um conjunto de características que se associa de imediato ao lugar da feira que transcende o espaço físico. Levanta-se, então, a questão acerca do que é então este "lugar".

“O que, então, queremos dizer com a palavra "lugar"? Obviamente queremos dizer algo mais do que localização abstracta. Queremos dizer uma invenção completa de coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas estas coisas determinam um "carácter ambiental" que é a essência do lugar.”<sup>32</sup>

Relativamente a esta questão, Norberg-Schulz refere-se ao lugar como o resultado do conjunto das experiências que o usuário tem ao viver um determinado espaço. Este carácter do am-

---

**32 NORBERG-SCHULZ, Christian.** *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture.* - 1st ed. - New York : Rizzoli, 1980 P. 6 e 7 - “What, then, do we mean with the word “place”? Obviously we mean something more than abstract location. We mean a totality made up of concrete things having material substance, shape, texture and colour. Together these things determine an “environmental character” which is the essence of place.”





**Fig. 19** | Feira de Santana.

Vista de um corredor do sector têxtil.

biente, ou como pode ser entendido por Pether Zumthor, a sua "atmosfera"<sup>33</sup> são os elementos que definem o lugar. Apesar do seu carácter temporário, pode-se dizer que a atmosfera das feiras não depende totalmente do espaço que ocupam. Os princípios referidos por Zumthor, da cor, dos sons, da luz, são transversais aos diferentes casos de estudo, formando-se uma linguagem e um ambiente que é facilmente reconhecível e o qual associamos de imediato a esta forma de comércio.

Percorrendo os diversos artigos e regulamentos existentes sobre as feiras, percebe-se que existe uma sectorização na sua organização relativa aos produtos comercializados. Desde produtos têxteis a produtos alimentares, a diferença entre estes sectores pode ser identificada, em certos casos, recorrendo à análise da sua atmosfera. De uma forma geral, o sector correspondente aos produtos têxteis e de vestuário (Fig. 19) tem uma atmosfera mais encerrada, servindo-se de estruturas com toldos bastante elevados que se prolongam para além do lote destinado ao feirante, invadindo o espaço de circulação e, por vezes, quando o corredor de circulação é mais estreito, unem-se aos do lado oposto. Sente-se, assim, uma atmosfera mais escura e protegida do exterior.

---

**33 ZUMTHOR, Peter.** *Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam*, Trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006.



**Fig. 20** | Feira de Santana.

Vista de um corredor do sector alimentar.

Em oposição, nos sectores alimentares ou de outras miudezas (Fig. 20), as estruturas estão mais restritas ao espaço do feirante e do produto, de menores dimensões e menos evasivas para o corredor, tornando a área mais aberta e luminosa.

Quando revisitados noutros dias, sem o contexto da feira, estes espaços são desprovidos da atmosfera que se sentia antes. São geralmente espaços descaracterizados e pouco utilizados, de passagem, aos quais o nosso cérebro não consegue associar uma referência da sua identidade ou de algo que os caracterize, uma vez que são quase desprovidos de emoção. Marc Augé descreve este fenómeno como não-lugares.

"Se um lugar se pode definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico, definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é que a sobremodernidade é produtora de não-lugares, quer dizer de espaços que não são eles próprios lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelaireana, não integram os lugares antigos: estes repertoriados, classificados e promovidos a "lugares de memória", ocupam nela uma área circunscrita e específica."<sup>34</sup>

---

**34 AUGÉ, Marc.** *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*; trad. Miguel Serras Pereira. - [Lisboa] : Editora 90º, 2005. P. 67





**Fig. 21** | Feira de Canidelo.

Vista de um dia da semana, sem feira.

Um não-lugar é, portanto, considerado como um espaço residual, de passagem e sem identidade própria. Quando a um espaço lhe é atribuído valores históricos, de identidade, características que podem ser associadas e guardadas na memória, passa-se então a falar do lugar considerado por Marc Augé, espaços onde a permanência do habitante é mais alongada e que são capazes de oferecer algo ao utilizador.

Pode-se, portanto, considerar que grande parte dos locais que acolhem as feiras actualmente, desde parques de estacionamento a ruas, se englobam neste conceito de não-lugares. Ainda assim, nos dias em que a feira decorre, o ambiente transforma-se e o espaço ganha uma nova identidade, ainda que temporariamente. Nestes dias, o não-lugar converte-se em lugar, o espaço de passagem vê o seu nível de utilização aumentado, permitindo que seja criada uma relação sensorial entre o espaço e o visitante. Esta capacidade de transformação é introduzida por Giovanni La Varra como *Post-it city*.

## A CIDADE DE POST-ITS



Fig. 22| Carrinha de venda de cerejas.

Fotografia de uma carrinha a vender cerejas em Canidelo, Vila Nova de Gaia.

“(...) a natureza do espaço público mudou, na medida em que uma praça pode ser um aeroporto, que um estacionamento pode ser uma praça, que um terreno baldio pode tornar-se acolhedor.”<sup>35</sup>

Segundo o arquitecto italiano, Giovanni La Varra, o conceito de espaço público tradicional - da praça e do jardim - tem sido substituído por uma noção contemporânea mais abrangente daquilo que pode ser entendido como tal. Para o autor, esta nova definição passa a ser considerada como qualquer local que seja capaz de acolher diferentes pessoas e as suas actividades, sejam estes de permanência ou de passagem. Cada vez mais se observa pela cidade apropriações de espaços pelos seus usuários, seja por um comerciante que ocupa a berma da estrada (Fig. 22), por lojas temporárias que tiram proveito do passeio e do local de passagem das pessoas (Fig. 23) ou até mesmo um café que utiliza o que antes seria apenas o passeio da estrada para a sua nova esplanada.

O planeamento e desenho do espaço público tradicional faz com que o espaço e as regras com que foi concebido se imponham ou sobreponham às pessoas e suas actividades. No seu texto, La Varra refere que “o espaço público tradicional é sempre vago, anacrónico, frequentemente

---

35 LA VARRA, Giovanni. *Post-It City. O último espaço público da cidade contemporânea*. In *Post it city : ciudades ocasionales = cidades ocasionais = occasional urbanities*, Ed. Martí Peran. - Barcelona : SEACEX, 2009. P. 46





Fig. 23| Módulo de venda de gelados Olá.

Fotografia de um módulo portátil da marca Olá no Passeio Alegre, Porto.

não utilizado.”<sup>36</sup> e que, como resposta à cidade contemporânea, é feita antes uma mudança nas formas de viver e de habitar o espaço, de tal forma que são criados o que o autor chama de *post-it* espalhados pela cidade, facilmente adaptados e mudados para diferentes contextos. Resultante de uma sociedade acelerada, onde a Internet, a facilidade de meios de transporte e de comunicação e a crescente oferta tem levado a uma população cada vez mais nómada e desprendida, a cidade deve ser também capaz de acompanhar as necessidades da sua população, numa época de movimento e novidade, o espaço público tem que ser capaz de acompanhar a rapidez de pensamento e de alteração.

A feira apresenta-se, então, como uma manifestação deste espaço público contemporâneo apresentado por La Varra. Ocupando uma grande variedade de espaços, desde parques de estacionamento e terrenos baldios, a ruas e praças, a feira apropria-se desses locais para e confere-lhes um significado distinto temporariamente. Torna-se uma apropriação temporária e pessoal de cada feirante, tirando partido das estruturas e da sua ocupação do espaço de forma distinta. Este tipo de apropriação é traduzido no conceito já referido de *Post-it city*, designando “(...) um dispositivo de funcionamento da cidade contemporânea referente às dinâmicas da vida colectiva fora dos canais convencionais. (...) formas de ocupação temporária do espaço

---

36 LA VARRA, Giovanni. Op. Cit. P. 46



**Fig. 24|** Mercado de Marklong (Marklong Railway Market)

Sequência de imagens que mostram os feirantes a recolher os toldos para a passagem do comboio.

público para diversas actividades (...)”<sup>37</sup>

Quando os *Post-its* são utilizados em livros, funcionam como uma forma de acrescentar informação a uma determinada página ou de realçar e sintetizar um assunto que pareceu importante, tornando possível acrescentar notas à página sem danificar o conteúdo do livro. Uma vez cumprido o seu propósito, o *Post-it* é facilmente retirado, sem que haja registo que alguma vez lá esteve. É a partir desta génese que o conceito é criado. Estes fenómenos que acontecem a nível urbano, têm a capacidade de se apropriar e de transformar o espaço, sempre de uma forma temporária e móvel, sem causar danos ou alterar o carácter desse local a longo prazo, e realçando características que não são potenciadas com a sua utilização actual.

As feiras aparecem, portanto, enquadradas neste conceito pela sua organização informal e capacidade de transformar um determinado espaço - seja uma praça, um descampado ou um parque de estacionamento - e fazer com que o visitante tenha sensações e experiências que não teria noutro dia. Na Tailândia, por exemplo, o Mercado de Maeklong (*Marklong Railway Market*) ocupa uma parte do comprimento de uma linha férrea onde circulam comboios várias vezes ao dia (Fig. 21). Os feirantes apropriam-se de toda a largura da rua, os toldos invadem o espaço acima da linha de comboio e vêem-se vários produtos alimentares pousados no chão ao longo da rua. Com um movimento cronometrado e quase sincronizado, momentos antes da passagem do comboio, os feirantes agarram as estruturas que suportam os toldos e recolhem-nos. A rua esvazia-se para permitir passagem ao veículo, para logo de seguida voltar ao ambiente de feira. Uma rua que seria apenas de passagem, quer de comboios quer de pessoas, ganha uma nova vivência e utilização e enche-se de movimento enquanto permite simultaneamente a sua utilização normal.

“A quadrícula desenhada nos gabinetes dos arquitectos e urbanistas acentua a legibilidade do espaço, mas esta mesma natureza codificada do território urbano silencia-o como espaço vivido, reduzindo-o à condição de espaço disciplinado.”<sup>38</sup>

Por outro lado, a quadrícula desenhada, referida por Martí Perran, é vista, no âmbito do estudo do espaço público, como um elemento de restrição e de controlo sobre as actividades dos seus utentes. O estudo dos espaços das feiras permite perceber que estas, apesar de também obedecerem uma regra quadriculada de loteamento e organização dos espaços de venda, por se tratar de um tipo de ocupação mais pessoal e informal, acaba por não ser limitado por essa divisão rígida. Cada feirante utiliza o espaço que lhe é destinado de forma diferente, utilizando diferentes estruturas, manejando os toldos de diferentes formas ou com diferentes materiais e por vezes com as suas carrinhas estacionadas atrás ou ao lado dos seus postos. Deste modo, o

---

37 PERAN, Martí. *Post-It City. O último espaço público da cidade contemporânea*. In *Post it city : ciudades ocasionales = cidades ocasionais = occasional urbanities*, Ed. Martí Peran. - Barcelona : SEACEX, 2009. P. 43

38 *Ibidem* P. 43





**Fig. 25** | Feira de Espinho.

Comparação em dia de feira e em dia sem feira.

percurso pela feira nunca é constante, e, até as mesmas estruturas podem definir os corredores de formas distintas, quando unidas ou agrupadas entre si.

Esta forma de apropriação pessoal pode ser incluída no que Martí Perran considera por “urbanismo informal”<sup>39</sup>. É, portanto, um método de urbanismo não desenhado por arquitectos ou urbanistas, mas sim pelos usuários e adaptado às suas necessidades e actividades. Surge como uma resposta à sobre-organização da cidade, às restrições e regras impostas pela sociedade e pelos espaços desenhados que controlam e conduzem a forma como os utentes os devem utilizar, de forma a que a liberdade com que os vivem evite qualquer situações de confronto.

“O espaço público resultante deste sonho de felicidade é, pois, um território delimitado por uma espécie de barreira redentora com consequências diretas: a anulação de situações de confronto e exploração entre determinados grupos, a repressão de qualquer vislumbre de discrepância e a exigência de uma vigilância constante que garanta a monotonia comunitária.”<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> PERAN, Martí. Op. Cit. P. 43

<sup>40</sup> Ibidem P. 43





**Fig. 26|** Feira dos Carvalhos.

Comparação em dia de feira e em dia sem feira.

A essência do ambiente da feira vai, portanto, de encontro a este "sonho de felicidade" do espaço público. A própria definição da palavra e da nossa imagem mental difere da noção que Martí Perran escreve sobre o espaço público. A feira é um local de confusão, de barulho e de desordem, onde as situações de "confronto" não são evitadas, são, pelo contrário, fomentadas e procuradas. Ao caminhar pelos corredores das feiras são constantes os chamamentos dos feirantes que anunciam os preços baixos e os descontos, ou que abordam directamente o "menino" e a "menina" que passam, chamando-lhes a atenção para o óptimo negócio que lhes apresentam. O contacto entre desconhecidos que no espaço público é, normalmente evitado, aqui torna-se uma das características principais e mais marcantes. O carácter móvel e temporário da feira impede que haja, também, essa monotonia do espaço público tradicional. A versatilidade das estruturas permite que haja uma dinâmica distinta.

“Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades, são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis.”<sup>41</sup>

A cidade não pode, portanto, ser percepcionada como objecto, estática, apenas para ser apreciada pelas pessoas que nela vivem ou que a visitem. Deve ser percebida como um produto em constante alteração, que resulta das vivências dos habitantes e destas intervenções *Post-it*.

---

<sup>41</sup> LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso. - Lisboa : Edições 70, 1999. P. 11

Uma cidade estática, em que não haja espaço para o Homem e para as suas actividades, é uma cidade que não cumpre o seu propósito. A capacidade da cidade de se adaptar para as diferentes necessidades do quotidiano do Homem, é uma das características mais importantes que deve ser tida em conta aquando do desenho do espaço público. Ainda que este obedeça a um planeamento, deve existir uma certa ambiguidade que lhe permita esta mobilidade e adaptabilidade que é falada. A feira, é tão importante quanto o mercado fixo ou a loja de comércio sedentário. Por sua vez, Solomon Benjamin caracteriza esta adaptação da cidade para actividades quotidianas como urbanismo transformativo.

“O urbanismo transformativo refere-se à consciência popular que encontra uma base no materialismo, simultaneamente festivo e radical, definido pelas ações habituais cotidianas da construção da cidade: são disso testemunho os mercados ambulantes que se apropriam da paisagem das ruas (...)”<sup>42</sup>

Passando agora para a forma como o utilizador vivencia o espaço público, em vez de como este é organizado, o arquitecto Jan Gehl aborda essa temática no seu livro *Life between buildings*<sup>43</sup>. A expressão em si é curiosa, uma vez que permite perceber que tanto a cidade como a própria arquitectura e o espaço público vão além do próprio edifício. Apresenta também uma ideia mais vasta do que pode ser considerado como espaço público, sendo tudo o que está compreendido entre edifícios, desde o aeroporto ao terreno baldio como referia Giovanni La Varra. O espaço público deixa de ser, então, o espaço que é desenhado com esse propósito, podendo ser considerado até o espaço sem desenho e sobrança, a rua, o terreno baldio, o parque de estacionamento. O tipo de actividades que neles irão ocorrer dependerão, depois, das qualidades que estes têm para oferecer.

“Se a actividade entre edifícios estiver em falta, um dos lados da escala de contacto desaparece também. As variadas formas transitórias entre estar sozinho e estar acompanhado desaparecem. Os limites entre isolamento e contacto tornam-se mais definidos (...)”<sup>44</sup>

Segundo Gehl, a utilização e caracterização do espaço em si passa por dois tipos: quando o espaço não detém grande qualidade, a única utilização que tem é aquela que é estritamente

---

**42 BENJAMIN, Solomon.** *Os Urbanismos transformativos ou como Walter Benjamin arruina o capital imperial passeando por cidades ocupantes.* In *Post-It City. O último espaço público da cidade contemporânea.* In *Post it city : ciudades ocasionales = cidades ocasionais = occasional urbanities*, Ed. Martí Peran. - Barcelona : SEACEX, 2009. P. 50

**43 GEHL, Jan.** *Life between buildings : using public space.* - 6 th ed. - Kobenhavn: The Danish Architectural Press, 2010.

**44 Ibidem.** P. 17 - “If activity between buildings is missing, the lower end of the contact scale also disappears. The varied transitional forms between being alone and being together have disappeared. The boundaries between isolation and contact become sharper (...)”

necessária - tornam-se somente espaços de passagem; por outro lado, se o espaço for de grande qualidade, para além da utilização necessária, ocorre outro tipo de actividades opcionais de maior duração - situações de convívio, pessoas que se sentam a descansar e a desfrutar do espaço. Quando consideramos os espaços das feiras, tratando-se maioritariamente de espaços descaracterizados e sem grande oferta para o utilizador, fora do contexto da feira, são apenas locais de passagem, com um nível de utilização correspondente ao das actividades estritamente necessárias. São, como já foi referido anteriormente, não-lugares. Ao incluir uma actividade comercial, faz com que um espaço que continua a ser de qualidade reduzida, inclua uma actividade necessária ao quotidiano, o que tornará a sua utilização superior à dos restantes dias em que a única oferta é a de ligação e de percurso entre dois pontos.

Pode-se, portanto, dizer que é essa capacidade dos espaços *Post-it* de incluir num não-lugar - o referido espaço de qualidade reduzida - uma actividade necessária à vida humana, que permitirá esta conversão, ainda que temporária, em lugar. Ainda assim, considerando o que Gehl defende, esta não é a única razão para a atractividade das feiras: são as pessoas e as suas actividades os elementos de maior interesse e que concentram ainda mais pessoas no mesmo local. Ouvir e ser ouvido, ver e ser visto. A necessidade de contacto humano, ainda que sem interacção directa demonstra-se essencial, daí se verificar, tantas vezes, pessoas que frequentam feiras, mercados ou até mesmo centros comerciais sem intenção de comprar algum produto. Mais importante do que as características dos espaços em si, verifica-se esta qualidade que têm de possibilitar interacção social. É esta possibilidade que as feiras oferecem com maior liberdade, face a outros espaços públicos, uma vez que, como já se referiu anteriormente, se tratam de espaços onde as regras e inibições de uma sociedade controladora se mostram menos presentes.

“A cidade é uma arte de pessoas, uma experiência partilhada, o lugar onde o artista encontra o maior número de potenciais apreciadores.”<sup>45</sup>

---

45 BACON, Edmund. *Design of cities*. - Chicago: Penguin Books, 1974. P. 23 - “The city is a people’s art, a shared experience, the place where the artist meets the greatest number of potential appreciators.”

## TIPOLOGIAS



Fig. 27| Feira dos Carvalhos.

Proposta apresentada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia para a nova Feira dos Carvalhos.

O fenómeno das *Post-It Cities* ocupa a maior diversidade de espaços, conseguindo reconhecer ou atribuir características que noutras condições o visitante não conseguiria perceber. Focando agora a análise ao objecto de estudo, também as feiras abrangem um diverso número de espaços de características distintas, desde ruas, jardins, praças, parques de estacionamento. No livro *A Rua da Estrada* de Álvaro Domingues, o autor debruça-se também sobre este tema de ocupação das feiras, ainda que aliado ao tema global do livro, identificando, portanto, apenas dois grandes grupos: as feiras de rua e o campo de feira.

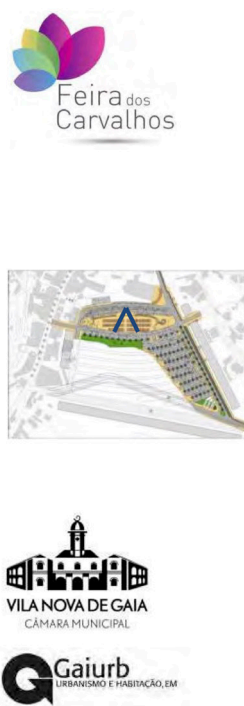
“Entre outras coisas, a cidade foi sempre um lugar de trocas e de comércio. Para as feiras e comércio de levante, havia sempre um terreiro ou um campo da feira. Mais tarde seria aí uma praça. Na estrada, a feira improvisa-se. Um camião de caixa aberta ou um tractor, uns abrigos de lona ou guarda-sóis, algumas cadeiras e caixotes são suficientes.”<sup>46</sup>

O autor identifica a principal diferença entre estas duas tipologias como sendo a capacidade de improvisar e de adaptabilidade que a feira de rua tem face ao campo de feira. A feira de rua, considerada como algo ainda mais temporário, apropria-se de qualquer berma de estrada com recurso a um reduzido número de elementos: mercadoria e compradores. O campo de feira,

---

46 DOMINGUES, Álvaro António Gomes. *A rua da estrada*. - Porto: Dafne, 2009. P. 126





Possibilidade de instalação de palco para a realização de eventos (concertos, teatros, exposições...).

Fig. 28| Feira dos Carvalhos.

Proposta apresentada pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia para a nova Feira dos Carvalhos.

por sua vez, é, para o autor, uma tipologia mais cuidada e desenhada, porque o próprio espaço assim lhe permite.

Apesar de ser utilizado como um conceito demasiado abrangente, percebe-se nesta referência ao campo de feira, a ligação patente, e já referida ao longo desta dissertação, entre a feira e o espaço público. Mais tarde seria aí uma praça, diz Álvaro Domingues. A feira acaba por se tornar, portanto, uma forte impulsionadora do espaço público, despertando a atenção por parte de entidades ou investidores. A vontade de querer rentabilizar ao máximo o seu espaço inicia processos de investimentos para aumentar a qualidade e atrair cada vez mais pessoas, seja em horário de feira ou fora dele. Os mais recentes exemplos são as propostas de requalificação lançadas para a Feira dos Carvalhos e de Vilar do Paraíso pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Na proposta para a Feira dos Carvalhos, desenhada pelo departamento de urbanismo da Câmara de Vila Nova e Gaia, a intervenção pauta-se pela colocação de umas estruturas de sombreamento semelhantes a guarda-sóis invertidos, de cores variadas, bem como a ampliação da feira, propondo um maior número de lotes e de estacionamento. Apesar da discutível qualidade da proposta, percebe-se uma vontade patente de dinamização dos espaços outrora despreocupados e deixados para segundo plano, para além do tempo da feira, visando a sua versatilidade, de forma a que possa até acolher concertos ou outro tipo de eventos (Fig. 28).

## FEIRA DE PRAÇA



Fig. 29 | Feira do Cais de Gaia.

Vista junto à rua.

Considera-se, portanto, ser essencial para o propósito desta dissertação aprofundar esta categorização das diferentes tipologias de feiras para além da feira de rua e do campo de feira propostos por Álvaro Domingues.

Começando pela que será chamada de Feira de Praça, a sua organização e planeamento é geralmente cuidado, normalmente segundo uma malha ortogonal hierárquica, com corredores de carácter principal, mais largos, cruzados com outros mais estreitos, de importância secundária.

Tendo em conta que nesta tipologia existe uma certa liberdade, quando comparada às restantes, as dimensões dos corredores são normalmente mais estreitos, uma vez que há a possibilidade de planear a distância entre os postos de venda, no que aparenta ser uma tentativa de tornar o espaço o mais eficiente e rentável possível. Os corredores mais estreitos e a proximidade entre os postos de venda de cada lado do corredor, tornam as feiras desta tipologia em ambientes mais fechados e escuros, o carácter de exterior perde-se e a feira fecha-se para si própria. Os toldos unem-se muitas vezes de um lado ao outro, deixando apenas aberturas de luz espontâneas na cobertura.

Uma vez que se implantam em praças delimitadas pelos próprios edifícios ou apenas pelos passeios, os limites tornam-se, por vezes, um pouco ambíguos e difíceis de identificar, como acontece nas Feiras do Cais de Gaia. Neste caso, pode-se considerar que o limite da feira serão



**Fig. 30|** Feira de Espinho.

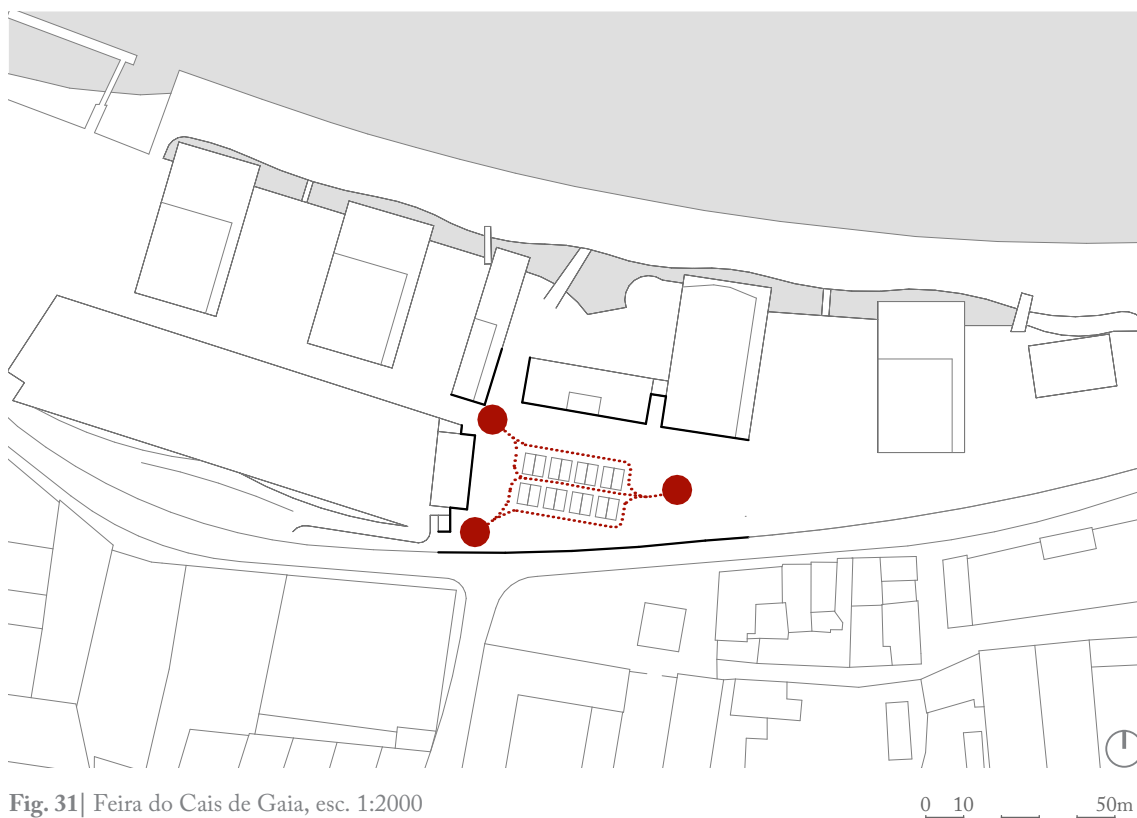
Vista junto ao Pavilhão Multimeios.

as próprias estruturas ou os edifícios que definem a praça em que esta feira se localiza. Devido a esta ausência de um limite físico delineado, não se é capaz de definir uma entrada propriamente dito, criando-se uma multiplicidade de hipóteses dependentes da direcção de onde o visitante vem. Também nesta feira se consegue observar a ortogonalidade e hierarquia dos corredores, sendo que o eixo longitudinal da feira é o mais importante e, portanto, de maior dimensão.

Na Feira de Espinho o passeio da praça é onde acaba a feira e os feirantes marcam esse limite estacionando as suas carrinhas ao longo do perímetro da feira, ou utilizando os toldos que encerram a retaguarda das postos de venda para a rua, definindo as entradas pelas ruas transversais que atravessam a feira. Mesmo na Feira dos Passarinhos ou na Feira da Carlos Alberto, em que a primeira tem os próprios muros a delimitá-la e a segunda tem também o passeio e a vegetação, o número de entradas é elevado, dando a possibilidade de acesso por diversas direcções.

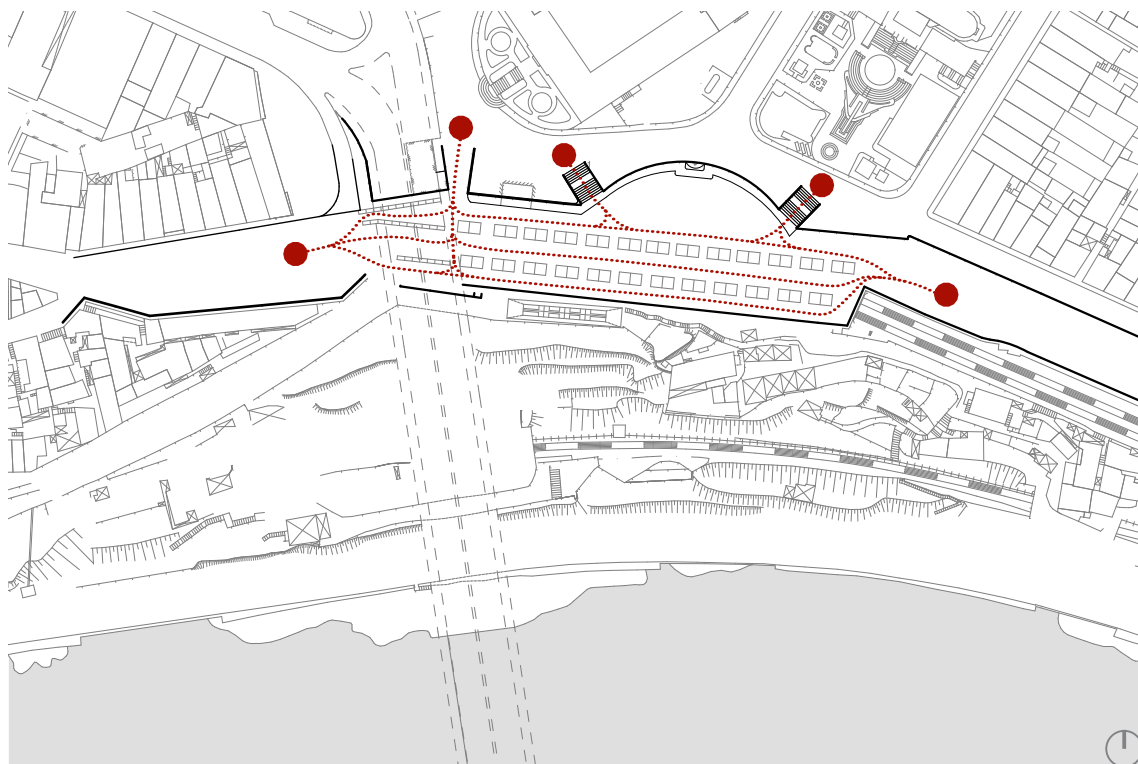
## EX.

Feira do Cais de Gaia, Feira de Espinho, Feira da Carlos Alberto e Feira dos Passarinhos.



**Fig. 31** | Feira do Cais de Gaia, esc. 1:2000  
Marcação das entradas, percursos e limites.





**Fig. 32** | Feira dos Passarinhos, esc. 1:2000

Marcação das entradas, percursos e limites.

0 10 50m

## FEIRA DE RUA



**Fig. 33** | Feira da Vandoma.

Vista do lado este da Avenida 25 de Abril.

“A feira ao longo da estrada é um embrião de cidade de nómadas.”<sup>47</sup>

Por sua vez, esta tipologia difere, de certa forma, da feira de estrada definida por Álvaro Domingues, talvez por se tratarem de conceitos de rua distintos, sendo que no propósito desta dissertação se consideraram principalmente feiras citadinas, enquanto para o autor são consideradas as feiras em bermas de estradas nacionais. Na sua definição, a feira de estrada funciona em simultâneo com a estrada e a circulação automóvel e, muitas vezes, estas podem ser resumidas a uma só carrinha com guarda-sóis ou uma mesa com os produtos em exposição.

Na definição de feira de rua aqui proposta, a rua deixa de funcionar como estrada, assemelhando-se mais a uma rua comercial, como às zonas pedonais da Rua de Santa Catarina ou da Rua de Cedofeita, substituindo-se as montras pelas estruturas temporárias. A rua que outrora seria um local de passagem, sem nada a oferecer ao habitante, torna-se então num local com um intervalo de permanência mais alargado.

Neste tipo de localização, a organização da feira é bastante restringida pela morfologia existente do local onde decorre, podendo manter uma malha mais ortogonal (Fig. 35) ou ter que adaptar os lotes às curvas e diferentes direcções que a rua apresenta (Fig. 37 e 38). As ruas exis-

---

<sup>47</sup> DOMINGUES, Álvaro António Gomes. Op. Cit. P. 126



Fig. 34| Feira da Ribeira.

Vista da entrada da ponte.

tentes convertem-se nos corredores, e utilizam-se pinos ou grades para impedir a circulação automóvel, substituindo-a pelo trânsito de peões. As barracas e os postos de venda tomam o seu lugar nas laterais, montando-se, usualmente, ao longo dos passeios. A divisão já existente nas ruas entre peão e automóvel é substituída pela separação entre comerciante e visitante. Com os vendedores dispostos ao longo dos passeios, a rua é invadida por alguns dos toldos e cordas que atravessam a área acima das cabeças das pessoas, para se amarrar ao outro lado da rua.

No caso da Feira da Vandoma, talvez também por se tratar de uma localização mais recente, a organização distingue-se ligeiramente das restantes desta tipologia. Sendo que acontece na Avenida 25 de Abril, numa das vias com três faixas de rodagem, a largura da rua permite que a faixa de rodagem central seja aproveitada, tal como os passeios, para os comerciantes e os seus postos de venda. Dessa forma, criam-se dois corredores, entre os pontos de venda no passeio e os pontos de venda centrais.

## EX.

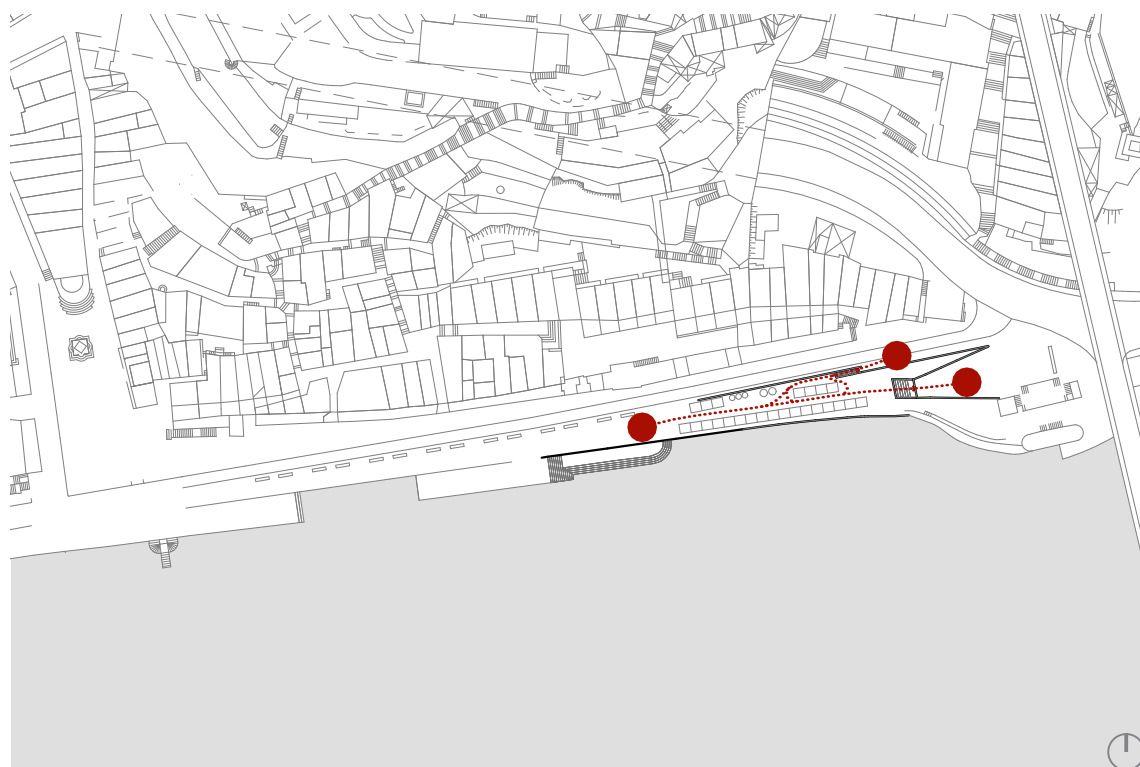
Feira da Vandoma, Feira de Canidelo, Feira da Ribeira, Feira da Cândido dos Reis.





**Fig. 35** | Feira da Vandoma, esc. 1:2000  
 Marcação das entradas, percursos e limites.

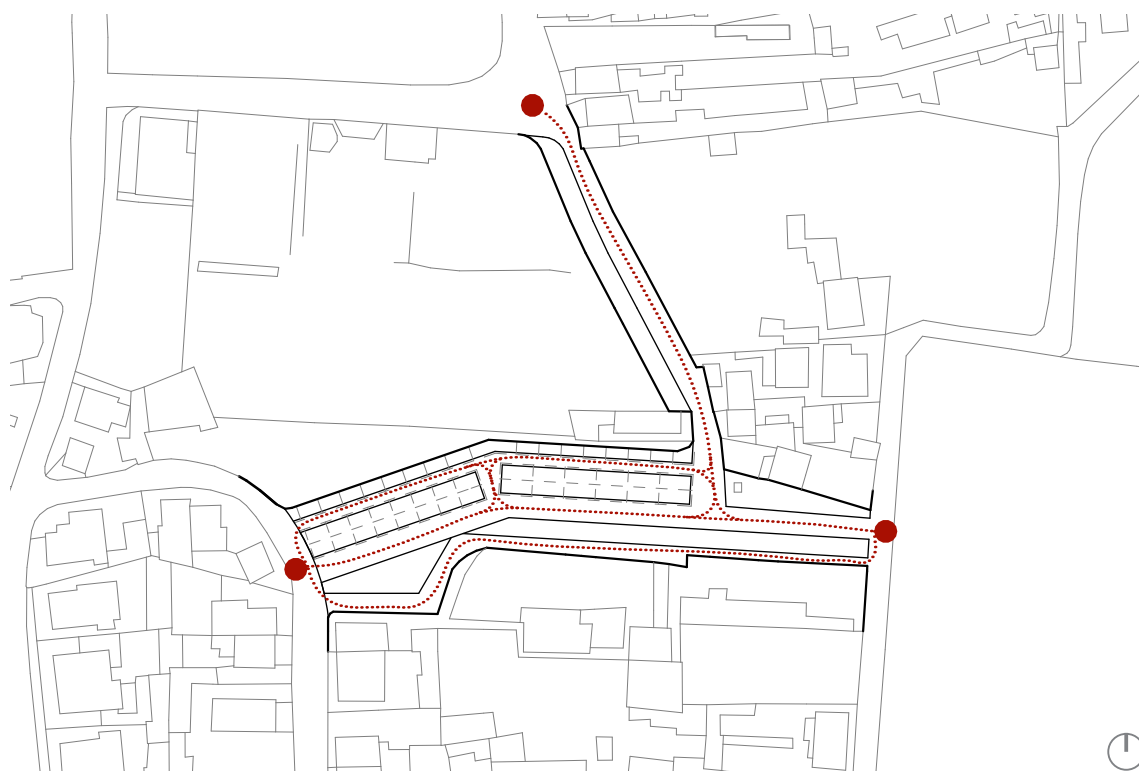
0 10 50m



**Fig. 36** | Feira da Ribeira, esc. 1:2000  
 Marcação das entradas, percursos e limites.

0 10 50m

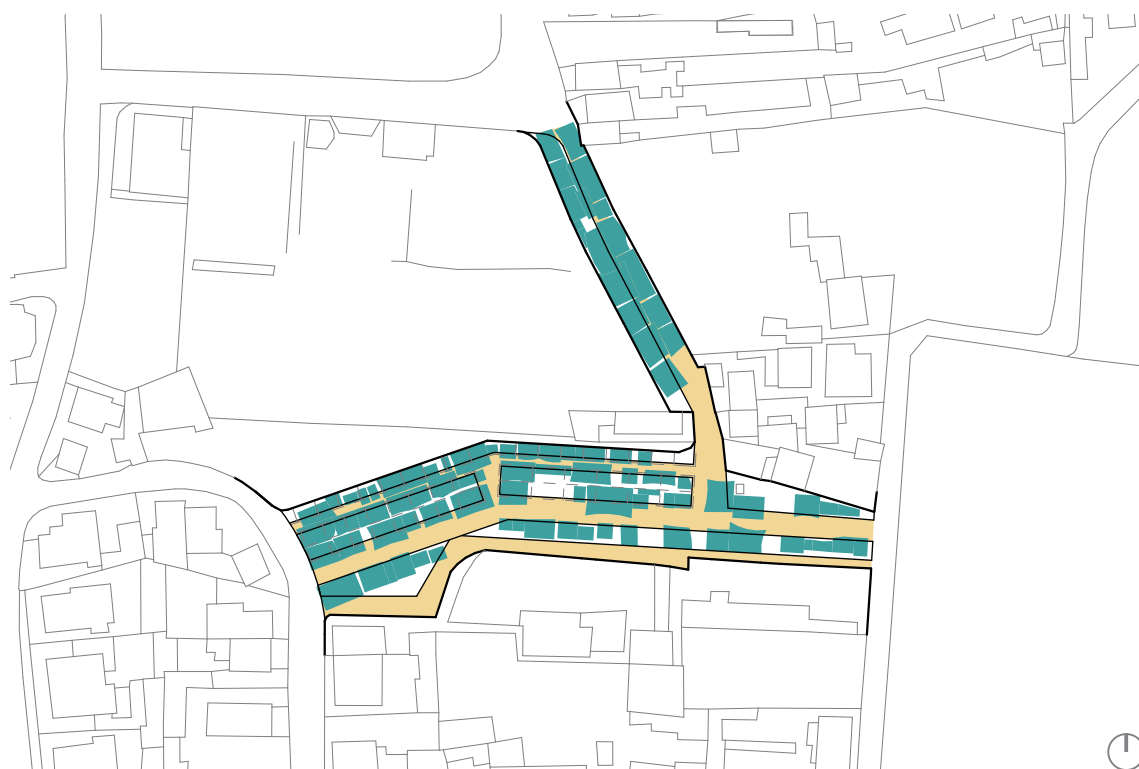




**Fig. 37** | Feira de Canidelo, esc. 1:2000

Marcação das entradas, percursos e limites.

0 10 50m



**Fig. 38** | Feira de Canidelo, esc. 1:2000

Planta de coberturas com identificação dos toldos (verde) e dos corredores (amarelo).

0 10 50m

## FEIRA DE ESTACIONAMENTO



Fig. 39| Feira da Senhora da Hora.

Vista de um dos corredores transversais.

A feira de estacionamento surge quase como um híbrido entre as duas primeiras tipologias. A visita e o estudo das feiras de Senhora da Hora e de Custóias permite verificar que a ortogonalidade e hierarquia patente na organização das feiras de praça se combina com a imposição dos arruamentos existentes. Nestes casos, uma vez que a distribuição de lugares se encontra previamente feita, a feira apropria-se dessa mesma distribuição para o seu loteamento de espaços de venda e, tendo em conta que diariamente é prevista a circulação automóvel, os arruamentos existentes pressupõe já uma largura suficiente para tal efeito.

Nesse sentido, a feira de estacionamento tem uma organização semelhante àquela que foi considerada como feira de praça, mas a sua gestão e aproveitamento do espaço encontra-se mais limitada à forma como o espaço é utilizado fora do seu contexto. Assim, em ambos os casos estudados verifica-se que o eixo longitudinal, o acesso central da feira, apresenta um carácter principal, com uma largura superior à dos transversais. Também os corredores transversais, apesar de terem dimensões menores que o anterior, quando comparados aos da feira de praça, apresentam-se mais largos.

Tendo em conta que o espaço destinado aos módulos de venda dos feirantes é o mesmo para os lugares de estacionamento, para além das linhas divisórias pintadas no chão, observa-se, em ambos os casos, uma diferença de pavimento entre o corredor de circulação e o espaço de venda (Fig. 39), sendo evidente, mesmo quando os lotes não estão completamente preenchidos, a



**Fig. 40|** Feira da Senhora da Hora.  
Vista de um dos corredores transversais.

distinção entre espaço de circulação e espaço de venda.

Por outro lado, não é possível definir uma regra quanto aos limites desta tipologia, uma vez que pode incluir a existência de um limite físico, murado e de vegetação (Fig. 40) como pode ser feito apenas pelos limites do passeio e da disposição das carrinhas ao longo do perímetro da feira, como foi visto na Feira de Espinho e como acontece também no caso da Feira de Custóias.

## EX.

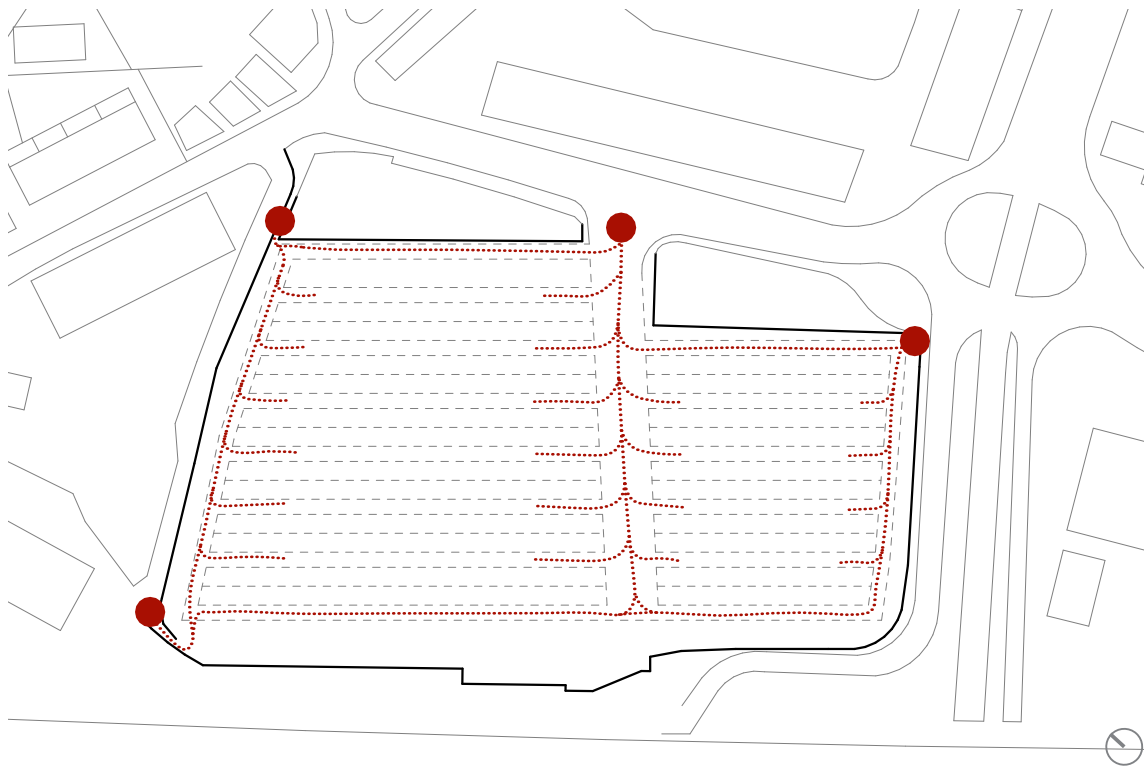
Feira da Senhora da Hora, Feira de Custóias e Feira da Afurada.





**Fig. 41** | Feira de Custóias, esc. 1:2000  
 Marcação das entradas, percursos e limites.

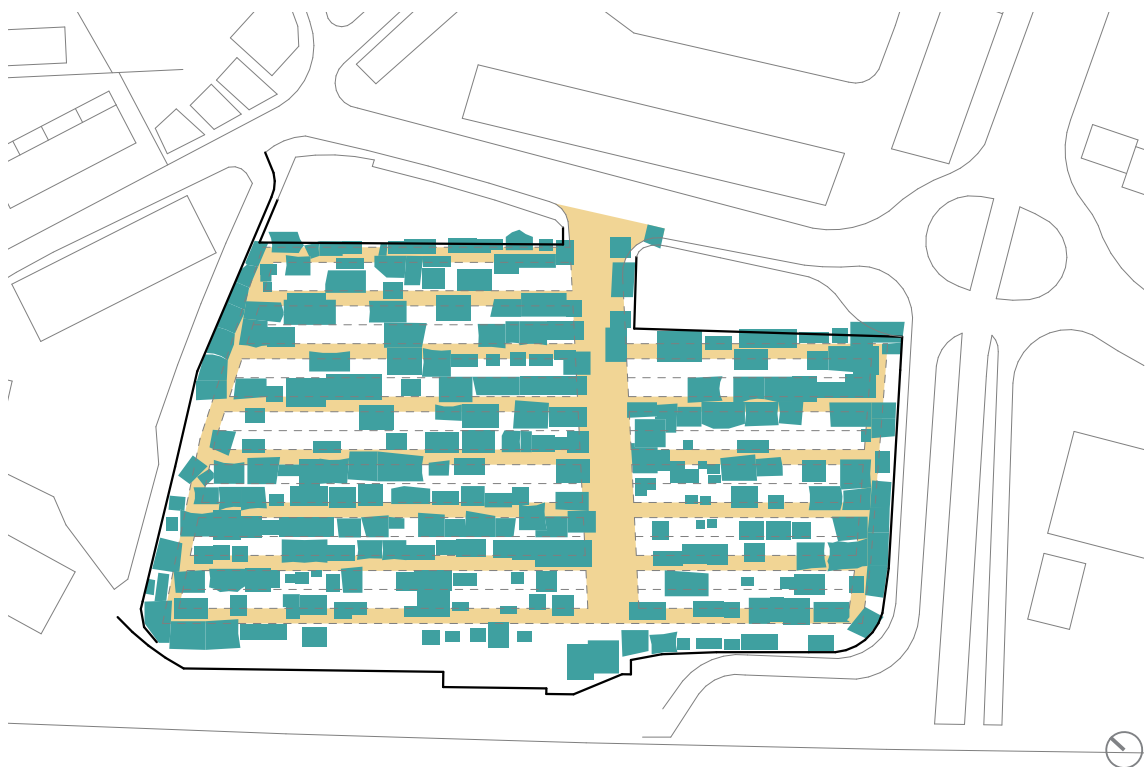




**Fig. 42** | Feira da Senhora da Hora, esc. 1:2000

Marcação das entradas, percursos e limites.

0 10 50m



**Fig. 43** | Feira da Senhora da Hora, esc. 1:2000

Planta de coberturas com identificação dos toldos (verde) e dos corredores (amarelo).

0 10 50m

## FEIRA MISTA



Fig. 44| Feira dos Carvalhos.

A feira mista parte de um princípio semelhante à feira de estacionamento, na medida em que combina características da feira de rua e de praça.

No caso da Feira dos Carvalhos, em Vila Nova de Gaia, o tamanho da feira ultrapassa o disponível pela própria praça, sendo para isso necessário estender-se para além dela, ao longo das ruas circundantes. As três entradas são marcadas no início de cada uma das ruas, assinaladas com pinos no chão, com cordas, que impedem a circulação dos automóveis. As ruas são deixadas livres para a circulação pedestre dos compradores, ao passo que os passeios são ocupados pelos postos de venda, os feirantes e as suas carrinhas. As três ruas convergem para uma praça, com árvores e feirantes a ocupar todo o seu perímetro. Nessa praça a disposição dos lotes para os feirantes é já mais ortogonal, sem as restrições dos arruamentos.

De forma semelhante, a Feira de Santana inclui também ambas as características, uma vez que aqui se trata de um parque com as suas próprias ruas internas. Ocupando semanalmente o Parque de Santana, em Leça do Balio, a feira tem entrada através da Rua de Santana ou da Rua da Feira e localiza-se ao lado da Capela de Santana, comprovando a antiga associação com a Igreja. A entrada pela Rua de Santana é marcada por um cruzeiro que, embora não seja confirmado, foi tido como hipótese que estes seriam uma evolução dos símbolos utilizados para marcar a paz das feiras, referida no primeiro capítulo da dissertação.





**Fig. 45** | Feira de Santana.

Vista do cruzeiro que marca uma das entradas da feira.

“Porém, a pouco e pouco, foi a cruz sendo o símbolo preferido, o mais usado e o mais representativo da paz da feira. (...) Valdeavellano aventura a hipótese de que os pelourinhos castelhanos, assim como os Rolandos alemães tenham resultado da transformação da cruz primitiva do mercado.”<sup>48</sup>

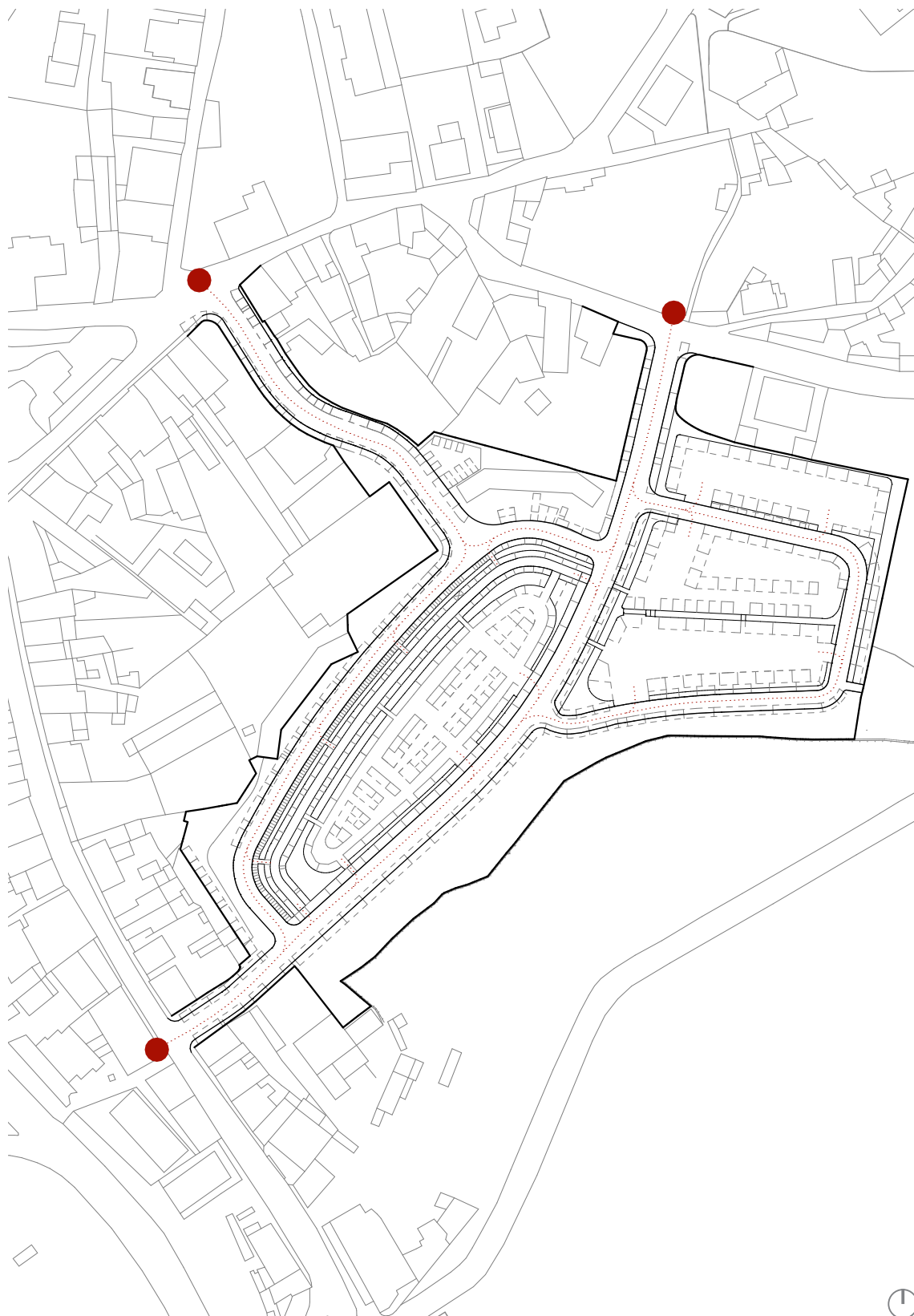
A existência de ruas dentro do próprio parque, condiciona a organização da feira, definindo-se estes como os corredores principais e mais largos que atravessam a feira quase na sua totalidade.

## EX.

Feira dos Carvalhos e Feira de Santana.

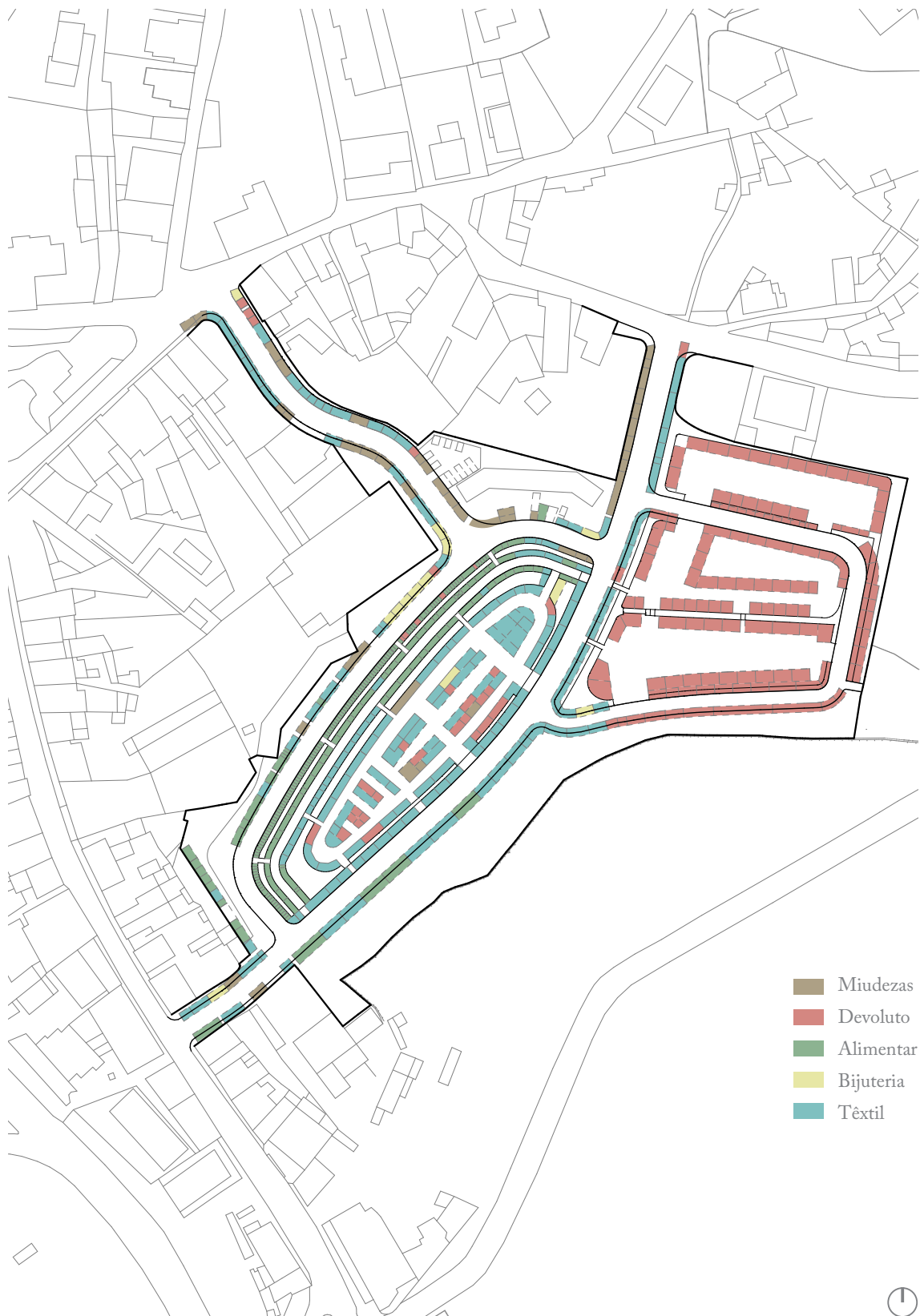
---

<sup>48</sup> RAU, Virgínia. Op. Cit. P. 42 e 43

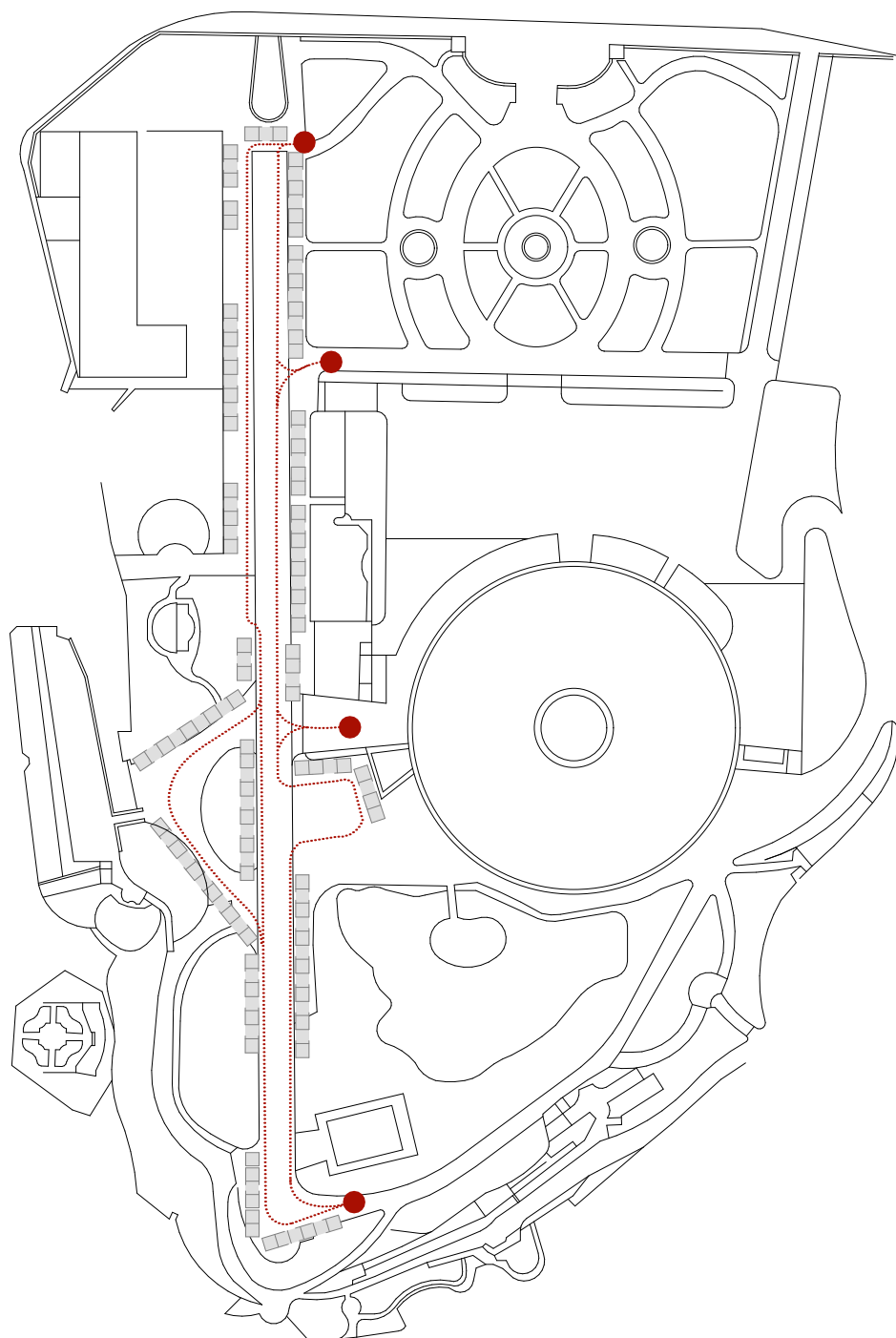


**Fig. 46|** Feira dos Carvalhos, esc. 1:2000  
Marcação das entradas, percursos e limites.





**Fig. 47** | Feira dos Carvalhos, esc. 1:2000  
 Marcação das entradas, percursos e limites.



**Fig. 48|** Feira do Livro no Palácio de Cristal.  
Marcação das entradas, percursos e limites, sem escala.

## FEIRA EM ESTRUTURA



Fig. 49| Feira do Livro no Cais de Gaia.

Fotografia exterior da estrutura utilizada.

A tipologia designada por Feira em Estrutura, inclui essencialmente as Feiras do Livro, em que, apesar de ocuparem espaços públicos e serem organizadas ao ar livre, utilizam estruturas unitárias, semelhantes a uma cabana, agrupadas em série - como no caso da Feira do Livro do Porto (Fig. 48) - ou de pequenos pavilhões com uma estrutura metálica revestida com um material transparente - como acontece no Cais de Gaia (Fig. 49), ou ao lado do metro da Trindade.

No caso da Feira do Livro realizada nos jardins do Palácio de Cristal, a sua organização assemelha-se bastante à da feira de rua, organizada linearmente ao longo do caminho do lado oeste do jardim. As cento e trinta e uma bancadas, construídas segundo um módulo base que se assemelha a uma tenda com um passadiço de lado, agrupam-se umas às outras, formando contentores contínuos. O visitante circula por este passadiço, enquanto o interior dos módulos é reservado para os feirantes e para a mercadoria exposta.

Este caso distingue-se do que se conhece normalmente de feira do livro, uma vez que combina a necessidade do espaço fechado e de protecção dos livros, com o carácter exterior normalmente associado a este comércio. Quando observados outros casos, como as do Cais de Gaia e da Trindade, verifica-se que estas são albergadas no interior de um pavilhão temporária, com uma entrada única, tratando-se de um ambiente interior, fechado.

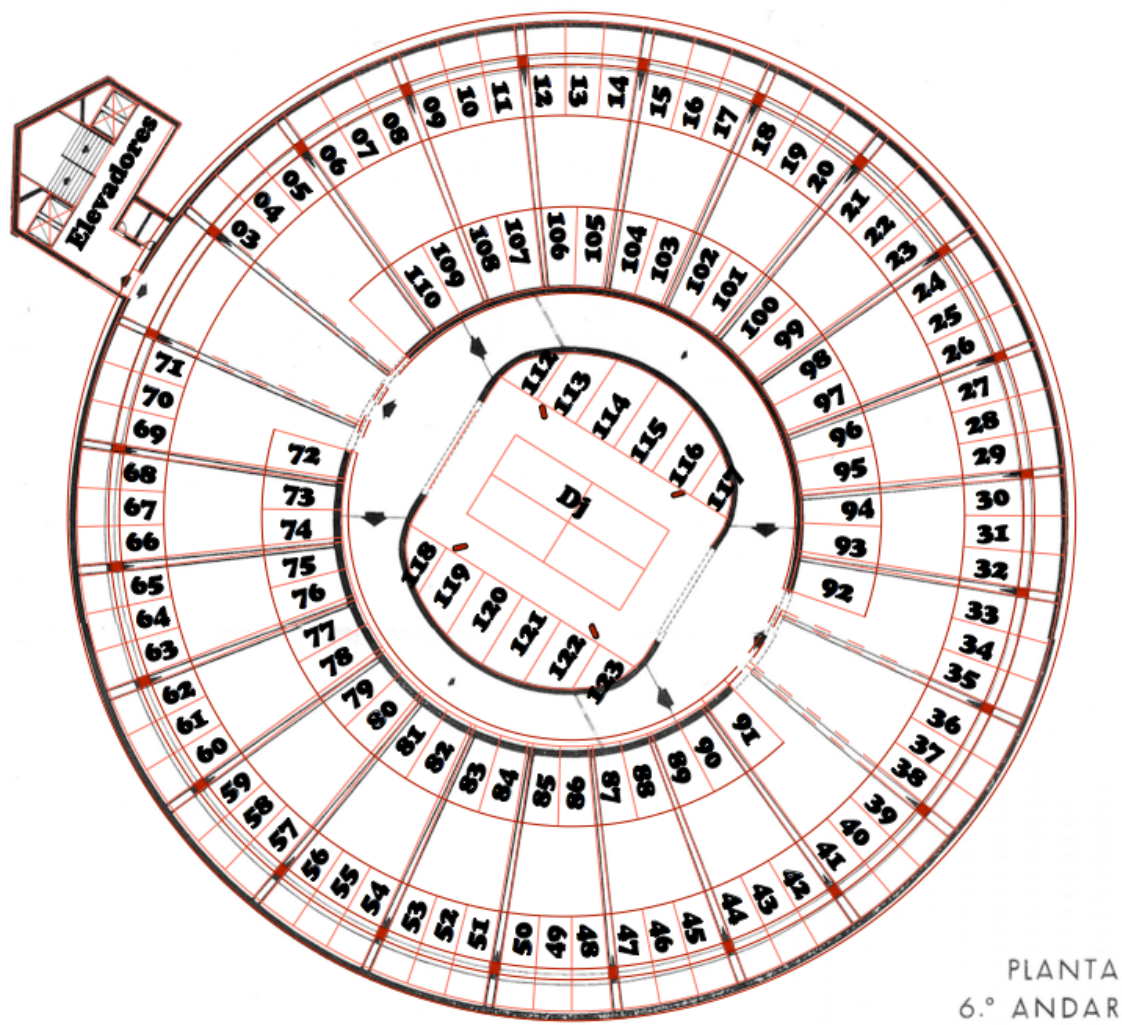


Fig. 50| *Flea Market* no Silo Auto.  
Planta de distribuição dos lugares, sem escala.



## FEIRA NÓMADA



Fig. 51| *Flea Market* no Campo 24 de Agosto e no Silo Auto.

Cartazes publicitários.

Apesar de se ter já estabelecido nesta dissertação que uma das características principais da feira é a sua capacidade nómada e de facilmente se adaptar a uma nova localização, nesta tipologia que se nomeou como Feira Nómada, foram consideradas as feiras cuja localização se altera de cada vez que é organizada uma nova data. Enquadram-se, portanto, os *Flea Markets*, o *Pink Market* e o *Urban Market* - no caso da cidade do Porto.

Entre o mês de Julho e de Setembro, o *Pink Market* alterou a sua localização três vezes, acompanhando as *Porto Sunday Sessions*, passando pelo Parque da Cidade no mês de Julho, o Palácio de Cristal durante o mês de Agosto, e terminando no mês de Setembro no Jardim do Passeio Alegre. O *Flea Market*, por sua vez, viu já vários espaços albergarem-no, desde o Jardim de São Lázaro, à Praça Velazquez e até ao interior do edifício de estacionamento do Silo Auto (Fig. 50). A localização nunca é, portanto, constante, nem mesmo as características dos sítios escolhidos, numa tentativa de revitalização e potencialização de espaços desconhecidos ou desaproveitados. A ideia desta tipologia de feiras acaba por ser, quase, a de criar um percurso para descobrir a cidade.

Tendo em conta a constante alteração da sua localização e dos comerciantes, o tipo de estruturas utilizadas nesta tipologia é muito menos complexo do que nas feiras tradicionais. Nas feiras nómadas, a menor quantidade de produtos permite que sejam utilizadas apenas mesas a organizar os corredores de circulação, dispondo-se por vezes peças de roupas em cabides.





## **AS ESTRUTURAS**

**Fig. 52** | Feira dos Carvalhos.  
Pormenor de encaixe de uma estrutura.



## LEVANTAMENTO IMPRESSIVO



Fig. 53| Feira de Santana.

Pormenor da fixação de um toldo.



Fig. 54| Feira de Santana.

Pormenor de fixação ao solo.



Fig. 55| Feira de Santana.

Mesa com roupa.



Fig. 56| Feira de Santana.

Pormenor do suporte da estrutura.

Pretende-se, agora, fazer, uma vez mais, uma aproximação do estudo, focando a análise nos elementos que definem as feiras utilizadas como casos de estudo. Apesar das várias semelhanças e transversalidade das estruturas dos vários casos de estudo, o levantamento fotográfico e desenhado das estruturas permitiu identificar e catalogar as mais recorrentes. Assim, divide-se a análise num primeiro momento aos tipos de fixação ao chão, encaixe e materialidades, para numa fase seguinte separá-las por tipologias.

O levantamento desenhado das estruturas, apesar de apresentar medidas, estas não podem ser tidas como uma constante, uma vez que se comprova que nem sempre existe uma regra fixa, podendo variar de feira para feira, ou mesmo de estrutura para estrutura. Tenta-se, no entanto, encontrar uma medida base aproximada.



## FIXAÇÃO AO CHÃO



**Fig. 57|** Feira de Espinho.  
Pormenor de um poste.



**Fig. 58|** Feira de Espinho.  
Elemento de fixação das estruturas.



**Fig. 59|** Feira de Vila do Conde.  
Pormenor de fixação ao solo.



**Fig. 60|** Feira de Vila do Conde.  
Pormenor de fixação ao solo.

Na maioria dos casos de estudo, o pavimento em micro cubo permite que a estruturas sejam fixadas ao chão através de uma estaca metálica, espetada nas juntas dos cubos de granito, à qual se irão amarrar as cordas dos toldos ou suportar os perfis verticais das estruturas (Fig. 53 e 54). Contudo, o terreno plano por vezes torna desnecessário este método de suporte e as estruturas assentam directamente no solo, suportando-se através do seu próprio peso (Fig. 55), ou através de uma base mais pesada, no caso de estruturas mais frágeis (Fig. 56). Em alguns casos, o tipo de pavimento, aliado à morfologia do terreno, impede que se utilizem essas estruturas, como acontece na nova localização da Feira da Vandoma.

Porém, existem casos excepcionais e que já foram alvo de intervenções, incluindo no seu desenho o método de fixação das estruturas, como no caso das Feiras de Espinho e de Vila do Conde. Na Feira de Espinho, como já foi referido anteriormente, a marcação dos lotes dos feirantes é feita de forma distinta das tradicionais linhas pintadas no chão. Aqui, são os elementos metálicos quadrados com ranhuras, espaçados segundo uma métrica regular, que definem a organização desta feira. É através dessas ranhuras que é feita a fixação das estruturas ao chão, rematando a base das estruturas com um elemento metálico que é, depois, atravessado com uma estaca que fixa nessa ranhura (Fig. 58). Na Feira de Vila do Conde, na área remodelada mais recentemente, encontra-se uma abordagem próxima desta, criando-se buracos circulares em todas as extremidades das divisões dos lotes (Fig. 59 e 60).



**Fig. 61** | Feira de Vila do Conde.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 62** | Feira de Vila do Conde.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 63** | Feira do Cais de Gaia.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 64** | Feira da Senhora da Hora.  
Pormenor de encaixe.

## SISTEMAS DE ENCAIXE



**Fig. 65** | Feira da Senhora da Hora.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 66** | Feira da Senhora da Hora.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 67** | Feira de Espinho.  
Pormenor de encaixe.



**Fig. 68** | Feira dos Carvalhos.  
Pormenor de encaixe.





**Fig. 69|** Feira dos Carvalhos.  
Vara metálica.



**Fig. 70|** Feira da Senhora da Hora.  
Vara de madeira.



## MATERIALIDADE

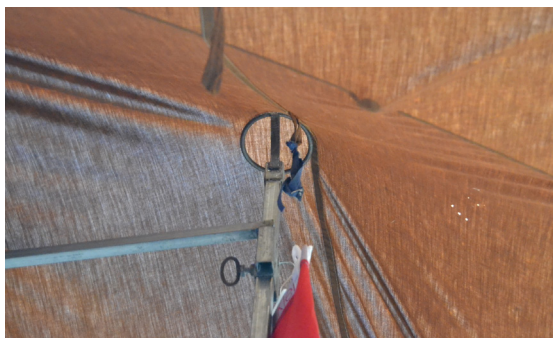


Fig. 71| Feira da Senhora da Hora.



Fig. 72| Feira dos Carvalhos.



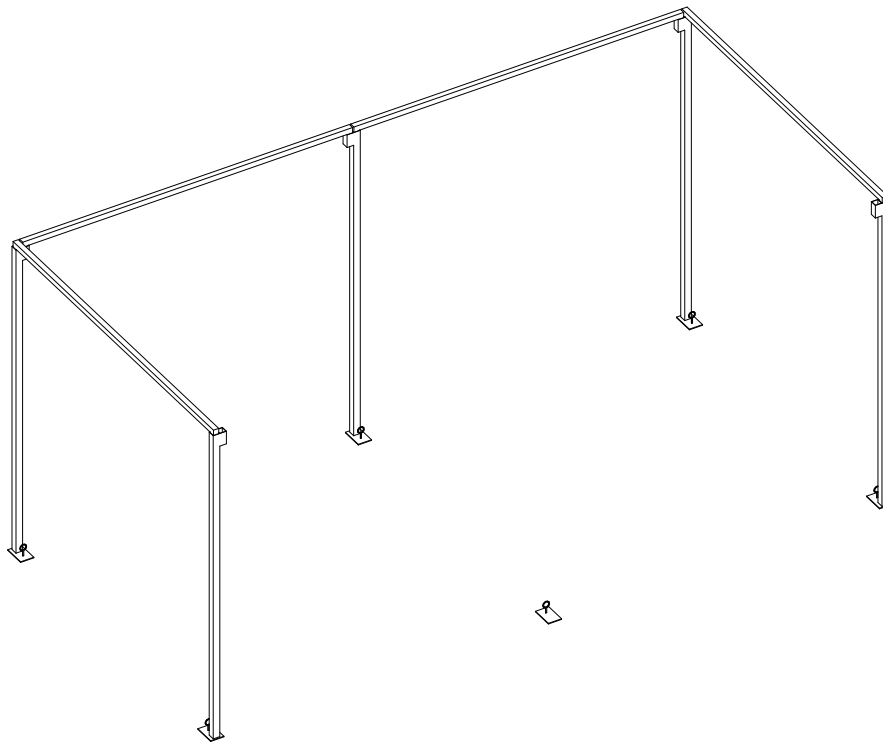
Fig. 73| Feira de Santana.



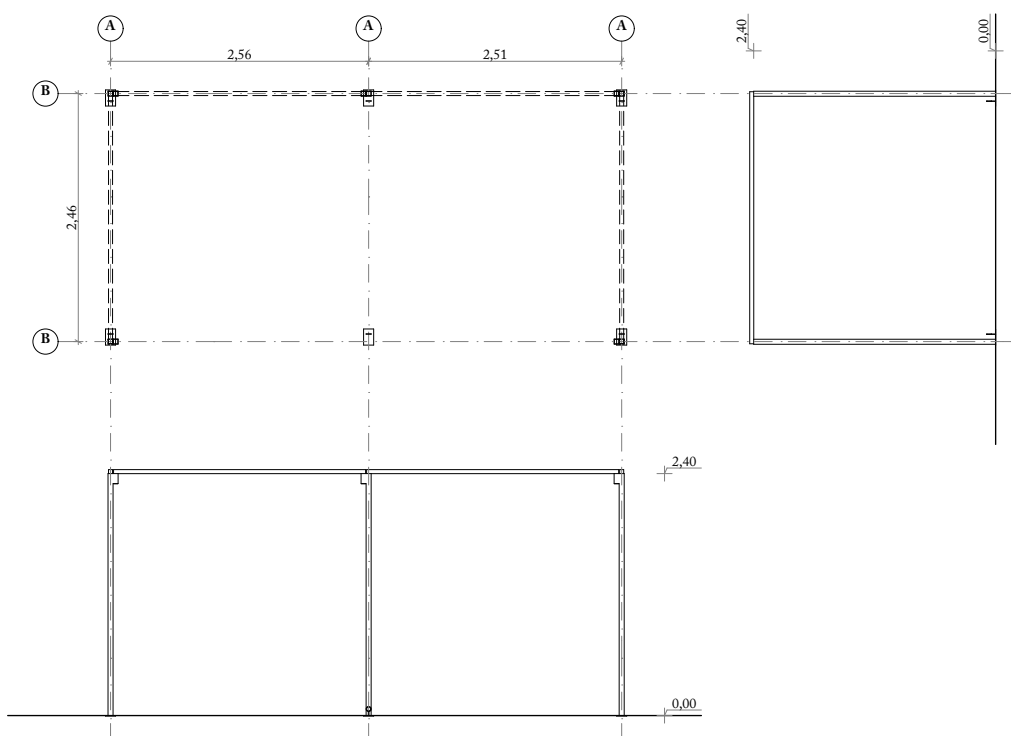
Fig. 74| Feira de Santana.

Sendo a feira algo periódico, nómada e geralmente de curta duração, a facilidade de transporte e da sua adaptabilidade aos diferentes locais em que são usados demonstra-se crucial, pelo que se torna imprescindível utilizar estruturas construídas em materiais leves. As estruturas metálicas são as mais utilizadas pelos feirantes. Para além de ser uma estrutura leve, a relação com a sua resistência e durabilidade é a mais viável quando comparado com outras opções. Variando entre perfis pintados de branco, outros já enferrujados, por vezes são utilizadas reinterpretações ou adaptações dessas estruturas a materiais mais pobres e improvisados (Fig. 69 e 70). São vários os casos onde os elementos metálicos são substituídos por barrotes de madeira, quer seja enquanto elemento vertical para suportar os toldos, como em elementos horizontais, de suporte para a exposição dos produtos.

Quando estes elementos em madeira são utilizados como pilares pontuais para os toldos, o contacto destes com os toldos é adaptado em relação ao que acontece com os pilares metálicos, observando-se casos em que utilizam botas, panos enrolados, bolas vazias enfiadas na extremidade (Fig. 71 e 72). São apropriações e interpretações pessoais feitas pelo uso dos feirantes, apoiadas na necessidade de adaptar materiais mais baratos.



**Fig. 75** | Estrutura do Tipo A, variante 1  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 76** | Estrutura do Tipo A, variante 1  
Planta e Alçados, escala 1:75



## TIPO A (A COBERTURA PLANA) - VARIANTE 1



Fig. 77| Feira de Espinho.

Estrutura do Tipo A, variante 1

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Espinho, Feira dos Carvalhos, Feira da Senhora da Hora, entre outras.

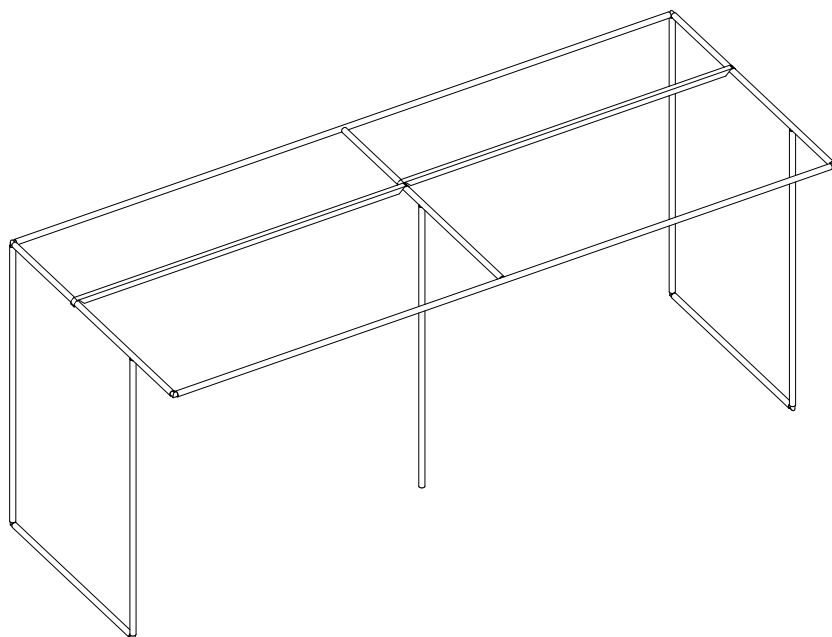
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada para venda de frutas, vegetais, miudezas, entre outros.

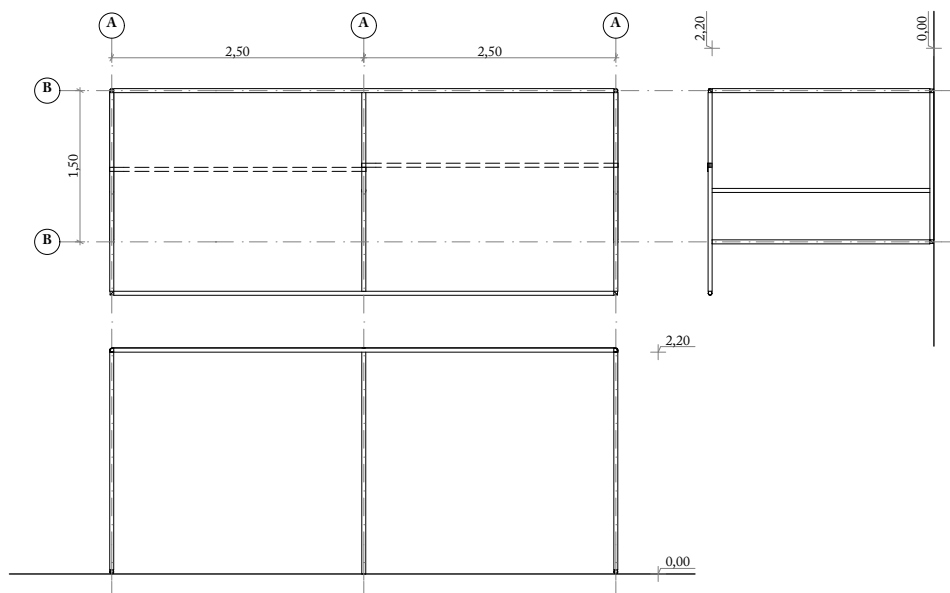
### COMPOSIÇÃO:

Composta por 9 peças (alguns casos utilizam mais peças).

Após um levantamento e uma divisão das estruturas utilizadas em quatro tipos distintos (A, B, C e D), considerou-se o tipo A como sendo o mais utilizado pelos feirantes, pela sua simplicidade e fácil adaptabilidade aos diversos produtos comercializados. Este tipo, de cobertura plana, é dividido em quatro variantes, consoante os diferentes tipos de encaixes e de conjugação dos elementos horizontais. Na primeira variante, a mais simples, a estrutura é constituída por cinco ou seis elementos verticais aos quais se combinam os elementos horizontais, através de um encaixe em "L", perfazendo o perímetro do lote, podendo em alguns casos não haver elementos horizontais no lado que define o corredor de circulação.



**Fig. 78** | Estrutura do Tipo A, variante 2  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 79** | Estrutura do Tipo A, variante 2  
Planta e alçados, escala 1:75





## TIPO A (A COBERTURA PLANA) - VARIANTE 2



Fig. 80| Feira da Senhora da Hora.

Estrutura do Tipo A, variante 2

### LOCALIZAÇÃO:

Feira da Senhora da Hora, Feira dos Carvalhos, Feira de Vila do Conde, entre outras.

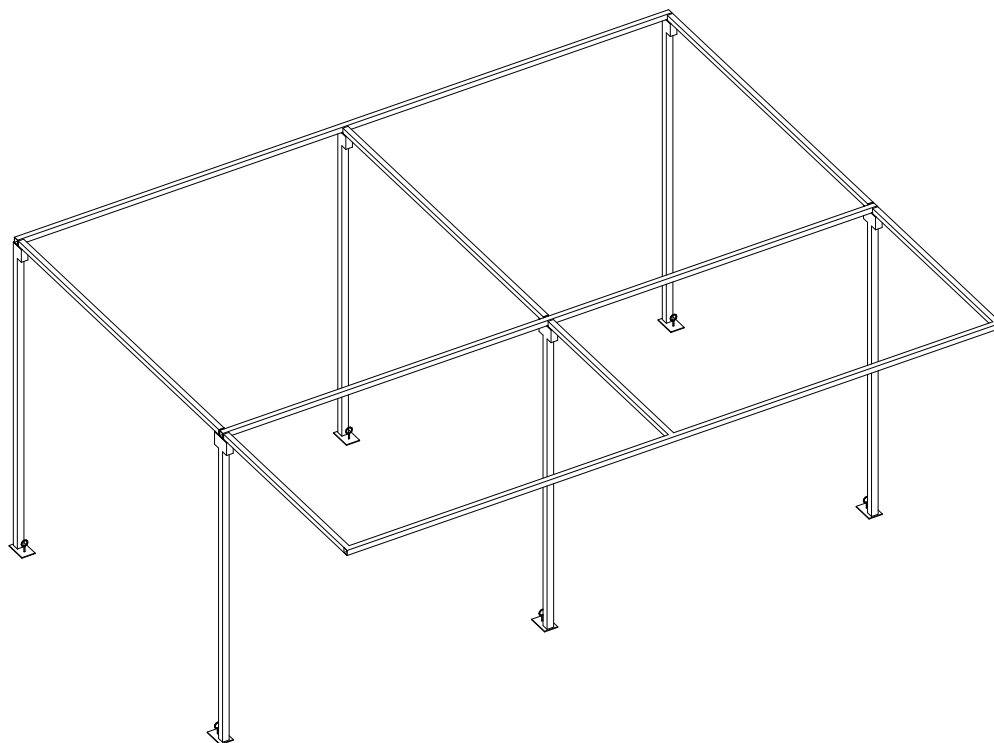
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos alimentares, normalmente produtos de charcutaria.

### COMPOSIÇÃO:

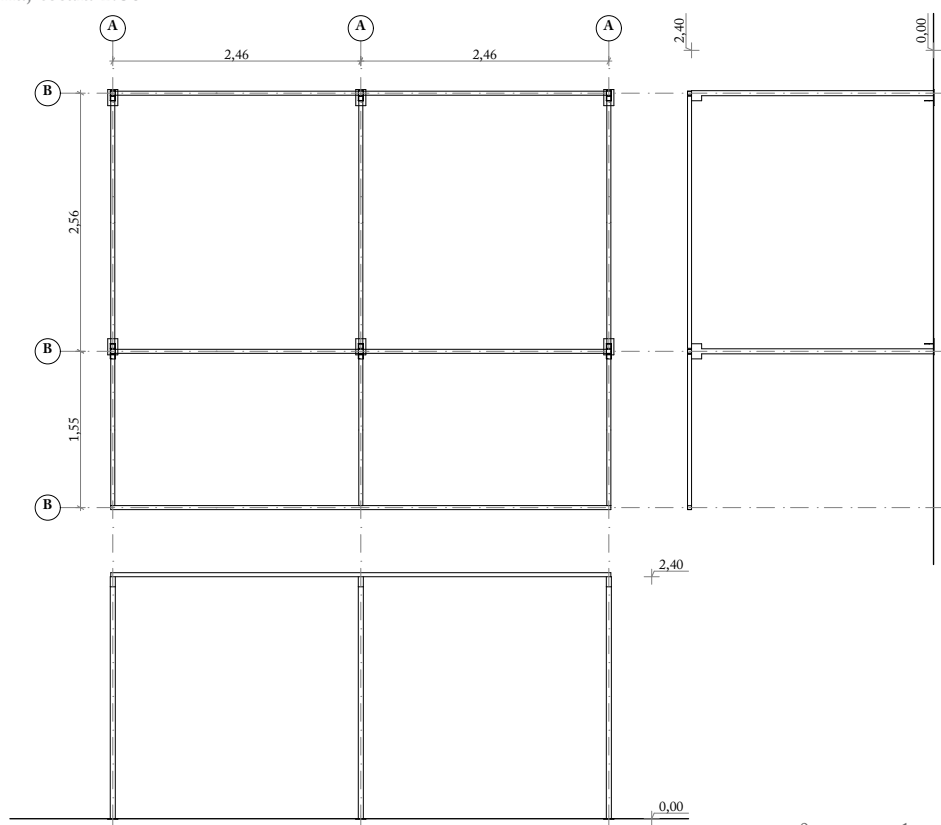
Composto por 14 peças.

A Variante 2, essencialmente utilizada por feirantes que comercializam produtos alimentares, de charcutaria, é composta por vários tubulares circulares que se conectam através de encaixes em gancho - na parte superior, as vigas longitudinais terminam na forma de um gancho que encaixa nas vigas transversais - e por elementos metálicos em “L” - na parte inferior. Uma vez que esta estrutura conta com tubulares horizontais directamente em contacto com o chão, não necessita de elementos de fixação, encontrando-se apenas pousada e suportada pelo próprio peso. Para assegurar a estabilidade do toldo e utilizar também como forma de exposição da mercadoria, é montado ainda um perfil quadrado, longitudinal, a meio da estrutura, encaixado na estrutura através de um sistema em gancho.



**Fig. 81** | Estrutura do Tipo A, variante 3  
Axonometria, escala 1:60

0 1 2m



**Fig. 82** | Estrutura do Tipo A, variante 3  
Planta e alçados, escala 1:75

0 1 2m

## TIPO A (A COBERTURA PLANA) - VARIANTE 3



Fig. 83| Feira de Espinho.

Estrutura do Tipo A, variante 3

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Espinho.

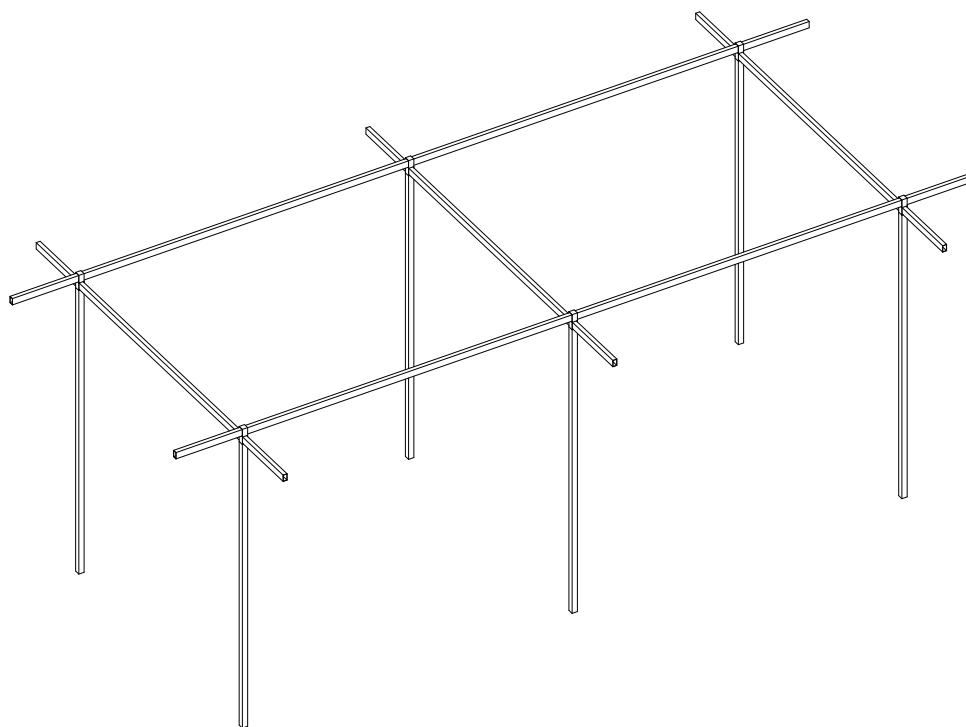
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos alimentares.

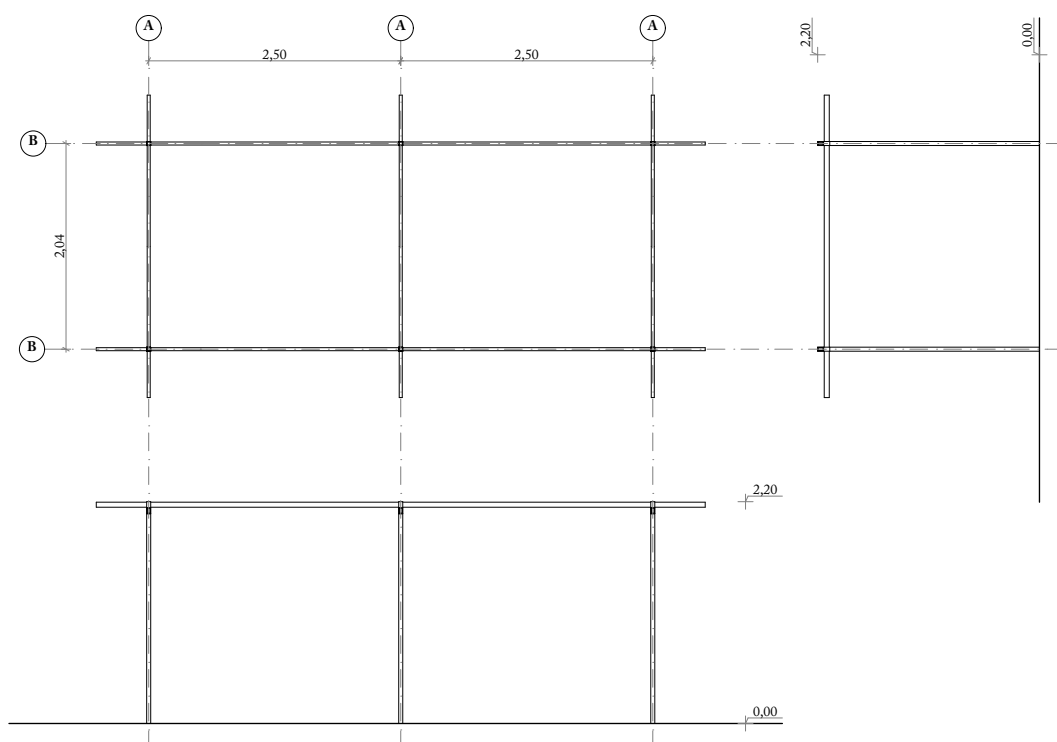
### COMPOSIÇÃO:

Composto por 15 peças.

Esta variante assemelha-se à primeira, sendo uma versão mais elaborada. Neste caso, é maior o número de elementos horizontais, conferindo maior estabilidade ao toldo. Para além destes elementos perfazerem o perímetro destinado ao lote do feirante, acrescentam ainda uma parte em balanço, mais pequena, que avança sobre o corredor de circulação e permite que o comprador esteja também protegido. É também acrescentada uma viga transversal central, contrariamente ao que acontecia na Variante 1, de forma a conferir maior estabilidade ao toldo. Apesar de, na imagem, terem sido acrescentados dois elementos para criar uma ligeira pendente na estrutura, uma vez que se trata de um acréscimo *a posteriori*, não se pode considerar que esta pertença à tipologia de duas águas.



**Fig. 84** | Estrutura do Tipo A, variante 4  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 85** | Estrutura do Tipo A, variante 4  
Planta e alçados, escala 1:75





## TIPO A (A COBERTURA PLANA) - VARIANTE 4



**Fig. 86** | Feira da Senhora da Hora.

Estrutura do Tipo A, variante 4

### LOCALIZAÇÃO:

Feira da Senhora da Hora, Feira de Espinho, Feira dos Carvalhos.

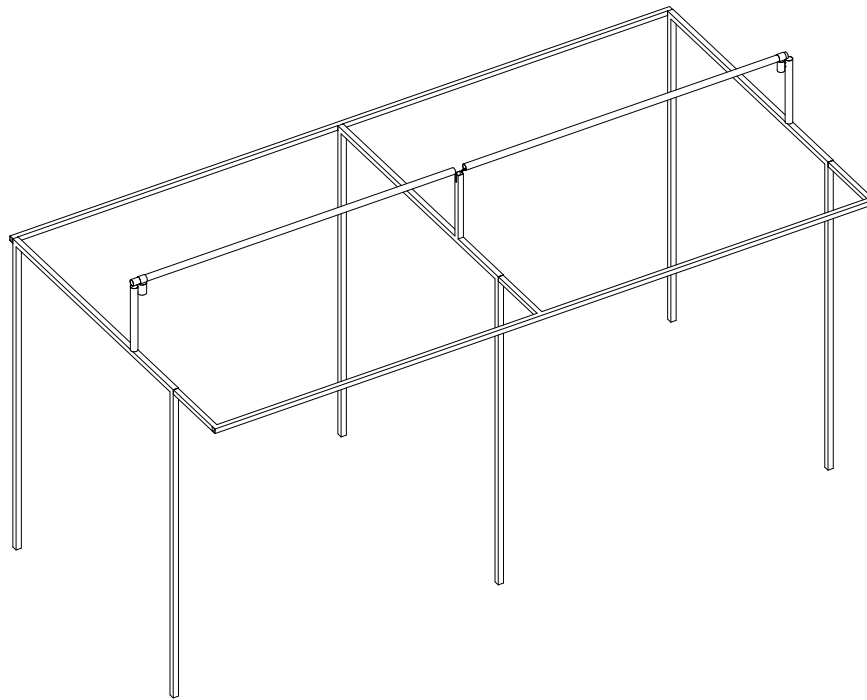
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de calçado e peças de vestuário.

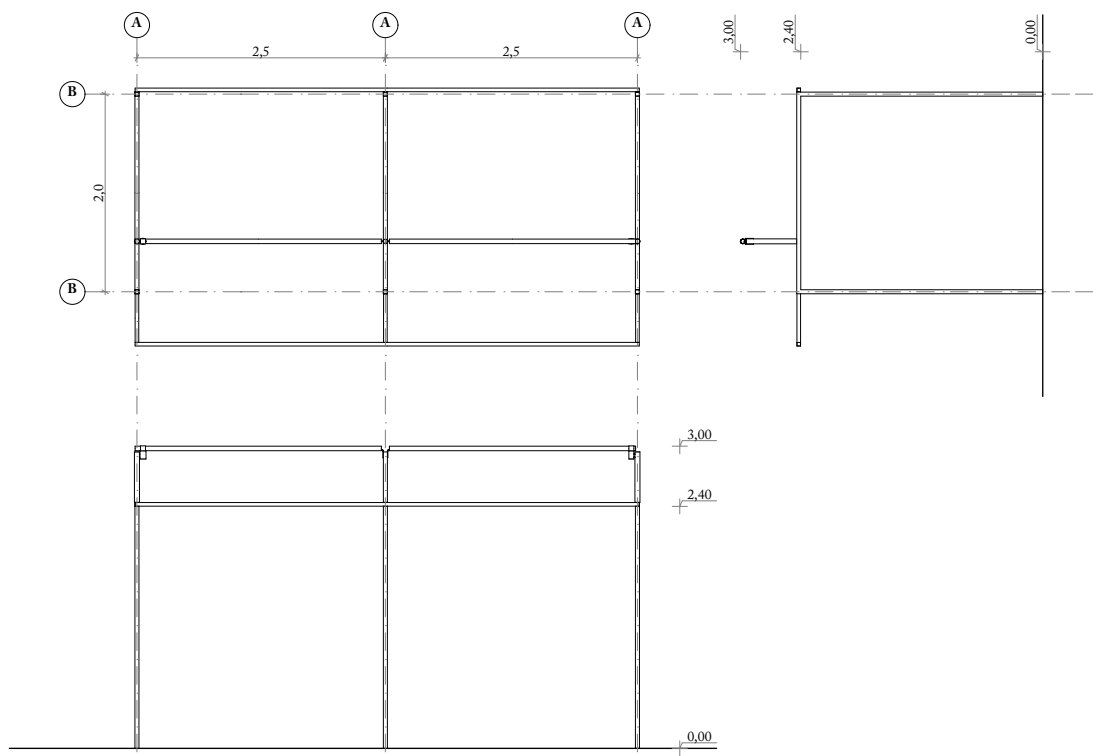
### COMPOSIÇÃO:

Composto por 11 elementos.

A variante 4 possui uma configuração semelhante à anterior, mas diverge desta pelo seu sistema de encaixe. Numa das suas extremidades, os perfis verticais são compostos por dois aros, orientados em direcções perpendiculares. Desta forma, as vigas cruzadas são suportadas ao atravessarem esses aros e avançando para além do limite do perfil. Assim, é criada uma grelha das vigas transversais e longitudinais, em que as transversais estão ligeiramente mais abaixo das transversais. Esta estrutura é, no entanto, utilizada apenas como uma forma de exposição dos produtos comercializados, sendo que não inclui um sistema de protecção ou de cobertura, sendo por isso complementado muitas vezes com as estruturas do tipo C.



**Fig. 87** | Estrutura do Tipo B, variante 1  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 88** | Estrutura do Tipo B, variante 1  
Planta e alçados, escala 1:75



## TIPO B (A COBERTURA DE DUAS ÁGUAS) - VARIANTE 1



**Fig. 89** | Feira da Senhora da Hora.  
Estrutura do Tipo B, variante 1

### LOCALIZAÇÃO:

Feira da Senhora da Hora.

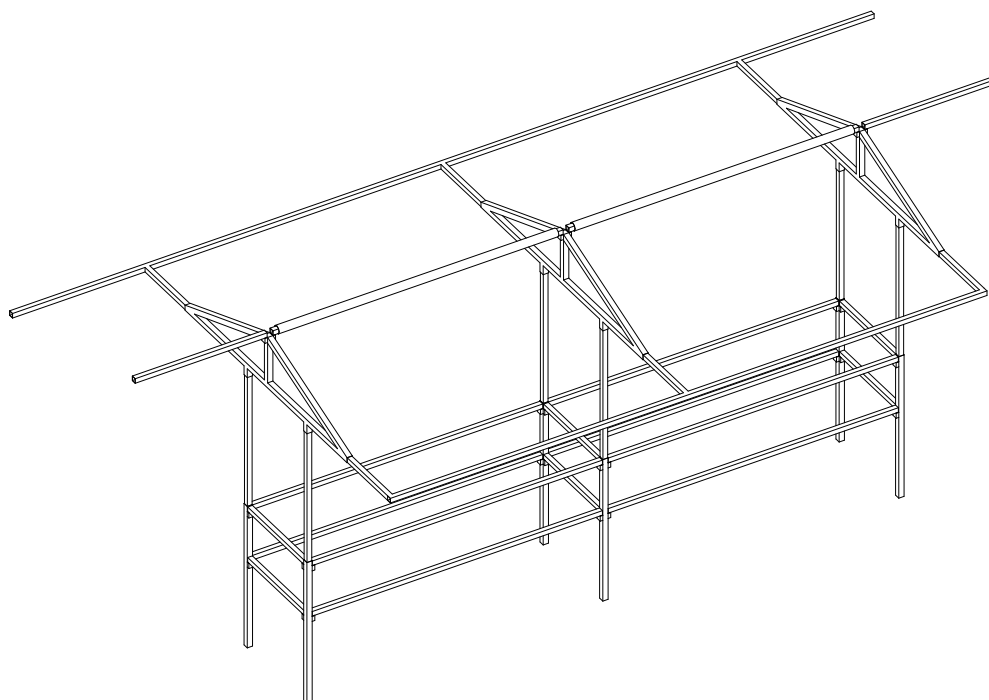
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos têxteis.

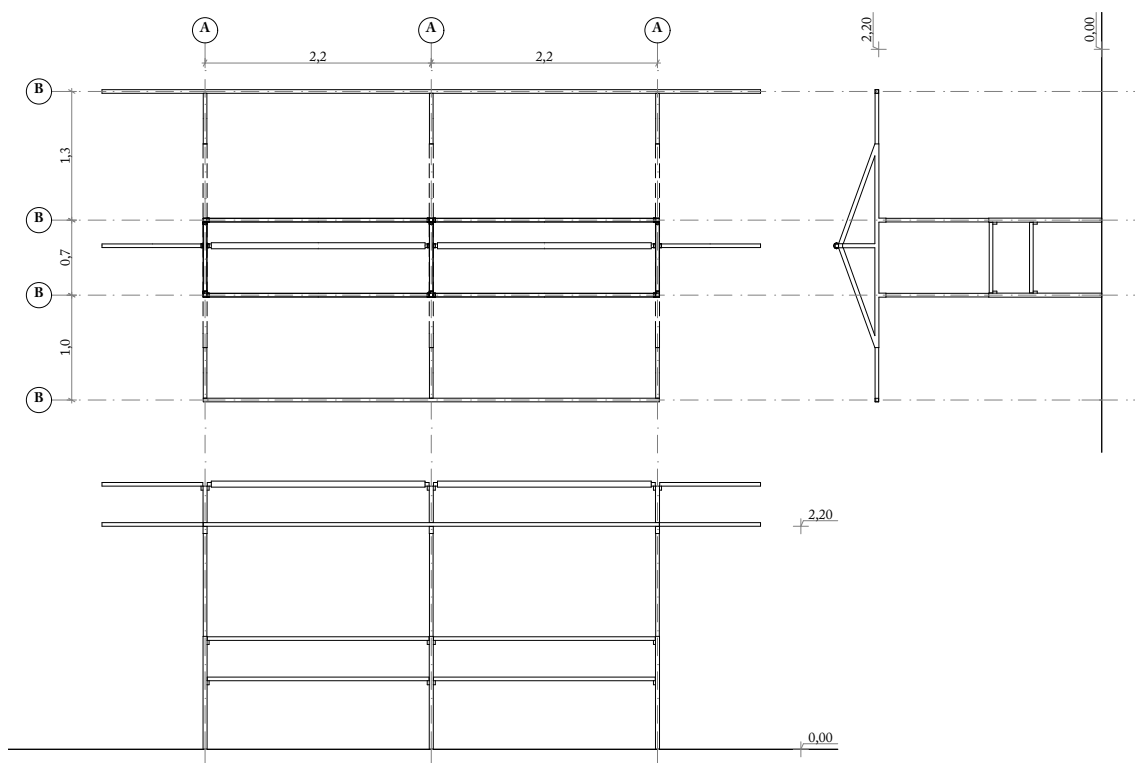
### COMPOSIÇÃO:

Composta por 19 peças.

A primeira variante do Tipo B, em que se considerou estruturas com coberturas em duas águas, apresenta-se como um elemento de transição entre os dois tipos, um híbrido. Sobre a parte inferior de perfis quadrados verticais encaixados com vigas com as pontas em “L”, são adicionados dois tubulares circulares, pousados nas vigas das laterais da estrutura, e que seguram uma viga circular que une ambos os tubulares.



**Fig. 90** | Estrutura do Tipo B, variante 2  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 91** | Estrutura do Tipo B, variante 2  
Planta e alçados, escala 1:75





## TIPO B (A COBERTURA DE DUAS ÁGUAS) - VARIANTE 2



**Fig. 92** | Feira de Santana.

Estrutura do tipo B, variante 2

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Santana, Feira da Senhora da Hora.

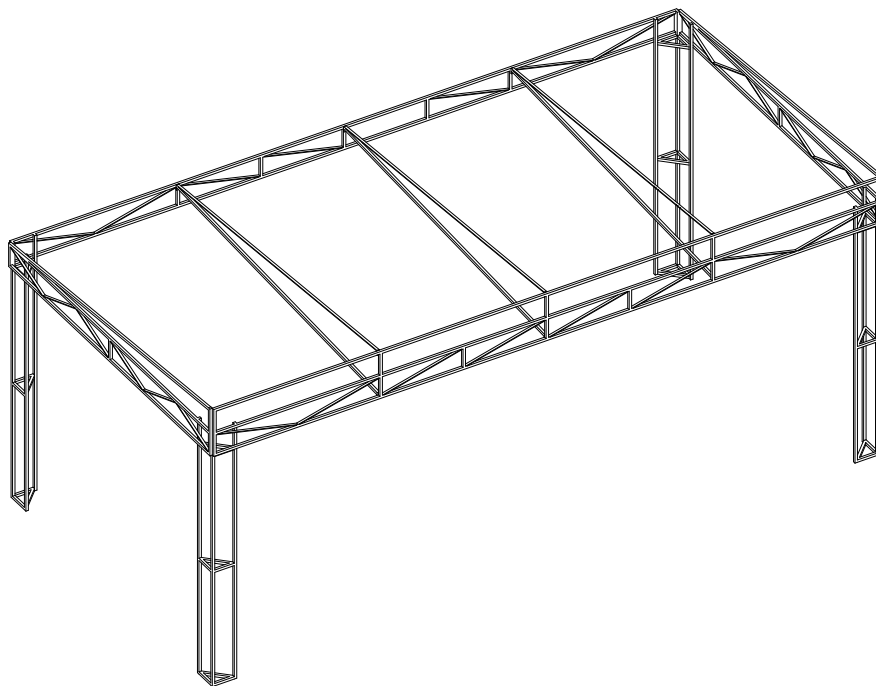
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos alimentares.

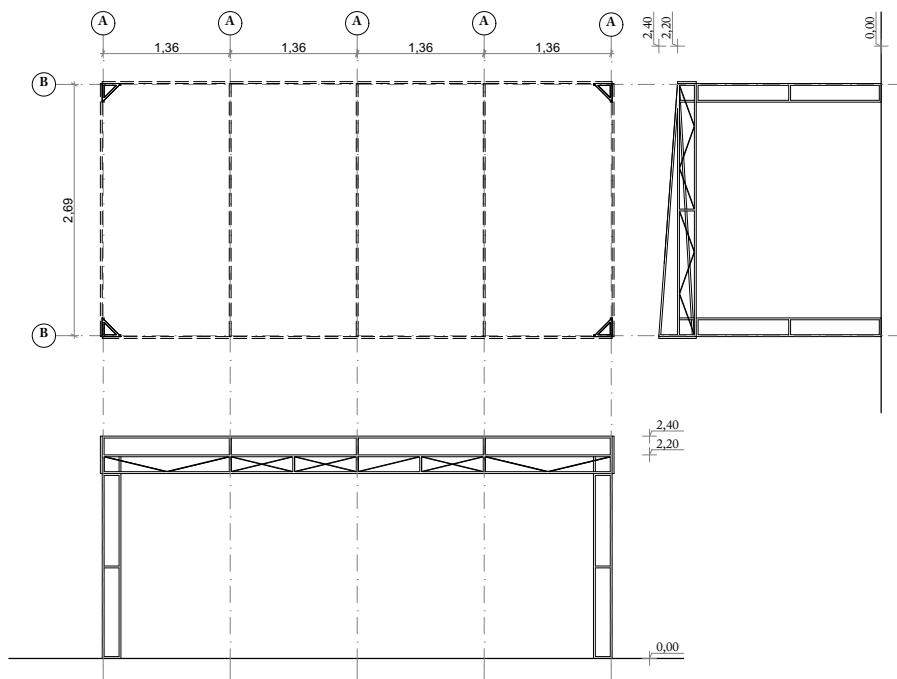
### COMPOSIÇÃO:

Composta por 35 peças (a estrutura incorpora a forma de exposição dos produtos).

Na segunda variante, a estrutura vertical incorpora uma estrutura horizontal tapada por acrílico para a exposição de produtos alimentares. Na parte superior, três asnas metálicas encaixam na estrutura vertical e são ligadas entre si através de perfis com as terminações em “L”, encaixando nas asnas. Esta estrutura, à semelhança da Variante 3 do Tipo A, avança também sobre o corredor de circulação, cobrindo-o parcialmente.



**Fig. 93** | Estrutura do Tipo B, variante 3  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 94** | Estrutura do Tipo B, variante 3  
Planta e alçados, escala 1:75



## TIPO B (A COBERTURA DE DUAS ÁGUAS) - VARIANTE 3



**Fig. 95** | Feira do Cais de Gaia.

Estrutura do tipo B, variante 3

### LOCALIZAÇÃO:

Feira do Cais de Gaia

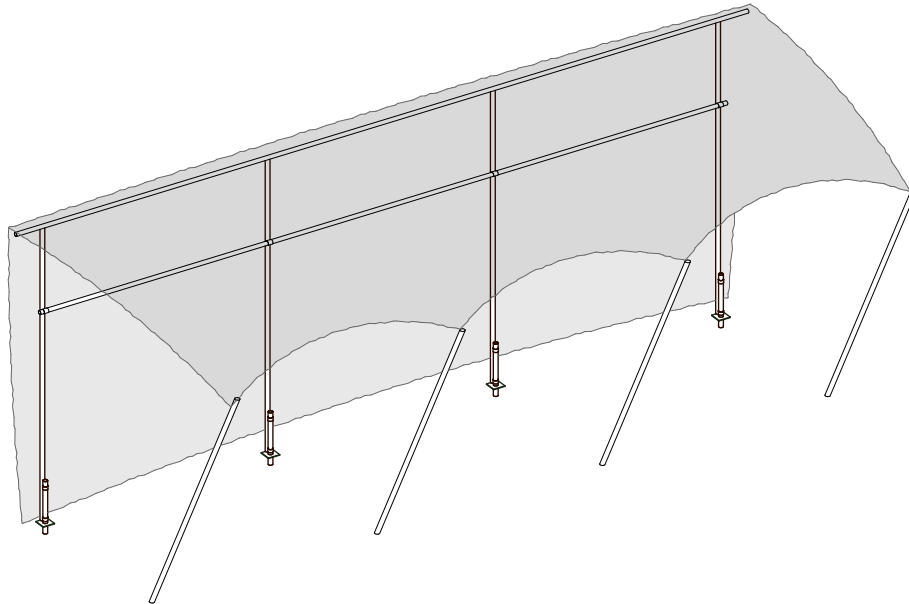
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de miudezas e produtos têxteis.

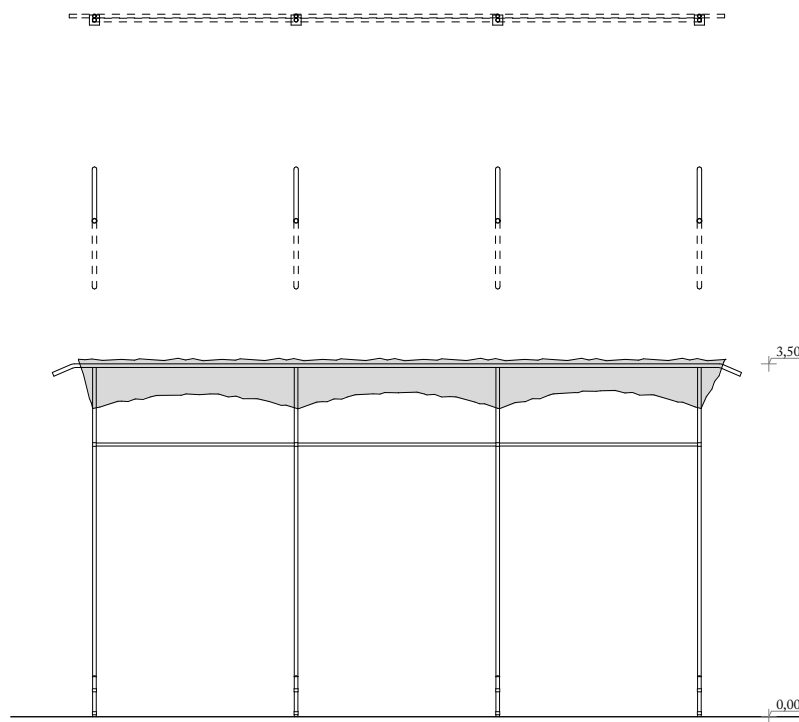
### COMPOSIÇÃO:

Composta por 11 peças.

A Variante 3, utilizada apenas na Feira do Cais de Gaia, é provavelmente a estrutura mais complexa encontrada. Composta por oito elementos verticais que funcionam dois a dois, em esquadria, e se vão unir a quatro elementos horizontais - os das laterais idênticos e com o topo inclinado, para formar a pendente, o da frente mais baixo e do tardo mais alto. Os elementos dos topos são unidos por três elementos transversais que funcionam como treliças e encaixam nessas duas peças, contribuindo também para formar a pendente. A parte superior da estrutura é revestida com um toldo e esconde um sistema de iluminação.



**Fig. 96** | Estrutura do Tipo C, variante 1  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 97** | Estrutura do Tipo C, variante 1  
Planta e alçado, escala 1:75





## TIPO C (A COBERTURA SUSPensa) - VARIANTE 1



**Fig. 98** | Feira de Espinho.

Estrutura do tipo C, variante 1

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Espinho, Feira dos Carvalhos, Feira da Senhora da Hora, entre outras.

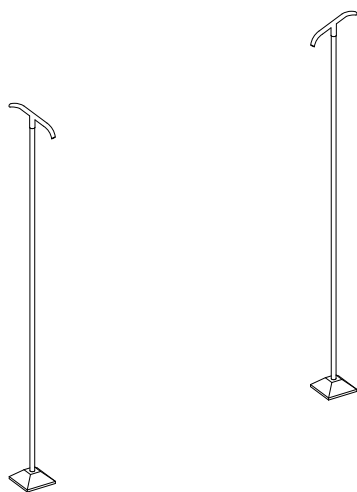
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos têxteis e vestuário.

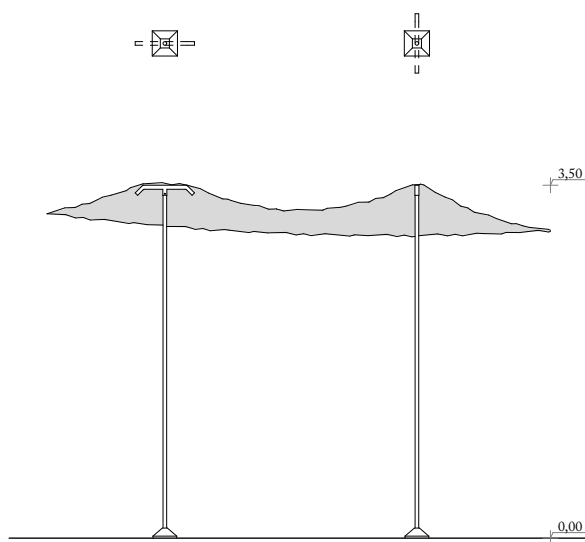
### COMPOSIÇÃO:

Número de peças varia conforme a extensão pretendida.

A estrutura do Tipo C admitiu-se como sendo a tipologia de estrutura que proporcionava um ambiente mais fechado e que permitia que os toldos não tivessem o formato rígido das anteriores. A primeira variante é composta por um conjunto de tubulares circulares levantados e unidos no topo um tubular, horizontal, dobrado nas pontas, onde pousa o toldo. Podem ser combinadas várias linhas destas estruturas, consoante a necessidade de área a cobrir, sendo no final rematado com outros tubulares, colocados na horizontal, onde se amarra as extremidades dos toldos, e que servirão como contra-peso para a estrutura. Nas estruturas desta tipologia não são apresentadas medidas correspondentes a uma métrica uma vez que se constatou ser a tipologia que permitia maior versatilidade nesse aspecto.



**Fig. 99** | Estrutura do Tipo C, variante 2  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 100** | Estrutura do Tipo C, variante 2  
Planta e alçado, escala 1:75



## TIPO C (A COBERTURA SUSPensa) - VARIANTE 2



Fig. 101| Feira de Espinho.

Estrutura do tipo C, variante 2.

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Espinho, Feira dos Carvalhos, Feira da Senhora da Hora, entre outras.

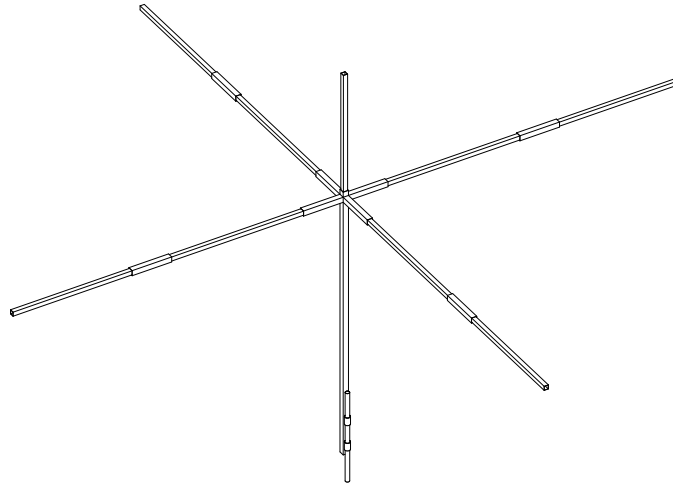
### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos têxteis e vestuário.

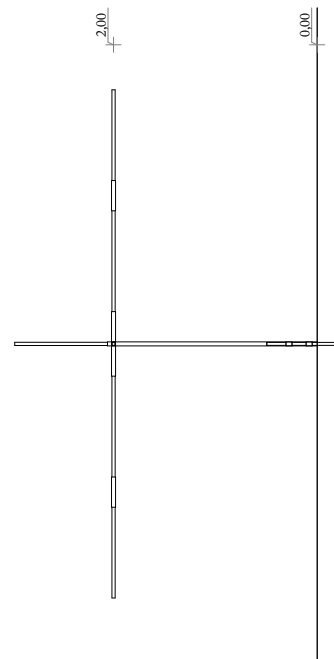
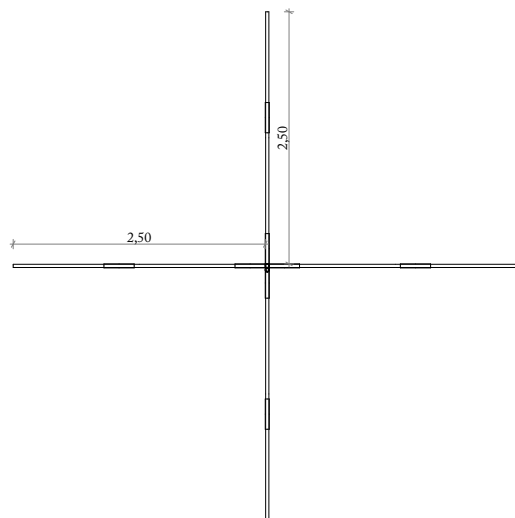
### COMPOSIÇÃO:

Número de peças varia conforme a extensão pretendida.

Esta estrutura, utilizada na maioria das feiras visitadas (Espinho, Santana, Senhora da Hora, Carvalhos), funciona quase como pilares pontuais que sustentam o toldo e lhe conferem um movimento mais orgânico. Normalmente são utilizadas em zonas em que a cobertura se torna mais densa e fechada. É composta por um tubular circular que pode ser adaptado a outros para se tornar mais elevado, sendo rematado, no topo, por outro tubular circular dobrado nas pontas. A sua fixação ao chão pode ser feita através de uma base quadrada de pesos ou através da sua junção com uma barra fixada no chão.



**Fig. 102|** Estrutura do Tipo D  
Axonometria, escala 1:60



**Fig. 103|** Estrutura do Tipo D  
Planta e alçados, escala 1:75





## TIPO D (O GUARDA-SOL)



**Fig. 104|** Feira de Vila do Conde.

Estrutura do tipo D.

### LOCALIZAÇÃO:

Feira de Vila do Conde, Feira de Santana, Feira de Espinho, entre outras.

### TIPO DE COMÉRCIO:

Utilizada na venda de produtos alimentares.

### COMPOSIÇÃO:

Composto por 9 peças.

Por fim, para a estrutura do Tipo D, considerou-se a de forma e funcionamento semelhante à de um guarda-sol. Composta por um perfil quadrado central, conecta-se com quatro perfis transversais através de quatro elementos perpendiculares às faces do perfil vertical e soldados a estas. Os perfis horizontais transversais encaixam nesses elementos soldados e conseguem-se estender com a dimensão pretendida ao fazer a sua adaptação com outros perfis através de elementos de ligação, ligeiramente mais largos, que funcionam como uma junta de encaixe. O perfil vertical é também encaixado com outro que fica mais alto do que os horizontais, de forma a permitir uma pendente de quatro águas do toldo.

## ARQUITECTURA MÓVEL



Fig. 105| Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

Processo de montagem.

“A cidade não é apenas um objecto perceptível (e talvez apreciado) por milhões de pessoas das mais variadas classes sociais e pelos mais variados tipos de personalidades, mas é o produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem manter-se as linhas gerais exteriores, por outro, há uma constante mudança no pormenor.”<sup>49</sup>

No capítulo anterior estudou-se já a forma como as pessoas se apropriam temporariamente de diferentes espaços, quer seja através de elementos físicos ou apenas pelas suas actividades - desde manifestações ou outros tipos de ajuntamentos que irão distinguir a vivência de um determinado espaço dos restantes dias. Ainda que, de um ponto de vista mais afastado, o período de tempo de duração da cidade seja bastante alargado, ao focar a atenção numa escala mais próxima, comprova-se que a cidade é um organismo composto por elementos em constante mudança. Dessa forma, opta-se por reduzir uma vez mais o foco de estudo, e analisar os tipos de arquitectura que acompanham esta constante mutabilidade da cidade.

Num contexto onde predomina a já sobre-construção da cidade, as preocupações do impacto ambiental dos edificios e marcado por um modo de vida cada vez mais nómada, a questão da construção efémera ou portátil é cada vez mais pertinente. A impermanência no mesmo sítio por

---

49 LYNCH, Kevin. Op. Cit. P. 12

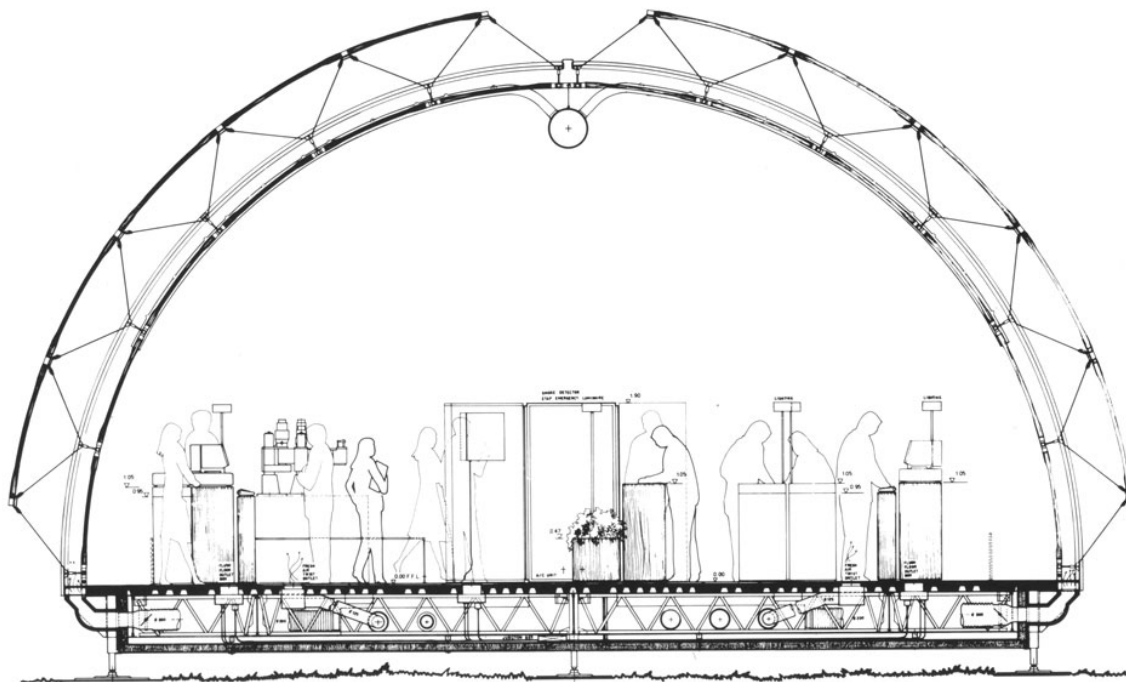


Fig. 106| Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

Corte transversal.

um extenso período de tempo, não só do ponto de vista do habitar mas também profissional, tem motivado experiências para dispositivos que se possam adaptar a contextos distintos, desde casas móveis, pavilhões desmontáveis ou até abrigos temporários.

Entre 1983 a 1986, Renzo Piano desenhou um pavilhão de exposições para a *IBM Europe*, destinado a promover os avanços na tecnologia de computadores para telecomunicações. O pavilhão deveria preencher o requisito de poder ser desmontado e recolocado, de forma a levar a exposição a 20 cidades Europeias distintas.

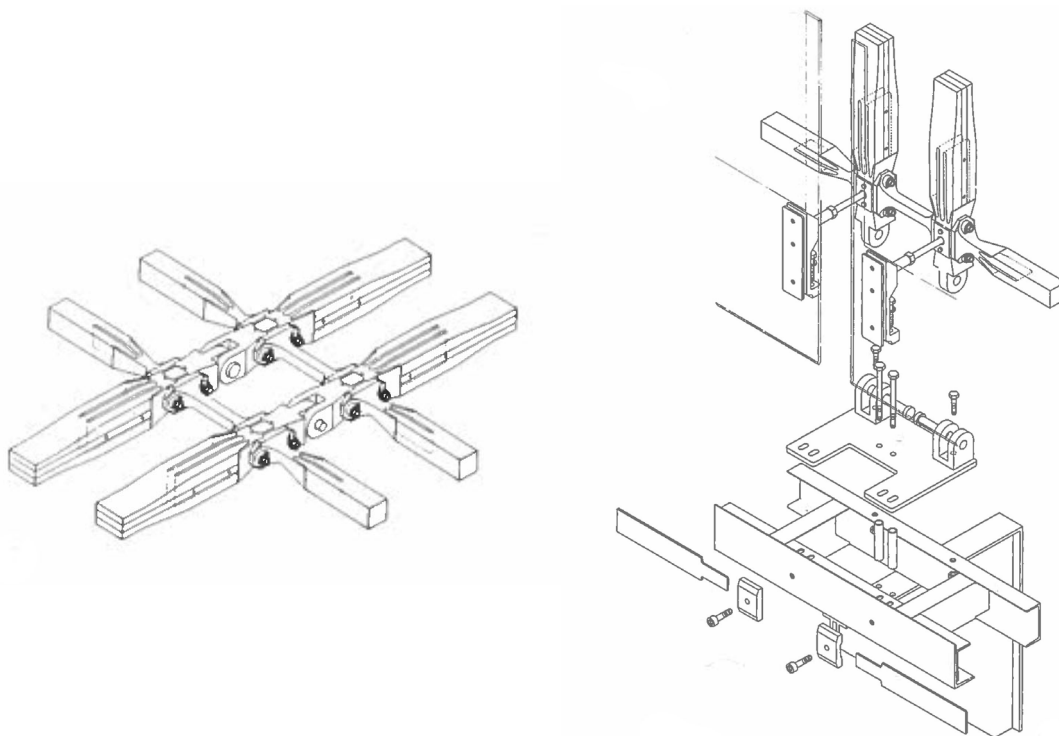
"De forma a poder facilitar a fácil montagem, desmontagem e transporte, a estrutura é feita de elementos modulares e repetitivos de madeira e policarbonato."<sup>50</sup>

O resultado final apresenta um pavilhão em abóbada composta por 34 elementos auto-portantes, repetidos ao longo do seu comprimento, que poderiam facilmente, e se assim se verificasse necessário, alterar a sua extensão, adicionando ou removendo módulos.

<sup>50</sup> Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/ibm-travelling-pavilion> [consultado em Dezembro de 2016] -

"In order to facilitate easy assembly, disassembly and transportation, the enclosure is made of modular, repetitive elements of wood and polycarbonate."





**Fig. 107** | Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

Pormenores construtivos.

“Em micro arquitectura todos os ingredientes de arquitectura são muito secos, claros e interdependentes: estrutura, construção, pele, energia-circulação, dentro-fora, superfície e cor. Cada pequeno elemento tem potencialmente a mesma importância para o desenho global.”<sup>51</sup>

Apesar da definição introduzida por Andrea Vogler se referir a micro-arquitectura, admite-se uma certa transversalidade à arquitectura portátil. Comparando a estrutura desenhada por Renzo Piano às utilizadas nas Feiras do Livro verifica-se que, a nível volumétrico a diferença não é muito significativa, não sendo apenas a cobertura abobadada do *Travelling Pavillion* que o torna numa boa obra de arquitectura. Nota-se, no entanto, um cuidado exímio ao nível do sistema construtivo e na inclusão de cada elemento para o desenho global (Fig. 107). De forma geral, quando se observa as estruturas dos casos de estudo, comprova-se que a questão estética é deixada para segundo plano, em detrimento do seu processo construtivo de forma a proporcionar uma montagem rápida, fácil e barata. Na Feira do Livro do Cais de Gaia (Fig. 110) en-

---

**51 VOGLER, Andreas.** *Micro Architecture in Education*. In *Transportable environments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 92-93 - “In micro architecture all the ingredients of architecture are very crisp, clear and interdependent: structure, construction, skin, energy-circulation, inside-out, surface and colour. Each tiny little element has potentially the same importance for the whole design.”





Fig. 108| Feira do Livro do Cais de Gaia.

Pormenor da estrutura e revestimento.

tende-se esta dissociação entre estrutura e pele que Andrea Vogler refere, traduzindo-se, aliás, de uma forma bastante literal, uma vez que a estrutura funciona de forma independente do seu revestimento, que é apenas pousado sobre ela. A própria estrutura não é desenhada como um conjunto, em vez disso, resulta de um aglomerado de correcções, como se vê na imagem, em que são acrescentados tubulares metálicos para segurar o revestimento do pavilhão, amarrando-se depois à estrutura portante.

“A arquitectura portátil permite-nos contemplar como a arquitectura pode continuar a ter significado na ausência de significado cultural.”<sup>52</sup>

Por estas razões, a percepção popular que se tem do tipo de arquitectura portátil é, geralmente, de um edifício barato, de materiais pobres e, também estes, temporários e facilmente descartáveis, o que não corresponde necessariamente à realidade. A sua característica temporária refere-se a nível de permanência num local e não à sua durabilidade e tempo de vida. Conforme indica a citação de Rumiko Handa, o carácter móvel não significa que a sua arquitectura esteja desprovida de significado, simplesmente as questões e relações que deve ter em consideração trabalham numa escala

---

52 HANDA, Rumiko. *Body World and Time: Meaningfulness in Portability*. In *Transportable environments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 8 - “Portable architecture allows us to contemplate how architecture may still be meaningful in the absence of cultural imprimatur.”



Fig. 109| Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

Fotografia da estrutura a ser transportada e colocada no local.

de pormenor de construção e de escala humana, de sensações e qualidade de uso para o habitante.

De facto, existe uma complexidade inerente à arquitectura móvel que se verifica ao longo dos textos de Robert Kronenburg, em *Architecture in Motion: The History and development of portable building*,<sup>53</sup> onde a agrupa em três subgrupos: "edifícios portáteis (portable buildings)", transportados de um local para o outro intactos, sem que seja necessário serem desmontados (como acontece com o projecto de Renzo Piano (Fig. 109), onde se vê uma carrinha a transportar a estrutura e a colocá-la no local); "edifícios relocizáveis (relocatable buildings)", transportados por partes e montados quase instantaneamente no local, podendo também incluir o próprio sistema de transporte na sua estrutura; e por fim, "edifícios desmontáveis (dismountable buildings)", que, como indica o nome, são compostos por diversas partes montadas no local e desmontadas uma vez servido o seu propósito (Fig. 110).

No regulamento referente à Feira da Senhora da Hora<sup>54</sup> é referido que os feirantes terão das 07:30h às 08:15h para montar as suas bancas e expor os produtos. Ainda assim, torna-se

---

53 KRONENBURG, Robert. *Transportable environments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998.

54 Disponível em: <http://www.uniaojf-sminfesta-srahora.pt/regulamento-da-feira-semanal-de-senhora-da-hora/> [consultado em Maio de 2017]



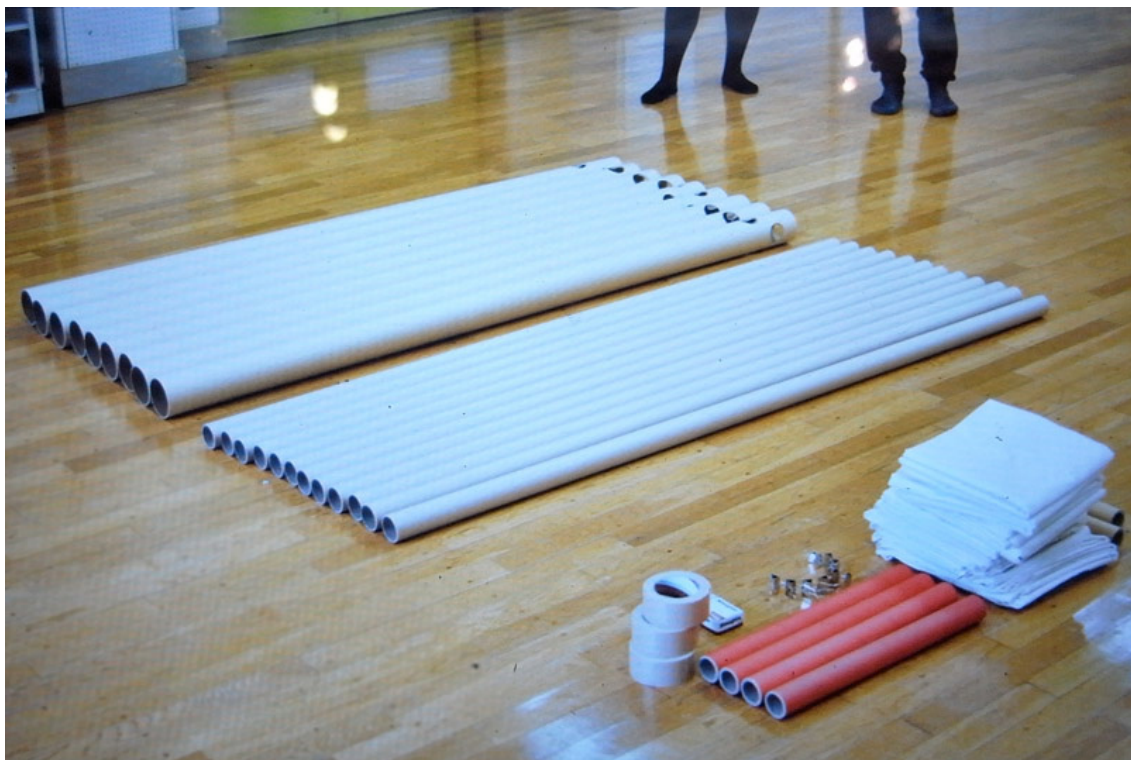


Fig. 110| Shigeru Ban, *Paper Partition System 4*, Japão, 2011.

Fotografia dos elementos constituintes da estrutura antes da sua montagem.

um processo moroso, dada a fragmentação das estruturas e necessidade de montagem e desmontagem. Parece pertinente, uma vez que se trata de estruturas de dimensões relativamente pequenas, tentar que façam parte da categoria denominada por Kronenburg de "edifícios relocalizáveis".

“A ideia de impermanência neste momento está imbuído na noção da técnica construtiva. Por outras palavras, a parte da maquilhagem física de algo que é temporário é uma dimensão e um potencial para a sua própria ruína, na verdade representa a característica que a define.”<sup>55</sup>

Parece ser transversal aos vários autores, tanto nos seus textos sobre micro-arquitectura como sobre arquitectura portátil, quanto à importância do sistema construtivo para o sucesso da sua arquitectura. Torna-se portanto crucial, a atenção ao detalhe e à inclusão de cada uma das peças quando se avança para um projecto de uma arquitectura temporária e móvel.

---

<sup>55</sup> KRSTIC, Vladimir. *Constructing The Ephemeral: The Notions of Binding and Portability in Japanese Architecture*. In *Transportable environments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 33 - “The idea of impermanence in this instance is embedded in the notion of construction technique. In other words, the part of the physical makeup of something that is temporary is a dimension and a potential for its own undoing, it actually represents its defining characteristic.”

## PROBLEMAS E REFERÊNCIAS



Fig. 111| Ginásio na Prefeitura de Miyagi.

Vista sem o sistema de divisórias.

Uma vez concluído o levantamento e análise dos casos de estudo e das suas respectivas estruturas, comprova-se que, ainda que se possa admitir uma linguagem transversal aos vários casos, a feira não é um sistema unitário, mas sim fragmentado. Cada estrutura funciona de forma independente, diferentes umas das outras, divididas entre tipologias e variantes, sem que exista coesão ou justificação para as diferenças entre cada uma delas.

Desta forma, admitem-se dois grandes grupos de divisão destas estruturas: as utilizadas para o sector têxtil, correspondentes ao Tipo C, mais altas, com apoios pontuais e espaçamentos distintos; e as utilizadas nos restantes sectores (Tipos A, B e D). Apesar de serem agrupadas como tipologias distintas, as estruturas do tipo A, B e D não apresentam diferenças funcionais relevantes nos sectores onde são utilizados. Uma estrutura do Tipo A tanto pode ser utilizada para a exposição de produtos alimentares, bijuteria ou até mesmo calçado, de forma que o desenho destes tipos não corresponde necessariamente a uma necessidade do seu sector.

Recorrendo ao projecto *Paper Partition System 4* do arquitecto japonês Shigeru Ban, decide-se estudar a abordagem do arquitecto na resolução desse mesmo problema que é aqui levantado. O projecto combina essa vontade de criar um sistema unificado através de módulos de funcionamento independente.

Shigeru Ban ficou conhecido pelas suas construções com estruturas em tubos de papel reciclado e pelos seus projectos de reacção a desastres naturais e, nesta obra de habitação tempo-





**Fig. 112|** Shigeru Ban, *Paper Partition System 4*, Japão, 2011.

Vista de um ginásio com o sistema montado.

rária desenhada para acolher as vítimas do terramoto e do tsunami que atacou o Japão no ano de 2011, utiliza uma vez mais esses mesmos tubos de papel reciclado para criar um módulo quadrado de 2x2 metros que se poderia agrupar indefinidamente. Com cortinas penduradas das vigas, o arquitecto consegue dividir e agrupar os módulos de diferentes formas para criar habitações e tipologias distintas que respondam às necessidades das famílias vítimas do desastre. Assim, torna-se possível que a estrutura, ainda que apresente uma capacidade de funcionamento independente e autónomo, funcione como um conjunto, interligado e contínuo, que permite uma leitura de unidade, em vez de partida e fragmentada, como acontece nas feiras.

"As divisórias podem ser construídas sem nenhum prego em apenas 30 minutos. O sistema tem a vantagem de tornar desnecessária o armazenamento de materiais, e pode ser facilmente montado por pessoas sem experiência em construção. Cerca de 1800 divisórias de papel de 2x2 metros foram instaladas na Prefeitura de Miyagi após o terramoto e tsunami de 2011."<sup>56</sup>

---

**56 JODIDIO, Philip.** *Shigeru Ban*. - Taschen, 2016. P. 71 - "Partitions can be built without any nails in just 30 minutes. This system has the advantage of obviating the need to stock materials, and it can be easily assembled by people without building experience. No fewer than 1800 2x2-meter Paper Partition units were installed in Miyagi Prefecture after the 2011 earthquake and tsunami."

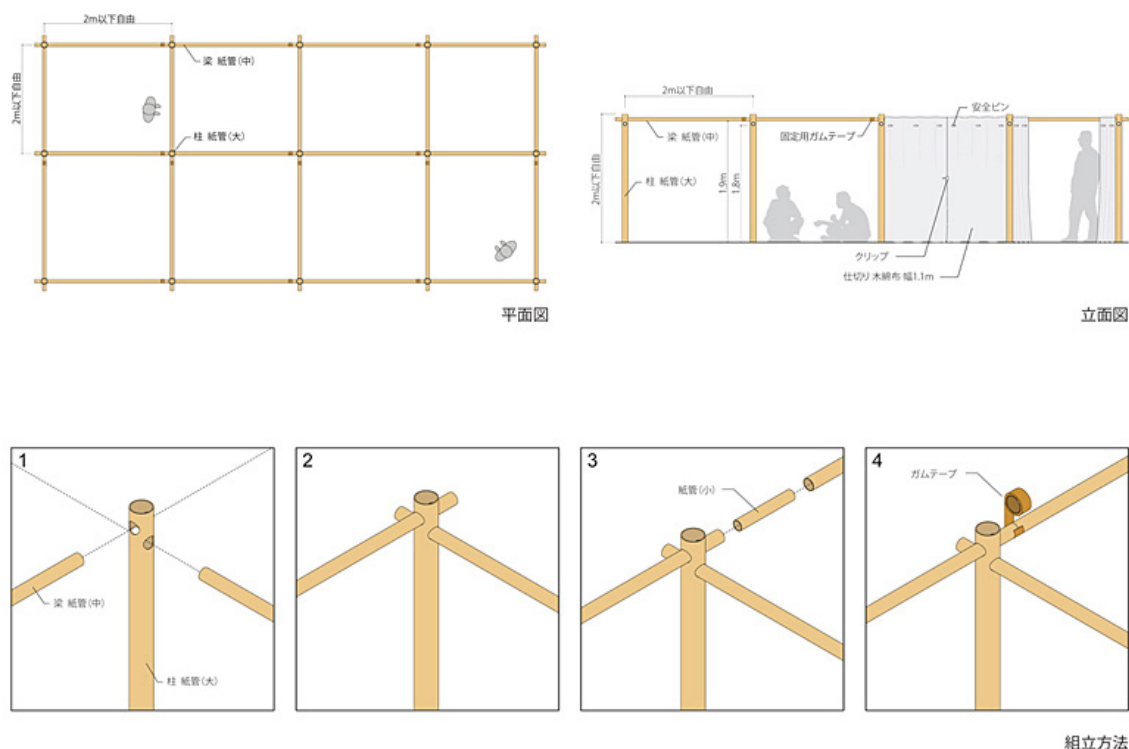


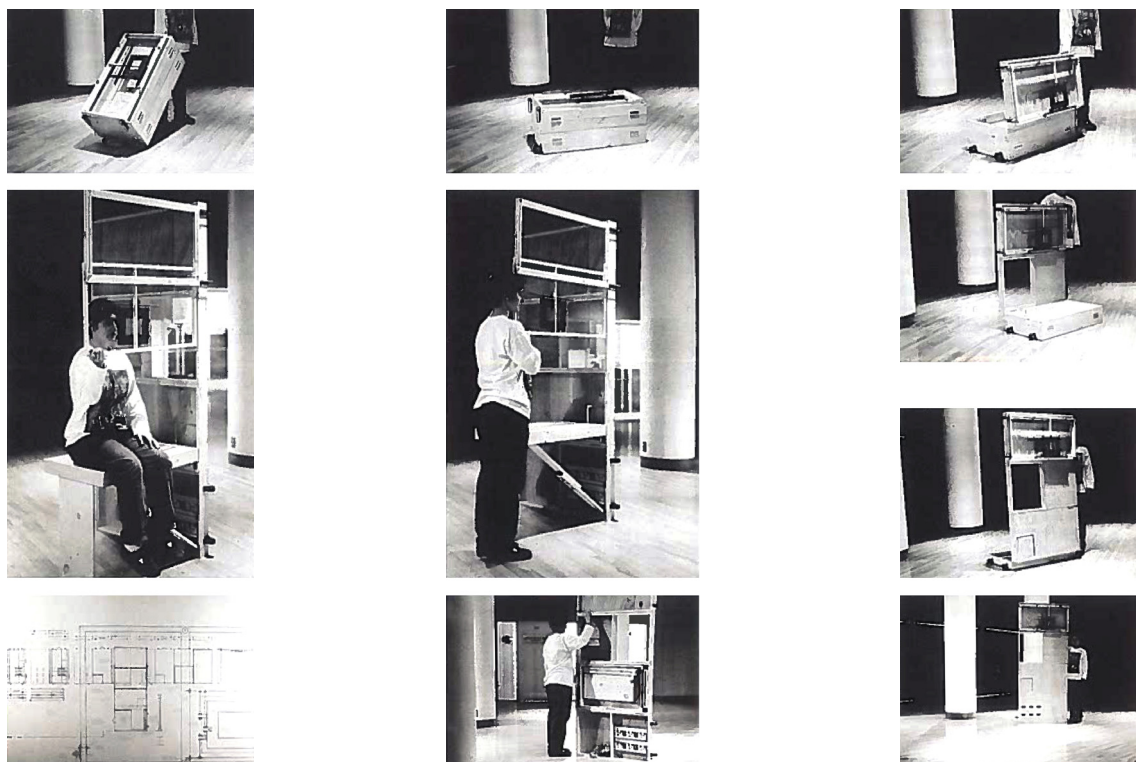
Fig. 113| Shigeru Ban, *Paper Partition 4*, Japão, 2011.

Planta, alçado e esquema de montagem.

Construtivamente, detém um funcionamento bastante simples, onde, através do acesso a poucos recursos, consegue provar-se de grande interesse pela sua simplicidade e cuidado a nível construtivo, uma vez que consegue incluir o sistema de encaixe no desenho do todo. É o próprio sistema estrutural que torna possível a leitura contínua dos elementos, contribuindo para a referida sensação unitária do conjunto.

Como é referido na citação de Philip Jodidio, a estrutura não necessita de pregos e é montada fácil e rapidamente em trinta minutos, recorrendo a um sistema de encaixes onde as vigas atravessam os pilares. Posteriormente, as vigas são conectadas às do módulo seguinte, ligando-se através da inserção de um tubo de menor diâmetro no seu interior. O remate das juntas entre as duas vigas é, depois, feito com fita cola da mesma cor, não só de forma a esconder a junta entre os dois elementos, mas também de forma a dar mais estabilidade à estrutura.

Contudo, ainda que a rapidez de montagem seja essencial para o correcto funcionamento destas estruturas, à semelhança do que acontece com as estruturas dos feirantes, também o *Paper Partition System 4* é composto por diversos elementos, vigas, pilares, que no final da sua utilização são, uma vez mais, desmontados e armazenados individualmente, entrando na categoria de "edifícios desmontáveis" referida anteriormente por Robert Kronenburg. Assim, pensa-se que seria uma mais valia, tanto na facilidade de armazenamento, como na sua rapidez de montagem, considerar alguns projectos que se enquadrassem na categoria de "edifícios relocizáveis".



**Fig. 114|** Christopher King, *Suitcase 1*, data desconhecida.

Sequência de imagens do processo de montagem da estrutura e interação do utilizador.

Dessa forma, são estudados dois projectos que respondem de formas distintas a esta problemática da capacidade de transporte sem que seja necessária a sua desmontagem completa. O primeiro caso de estudo, provém de uma reflexão teórica de Christopher King sobre o modo de habitar, cada vez mais nómada e sobre a posição do Homem enquanto habitante do espaço público, em que o autor toma como ponto de partida o turista, o viajante que habita um espaço temporariamente, acompanhado pela sua mala de viagem, a única aproximação que o viajante consegue ter daquilo que é a sua casa.

"A casa convencional já não é um modo viável de habitar nos ambientes densos e entrelaçados em que vivemos. Uma investigação sobre a natureza inata da casa conduziu à discussão de um habitat ambulante que poderia permitir a navegação do espaço público mantendo ao mesmo tempo os limites que protegem o espaço pessoal de um indivíduo."<sup>57</sup>

---

**57 KING, Christopher.** *The Suitcase: (Postcards and Paraphernalia) Redefining the Space of Tourism and Travel*. In *Transportable environments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 39 - "The conventional house is no longer a viable mode of habitation in the dense and intertangled environments in which we live. An inquiry into the innate nature of house has led to discussion of a traveling habitat which could allow for the navigation of public space while still maintaining the boundaries which secure the personal space of an individual."

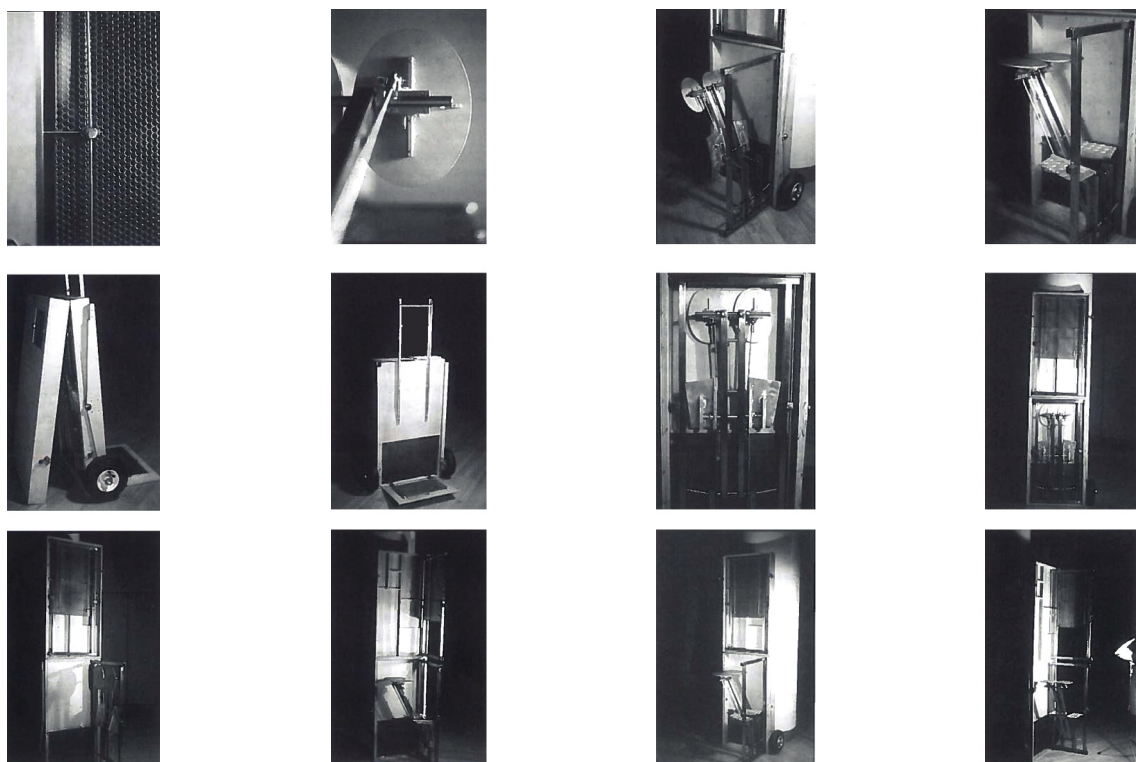
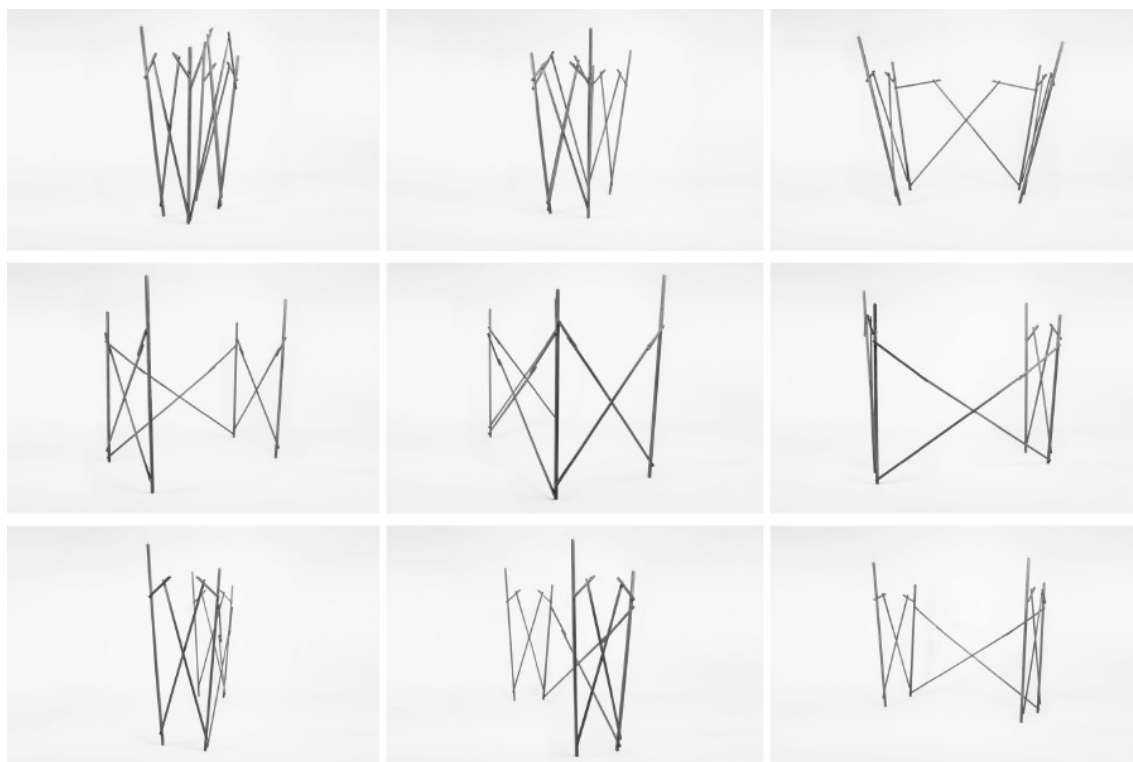


Fig. 115| Christopher King, *Suitcase 2*, data desconhecida.  
Sequência de imagens do processo de montagem da estrutura.

Desta forma, o autor desenha duas estruturas metálicas desdobráveis e portáteis (*Suitcase 1* e *Suitcase 2*), de formato idêntico ao da mala de viagem, quando recolhidas. Ambas oferecem a possibilidade de se desdobrar e montar, convertendo-se quase num armário de onde sai um banco e uma mesa. Segundo o autor, a *Suitcase 1* surge direccionada ao turista, equipada com instrumentos fotográficos e de gravação de som, a estrutura propunha-se a criar os postais das suas próprias viagens. A segunda, por sua vez, é desenhada com uma relação mais directa ao corpo humano e às suas necessidades. Em ambos os casos a sua flexibilidade é notória: confinada a um espaço reduzido quando recolhida, quando montada consegue apresentar soluções para armazenamento com prateleiras, de descanso, de apoio.

Por sua vez, o estúdio Fabrica, com o seu projecto *Next Cabane*, apresenta um sistema de montagem distinto da mala de viagem desdobrável. Tomando como ponto de partida uma estrutura encontrada num *flea market* na Escócia, o estúdio decidiu colaborar com sete designers, numa tentativa de reinterpretação de diferentes formas de utilização desta estrutura, cujo uso crêem estar relacionado com os abrigos para pescadores. O projecto foi lançado entre 12 a 17 de Abril de 2011 no *Salone del Mobile*, que ocorreu em Corso di Porta Vittoria, mudando-se em Setembro do mesmo ano para a Bruxelas, para fazer parte da exposição *Design September* no Museu La Loge.





**Fig. 116|** Fabrica, *Next Cabane*, 2011.

Sequência de imagens do processo de montagem da estrutura.

"Este projecto começa com uma simples, desdobrável estrutura tipo-cabana feita de ripas de madeira encontradas num flea market no norte da Escócia. O esconderijo, originalmente coberto com uma lona, era usado como um abrigo para pescadores. Agora na sua sexta geração, esta instalação de um quarto móvel desenvolveu soluções temporárias para encenar espaços simbólicos e protectores."<sup>58</sup>

A estrutura base é constituída por cinco varas de madeira verticais, que funcionam como os pilares da estrutura, conectadas entre si por varas diagonais. São estas, que conferem à estrutura o seu carácter desdobrável, através da inclusão de uma vara, mais pequena, na parte superior de cada uma destas diagonais, permitindo que estas rodem e se juntem. Assim, tornam a estrutura num quarto móvel, passível de ser transportado para diferentes localizações, e onde exploram as diversas potencialidades de interacção do usuário.

---

<sup>58</sup> *The New Nomads - Temporary spaces and a life on the move.* - Berlin : Gestalten, 2015. P. 62 - "This project begins with a simple, foldable hut-like structure made of wooden slats found in a flea market in the north of Scotland. The hideout, originally covered with a tarpaulin , was used as a shelter for anglers. Now in its sixth iteration, this stripped-down mobile room installation develops temporary solutions for staging symbolic and protective spaces."



Fig. 117| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Marie Dessuant e Margaux Keller, *Soft Fold*.



Fig. 118| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Catarina Carreiras, *Cavern*.

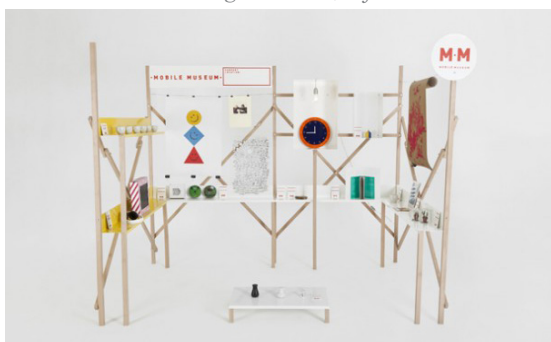


Fig. 119| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Philip Bone e Dean Brown, *Mobile Museum*.



Fig. 120| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Amaury Poudray, *Rod*.

"Refúgios pessoais, íntimos, em harmonia com o seu envolvente; reflectem-se em campos como o trabalho, a cultura pop-up, solidão, jogos. Definições alternativas onde uma pessoa pode viver melhor com mais consciência, onde o design está ao serviço da pesquisa de materiais, formas e estruturas."<sup>59</sup>

Apesar de ter começado com apenas sete interpretações desta estrutura, foram já acrescentados outros estudos à medida que o projecto se relocizava para a próxima exposição. Todas elas demonstram a versatilidade da estrutura, passando desde uma estrutura para exposições a uma divisória em que o usuário pode encontrar os cuidados básicos necessários para o seu repouso. Servindo-se de peças adicionais, criam prateleiras e suportes enquadrados no desenho global da estrutura. As diferentes formas de utilização de panejamentos, cobrindo o perímetro da estrutura ou a sua parte superior (Fig. 118 e 119) alteram de imediato a percepção que se tem da mesma.

A mais famosa interpretação será, talvez, a de Philip Bone e Dean Brown intitulada de *Mobile*

<sup>59</sup> Disponível em: <http://2009to2012.fabrica.it/project/next-cabane> [consultado em Abril de 2017] - "Personal, intimate havens in harmony with their surroundings; they reflect on subjects like work, pop-up culture, loneliness, games. Alternative settings were one can live in a better way with more awareness, where design is at the service of research into materials, forms and structures."



Fig. 121| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Sam Baron, *Terroir*.



Fig. 122| Fabrica, *Next Cabane*, 2011.  
Valentina Carretta e Gustavo Millon, *Weathering The Storm*.

*Museum*, que, tal como o seu nome o indica, corresponde a um museu móvel, não só na sua localização mas também na colecção que expõe, uma vez que se trata de uma exposição feita de donativos, estando, portanto, em constante crescimento e alteração.

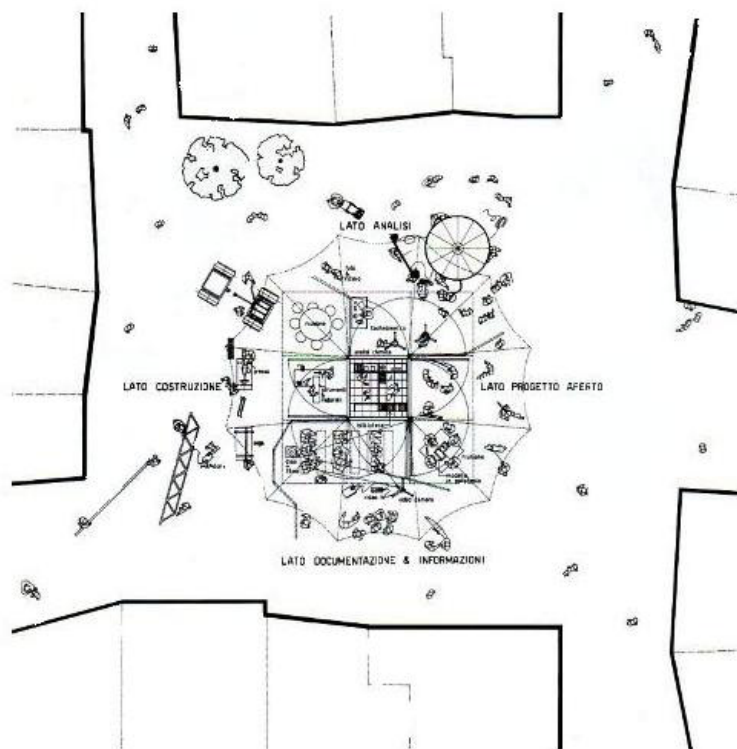
"Ao contrário do museu tradicional a colecção está sempre a mudar, evoluindo dependendo da sua localização, com a própria localização a ditar o tema."<sup>60</sup>

A primeira localização teve lugar durante a exposição *Milan Furniture Fair* em 2011, com o tema da sua exposição dedicado à família. Na sua segunda localização mudou-se para o Museu Victoria e Albert, como parte do programa *Friday Late Summer Camp*, mudando-se depois para Bruxelas, como foi referido anteriormente, para integrar na exposição *Design September* de 2011.

Num último ponto de abordagem às características das estruturas dos feirantes, confirma-se que a própria forma como a cobertura é tratada não é constante e nem sempre enquadrada no desenho do conjunto. Pretende-se, portanto, entender possíveis formas de diálogo entre a

---

<sup>60</sup> Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2012/mobile-museum/> [consultado em Abril de 2017] - "Unlike a conventional Museum the collection is always changing, evolving depending on its location, with the location itself dictating the theme."



**Fig. 123|** Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

Planta com a identificação das diferentes áreas de trabalho.

cobertura e a própria estrutura, uma vez que actualmente existe pouca coesão nos métodos utilizados: algumas pousam e são amarradas às vigas e pilares da estrutura, outras são suspensas, suportadas apenas em pontos específicos e amarradas às árvores ou aos carros. Para isso, é estudado um último projecto, o *Otranto Urban Regeneration Workshop*, de Renzo Piano. O projecto, datado de 1979, parte de uma colaboração com a UNESCO para a renovação dos centros históricos sem que o seu aspecto fosse danificado.

"O projecto em Otranto foi utilizado para testar a viabilidade de usar artesãos locais para restaurar um centro de cidade antigo. O plano permitia que os residentes continuassem nas suas casas e participassem activamente no trabalho de restauro, graças ao uso de tecnologia não-invasiva e inovadora."<sup>61</sup>

Para levar a cabo esta iniciativa, é construída uma unidade móvel de formato cúbico, que circulava pelo centro da cidade. Essa unidade era constituída de quatro partes, correspondente a cada face do cubo: análise e diagnóstico; informação e educação; projecto aberto; trabalho e construção (Fig. 123).

<sup>61</sup> Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/otrant-urban-regeneration-workshop> [consultado em Abril de 2017] - "The project in Otranto was used to test the feasibility of using local artisans to restore an ancient town centre. The plan allowed residents to remain in their homes and actively participate in the restoration work, thanks to the use of compact, non-invasive and innovative technology."





**Fig. 124** | Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

Fotografia debaixo do toldo.

"A secção de análise e diagnóstico realizava avaliações estruturais, arquitecturais e sanitárias dos edifícios degradados da área. (...) A segunda secção - informação e educação - estudava os inúmeros problemas relacionados com a restauração de centros de cidade antigos. (...) A secção intitulada "projecto aberto" mantinha o público informado sobre os aspectos práticos e técnicos do projecto e as suas actividades (...) A secção de trabalho e construção progrediu desde do diagnóstico de fases anteriores ao próprio trabalho de restauro."<sup>62</sup>

Em cada uma das faces laterais do cubo existia dois painéis com grelhas (Fig. 126) que rebatiam sobre um pivot colocado em cada extremidade do cubo, permitindo que rodassem e fizessem a separação entre as diferentes áreas de trabalho. Através da planta, comprova-se a versatilidade dessa separação, uma vez que os painéis podiam rodar segundo um eixo de 180°, permitindo mais ou menos espaço, consoante o usuário pretendesse.

---

<sup>62</sup> Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/ottranto-urban-regeneration-workshop> [consultado em Abril de 2017] - "The analysis and diagnostics section performed structural, architectural and sanitary assessments of the area's rundown buildings. (...) The second section – information and education – studied the many issues relating to the restoration of old city centres. (...) The section entitled 'open project' kept the public informed about the project's practical and technical aspects and its activities (...) The work and construction section progressed from the diagnoses of the previous stages to the actual restoration work itself."



Fig. 125| Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.  
Fotografia aérea.

Analisando a cobertura utilizada, identificam-se algumas parecenças com a forma como são colocados os toldos nas estruturas do Tipo C, do sector têxtil, sendo que também neste projecto a cobertura assenta em pontos específicos, ficando a restante lona suspensa. Porém, a forma como estes pontos de apoio estão desenhados, integrados na própria estrutura, erguendo-se a partir dos cantos do cubo, denota que não se trata apenas de uma cobertura pousada em cima de outra estrutura, mas que é o resultado de um desenho cuidado e de inclusão de diferentes partes.

Verifica-se neste projecto a importância de inclusão das diferentes partes no desenho do conjunto. O que à primeira vista pareceria uma cobertura desprendida do restante módulo cúbico, após um olhar mais atento, nota-se a preocupação patente na conjugação e diálogo entre estes dois elementos. Será esta atenção ao detalhe e ao sistema construtivo que guiará a experiência projectual levada a cabo no próximo capítulo.







# IV

## O CASO PRÁTICO

Fig. 126| Proposta.  
Fotomontagem

“(...) as pessoas e a actividade humana são o grande objecto de atenção e interesse. Mesmo a mais modesta forma de contacto de meramente ver e ouvir ou estar perto de outros é aparentemente mais recompensador e mais procurados do que a maioria das outras atracções oferecidas pelos espaços públicos de cidades e áreas residenciais. A vida em edifícios e entre edifícios parece em quase todas as situações classificar-se como mais essencial e mais relevante do que os próprios espaços e edifícios.”<sup>63</sup>

De forma a concluir o estudo, reconhece-se que existe uma grande complexidade por detrás das feiras e que a sua popularidade e constante presença ao longo dos anos se deve, não à qualidade dos seus espaços, nem apenas à sua vertente económica ou de qualidade de produtos, mas à sua própria capacidade de atrair de pessoas e de se tornar num evento festivo e social. A feira tem a habilidade de se tornar mais relevante do que os próprios espaços públicos, tal como refere Jan Gehl, embora não se refira especificamente a estes casos, pode-se certamente verificar uma transversalidade para com o objecto de estudo desta dissertação. Essa capacidade e o facto das localizações que ocupam serem normalmente terrenos com uma utilização pouco elevada no dia-a-dia, traz uma certa consciencialização para esses espaços de qualidades reduzidas e esquecidos pela cidade e os seus habitantes. A sua efemeridade e possibilidade de realocação torna-se também uma virtude a ser utilizada em favor da cidade, tal como se verifica atrás no caso da Feira da Vandoma, no Porto, que viu no início de 2016 a sua localização transferida para a Avenida 25 de Abril. A sua realocação, motivada, entre outras razões, pela falta de oferta que esta nova zona apresentava, bem como uma reduzida afluência de pessoas, pretendia activar este ponto da cidade numa tentativa de expandir o próprio centro ou mesmo tornar toda a cidade num único centro.

No entanto, após a análise levada a cabo ao longo dos últimos capítulos, comprova-se que, apesar desta intenção de reactivação de pontos da cidade, existe ainda uma certa necessidade de requalificação das feiras de forma a responderem às crescentes preocupações, quer a nível de higiene e de conforto, quer de qualidade do espaço. Essa necessidade tem sido reconhecida também por algumas Câmaras Municipais, que se têm apercebido do valor e potencial desta forma de comércio, apresentando propostas de requalificação, como acontece nas propostas apresentadas pela Câmara de Vila Nova de Gaia para as feiras dos Carvalhos e de Vilar do Paraíso, ou mesmo pela Câmara de Vila do Conde, que teve recentemente a sua feira renovada. Contudo, após uma análise a esses projectos, constata-se que se focam, essencialmente, a

---

63 GEHL, Jan. Op. Cit. P. 29 - "(...) people and human activity are the greatest object of attention and interest. Even the modest form of contact of merely seeing and hearing or being near to others is apparently more rewarding and more in demand than the majority of other attractions offered in the public spaces of cities and residential areas. Life in buildings and between buildings seems in nearly all situations to rank as more essential and more relevant than the spaces and buildings themselves."

um nível urbano, de desenho de espaço público e de infra-estruturas, deixando as estruturas utilizadas como postos de venda para segundo plano, não sendo proposta uma forma de as melhorar.

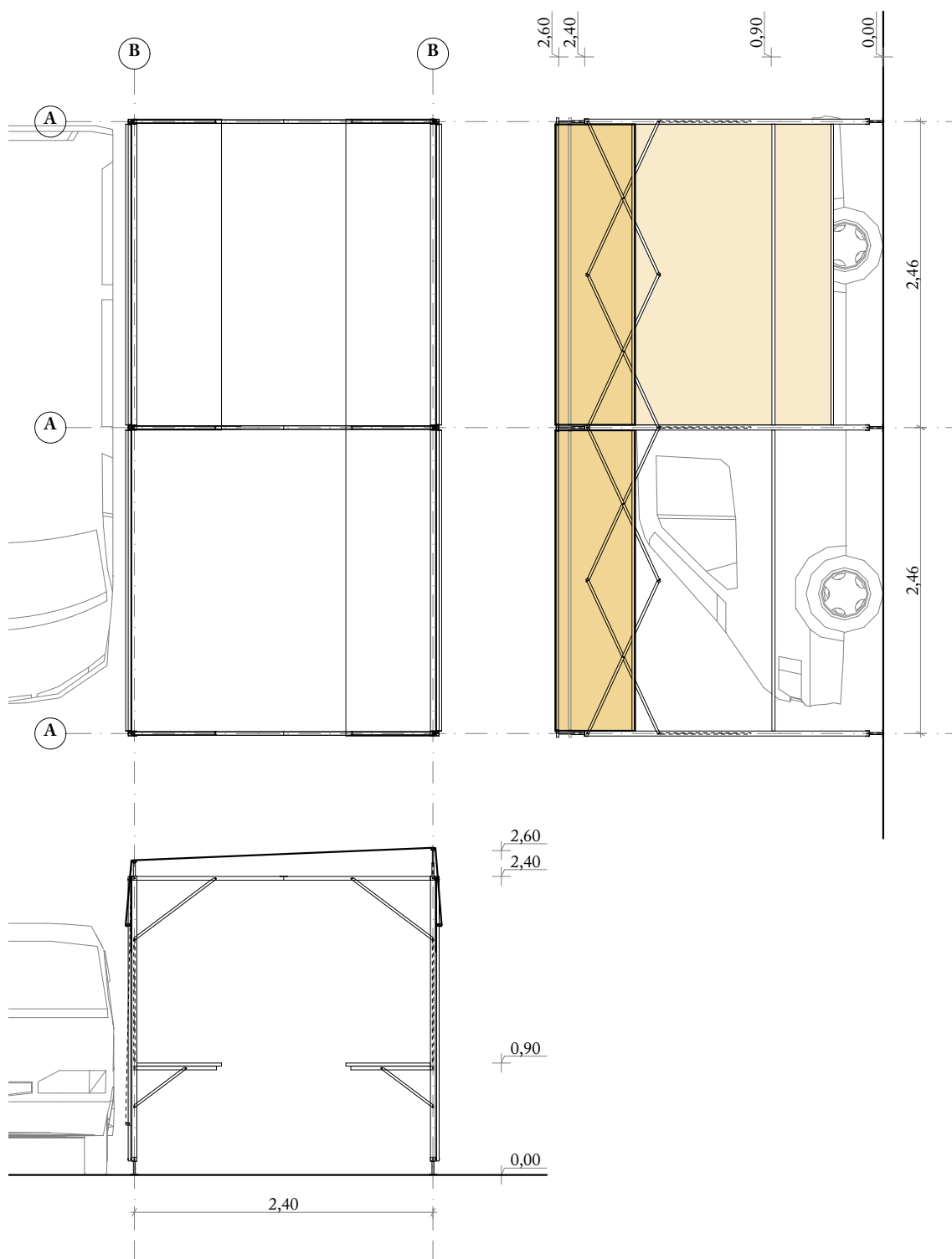
Tendo em conta o carácter nómada das feiras e que, aquando a sua realocização os espaços nem sempre estão adaptados para as acolher, comprovado pelas queixas dos feirantes que integram a Feira da Vandoma<sup>64</sup>, parece premente que as estruturas estejam adaptadas às adversidades dos terrenos e que possam responder de forma eficaz às necessidades dos feirantes enquanto aguardam a iniciativa de requalificação do espaço. Dessa forma, parece pertinente rematar o estudo com uma experiência projectual sobre estas estruturas esquecidas em vez do redesenho do próprio espaço da feira. Esta decisão é tomada, como é referido, não por se achar desnecessária a sua requalificação, mas pelo reconhecimento da complexidade do objecto de estudo e da vontade de querer enaltecer o seu carácter *Post-It* e de arquitectura móvel, tendo uma maior atenção ao sistema construtivo, à eficácia de montagem e facilidade de transporte.

Assim, o presente caso prático apresenta-se, não como uma proposta final, mas como uma síntese do estudo que foi levado a cabo até aqui, onde é tida em consideração a diversidade de tipologias de estruturas e de sistemas de encaixe e o estudo de exemplos de arquitectura portátil, de forma a entender como é que estas estruturas poderiam ser potenciadas. Pretende-se com o caso prático, proceder a uma simplificação e clarificação das estruturas, tendo em atenção o sistema construtivo e de montagem, de forma a que as diferentes partes estejam incluído no desenho global e evitar que o resultado final seja a acumulação e colagem de diferentes vontades, como acontece actualmente.

Parte-se, portanto, do capítulo anterior, onde se identificam alguns problemas com as estruturas estudadas, desde a sua falta de unidade e fragmentação, variedade de tipologias e variantes dentro dos mesmos sectores de comércio, à eficiência do tempo de montagem, e tenta-se, agora, dar-lhes resposta, cruzando as referências estudadas, com objectos e estruturas do dia-a-dia e cujo sistema construtivo e de montagem pode ser adaptado para o caso prático. Pretende-se dotar o novo módulo de um sistema de fole, desdobrável, observando-se primeiramente, o funcionamento dos sistemas de grades de lagartas e dos esquadros abatíveis, ou mão francesa. Para isso, trabalha-se com um módulo base de 2.50 x 2.50m, de acordo com a medida tipo identificada nos levantamentos realizados, capaz de se associar em dois, três ou o número desejado de módulos para formar uma única estrutura que poderia substituir as tipologias do Tipo A, B e D.

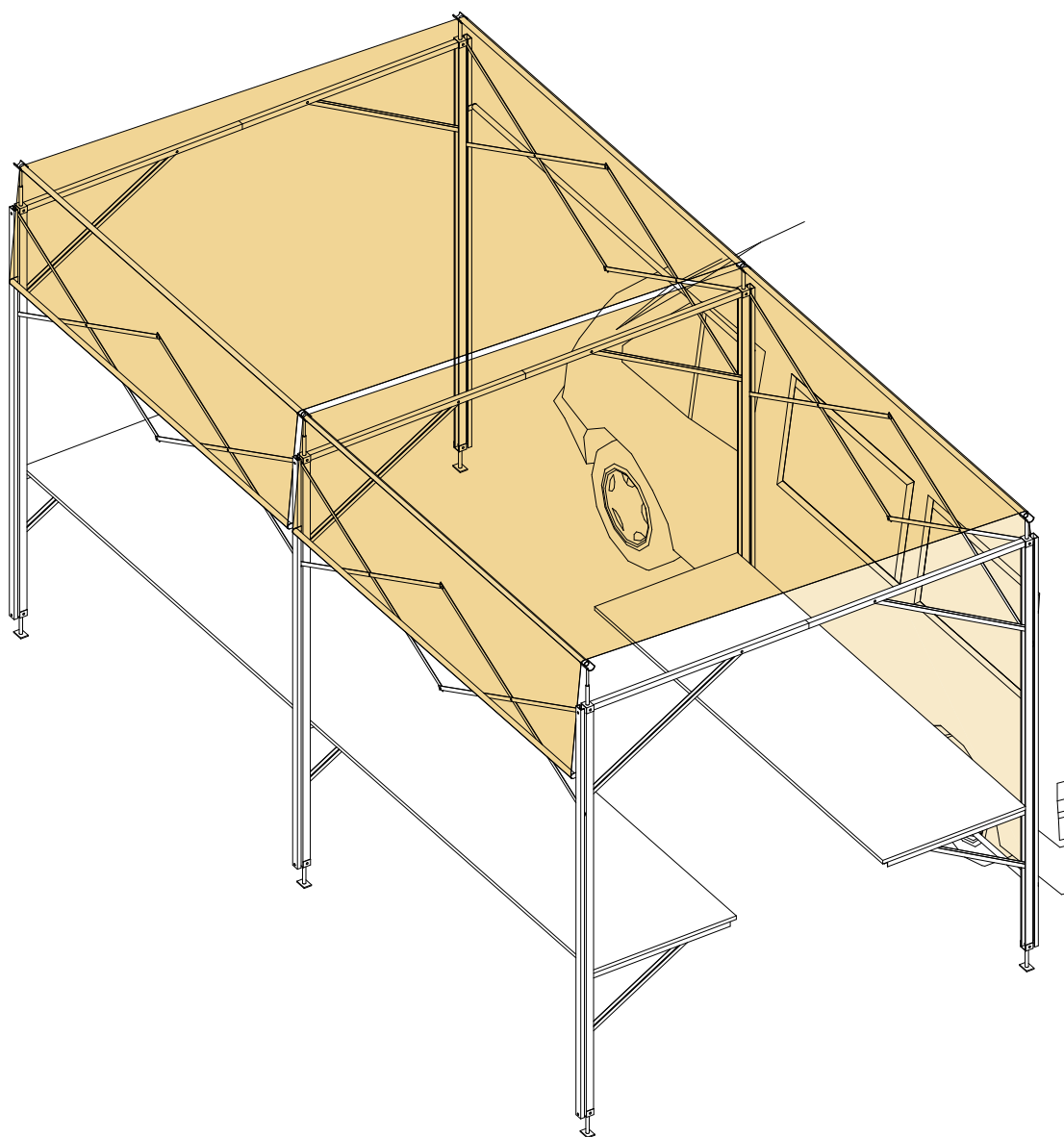
---

<sup>64</sup> Numa das notícias sobre esta mudança uma feirante refere "Eu com mau tempo não venho para aqui. Não podemos proteger-nos, nem à mercadoria, da chuva porque o alcatrão onde temos as coisas não pode ser perfurado para pormos guarda-sóis ou montarmos toldos." - Disponível em: <http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/primeiro-dia-da-feira-da-vandoma-em-campanha-com-queixas-mas-com-gente-4961474.html> [consultado em Maio de 2017]

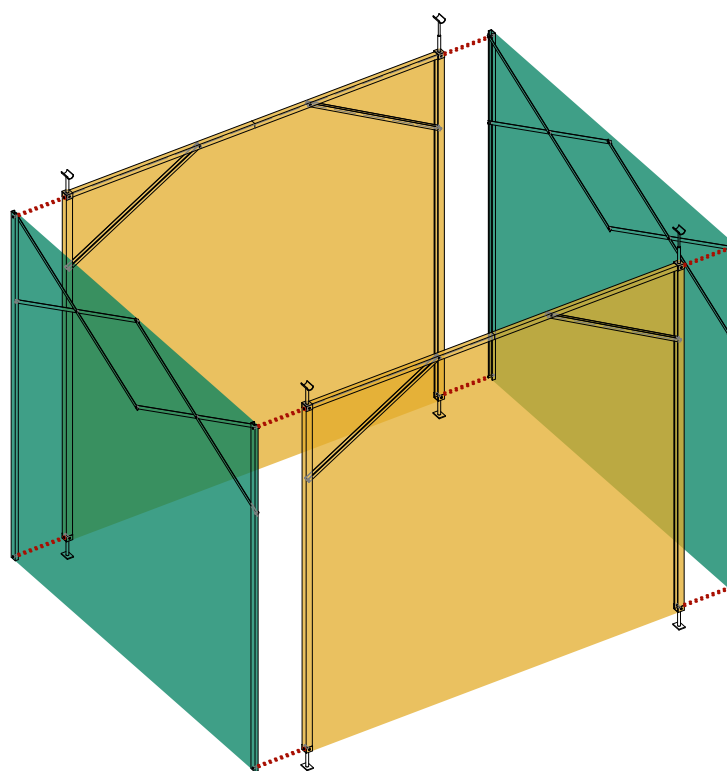


**Fig. 127** | Estrutura proposta com dois módulos.  
Planta e alçados, escala 1:50.



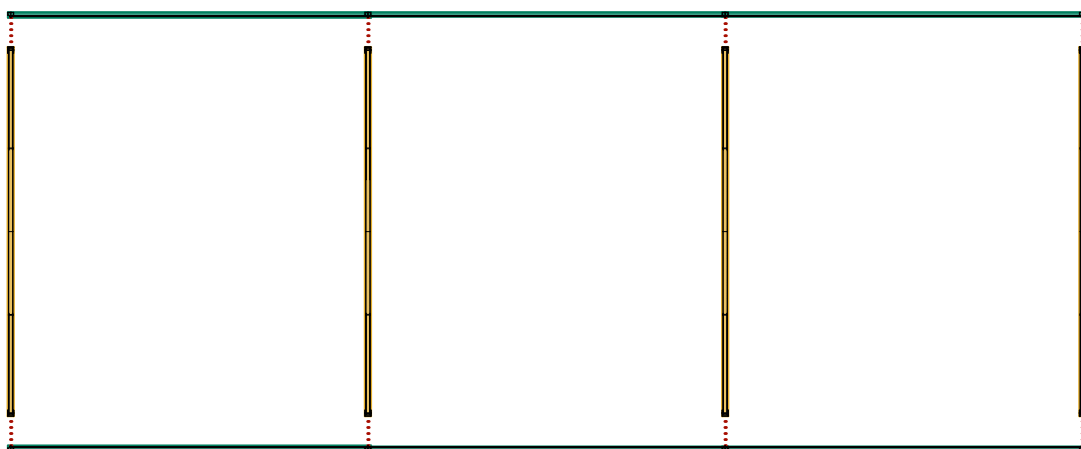
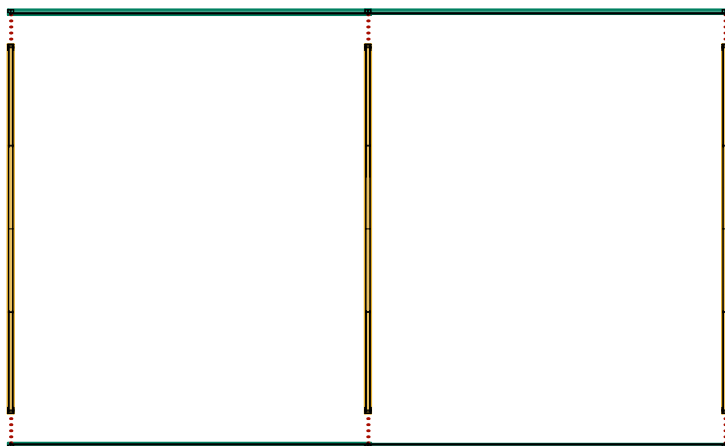
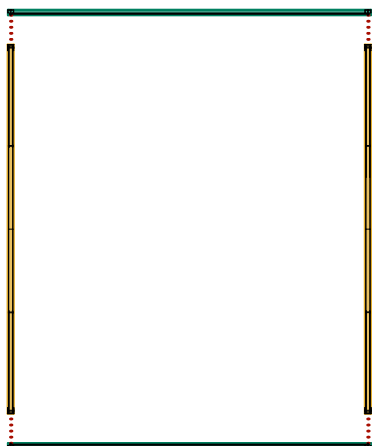


**Fig. 128** | Estrutura proposta com dois módulos.  
Axonometria, escala 1:40.

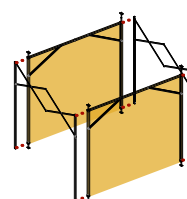
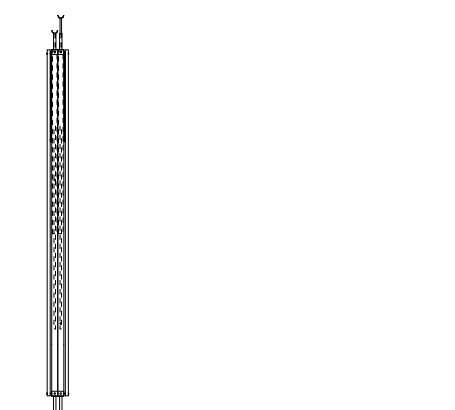
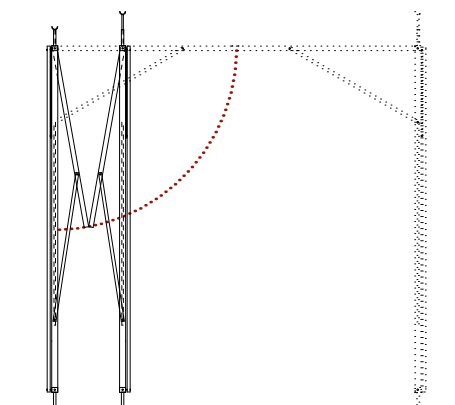
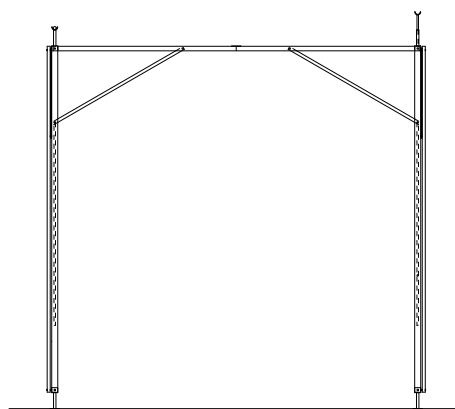


**Fig. 129** | Módulo base.

Axonometria, escala 1:50. A amarelo são marcadas as paredes transversais e a azul as paredes longitudinais.



**Fig. 130** | Estruturas com um, dois e três módulos.  
 Planta, escala 1:50. A amarelo são marcadas as paredes transversais e a azul as paredes longitudinais.



**Fig. 131** | Esquema de montagem da parede transversal.  
Alçados transversais das diferentes fases de montagem, escala 1.50.

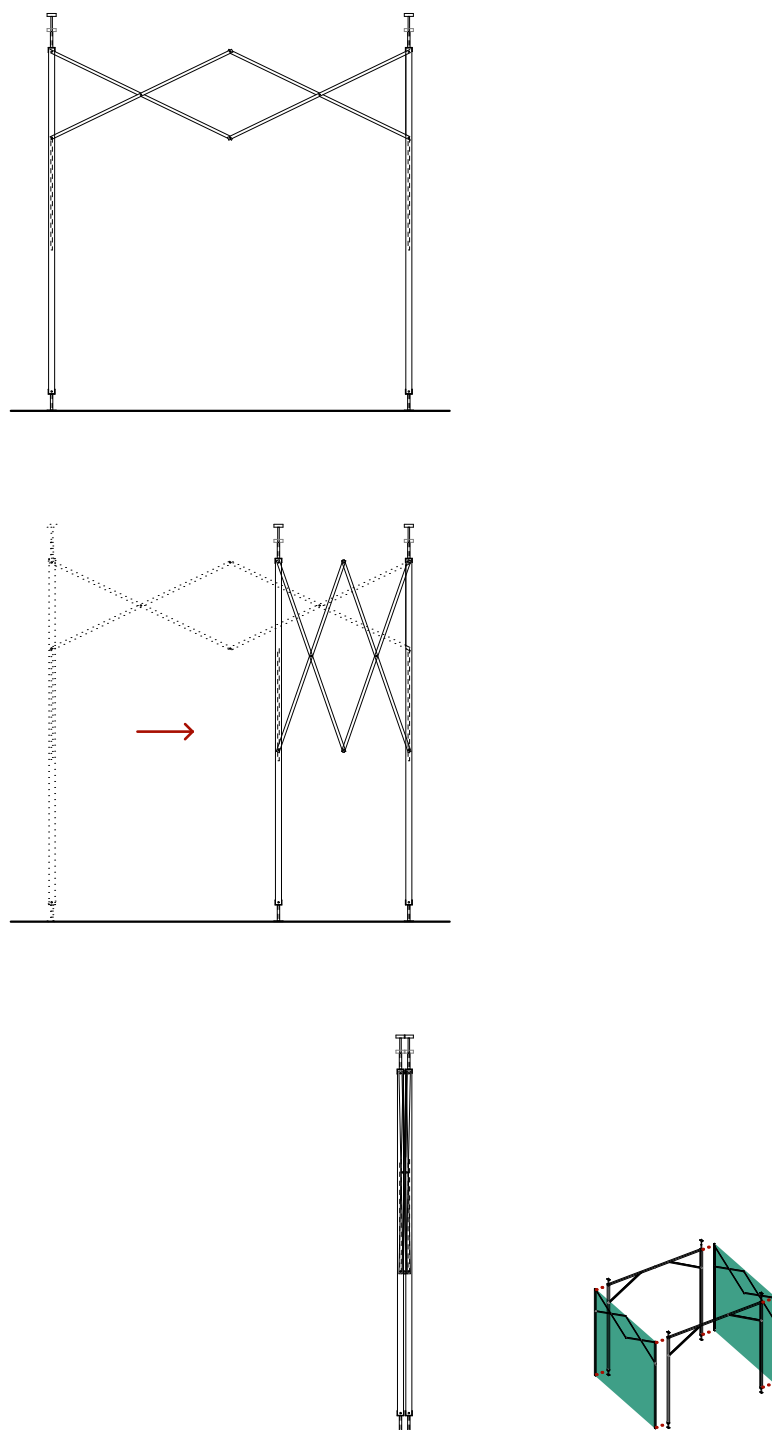


De forma a permitir a versatilidade e expansão da estrutura, trabalha-se com o que serão consideradas como "paredes" transversais e longitudinais, sendo estas últimas que fazem o fechamento da estrutura, encaixando no perfil vertical das paredes transversais, e que permitem também a sua expansão (Fig. 129 e 130).

Através deste funcionamento de paredes longitudinais e transversais, o feirante consegue adaptar a sua estrutura à dimensão do lote que tem alugado, podendo agregar um, dois, três ou os módulos que forem necessários, de forma semelhante ao que acontece já com as estruturas actuais, vendo-se geralmente estruturas com três elementos verticais e, pontualmente, outras que usam mais. Assim, o módulo base parte de quatro elementos separados, as quatro paredes que definem os seus lados, que se unem e se completam, conferindo maior estabilidade à estrutura.

As paredes transversais são consideradas como as que estariam perpendiculares ao corredor de circulação da feira e cuja dimensão da estrutura seria sempre fixa. Para a sua concepção, é analisado o sistema de funcionamento dos esquadros abatíveis (Fig. 133 e 134), também chamados de mão francesa, em que os dois perfis conseguem perfazer um eixo de rotação, de forma a fazerem um ângulo de 90° ou estarem sobrepostos, um encaixado no interior do outro.

Assim, o sistema proposto para esta parede assemelha-se a esse funcionamento, desenhando-se em cada uma das extremidades da "parede", um perfil vertical U, de alumínio. Na parte superior desse perfil, um outro perfil horizontal perfaz metade da medida do módulo, de forma a ligar-se ao do outro lado através de uma dobradiça. De forma a conseguir suportá-los, são incluídas duas chapas diagonais de travamento, que evitam que a estrutura ceda quando está montada. Estas diagonais permitem que a estrutura dobre e que os perfis horizontais rebatam para o interior dos verticais. De igual forma, é incluído um outro perfil horizontal, também este rebatível para o interior do perfil vertical, colocado a 0.90m da altura do chão, que servirá como apoio para a mesa onde os feirantes distribuirão os seus produtos. Embora todos os perfis verticais incluam este apoio para as mesas, prevê-se que estes possam não ser utilizados na parte de trás de um dos módulos para permitir o acesso à carrinha estacionada na retaguarda (Fig. 127 e 128), como se comprova pelo estudo feito anteriormente que acontece de forma recorrente.



**Fig. 132** | Esquema de montagem da parede longitudinal.  
Alçados longitudinais das diferentes fases de montagem, escala 1.50.

As paredes longitudinais são consideradas como aquelas que acompanham o eixo longitudinal da feira e o corredor principal de circulação. Como foi referido, são estas que permitem a expansão do módulo, uma vez que são estas que fazem a ligação e o fechamento entre as diferentes paredes transversais, sejam duas, três ou o número pretendido.

Fixadas através de parafusos incluídos nas partes superior e inferior do perfil da parede longitudinal, esta fixação é requerida apenas na primeira montagem ou no caso de se pretender adicionar ou remover módulos, caso contrário, no final de utilização não é necessário proceder à sua desmontagem, sendo possível apenas dobrar-se.

Para este caso, e tratando-se de uma situação distinta da anterior, decide-se analisar e adaptar um outro sistema, sendo para isso estudado a forma como são recolhidas as grades de lagarta (Fig. 135) que, através de elementos verticais ligados entre si por chapas metálicas diagonais que correm sobre calhas incluídas no interior dos elementos verticais, permitem que a grade se expanda ou se retracte, ocupando um espaço mínimo. Dessa forma, a parede longitudinal do módulo proposto segue uma lógica semelhante a esta, sendo que os perfis verticais em U, de alumínio, são unidos através de quatro chapas de alumínio diagonais, colocadas na parte superior. De igual modo das grades de lagarta, também as calhas que permitem que as chapas diagonais deslizem e abram ou fechem a estrutura são incluídas no desenho do perfil vertical, que é depois encaixado no perfil vertical da parede transversal. De forma a permitir a interacção entre comprador e feirante sem restrições por parte da estrutura, bem como a fácil passagem na parte traseira da estrutura (onde normalmente estão estacionadas as carrinhas com a restante mercadoria), opta-se por cingir estas chapas diagonais apenas à parte superior da estrutura.



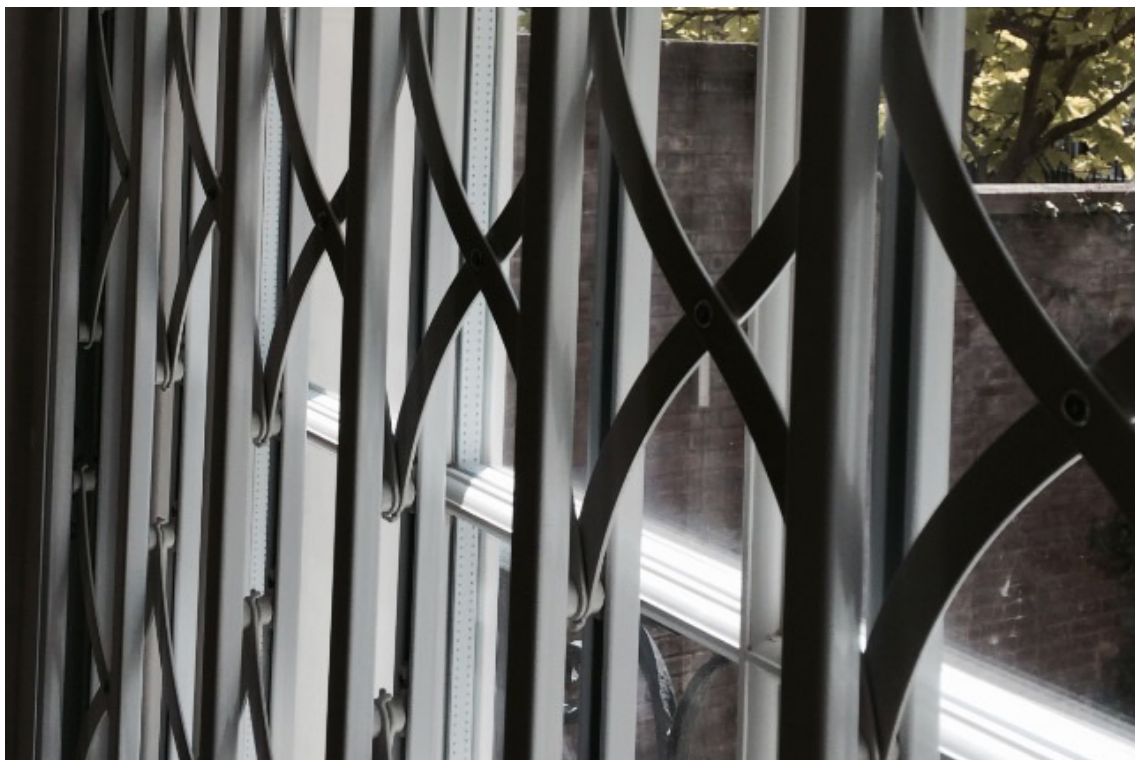
**Fig. 133|** Esquadro abatível.  
Fotografias explicativas do sistema de montagem.



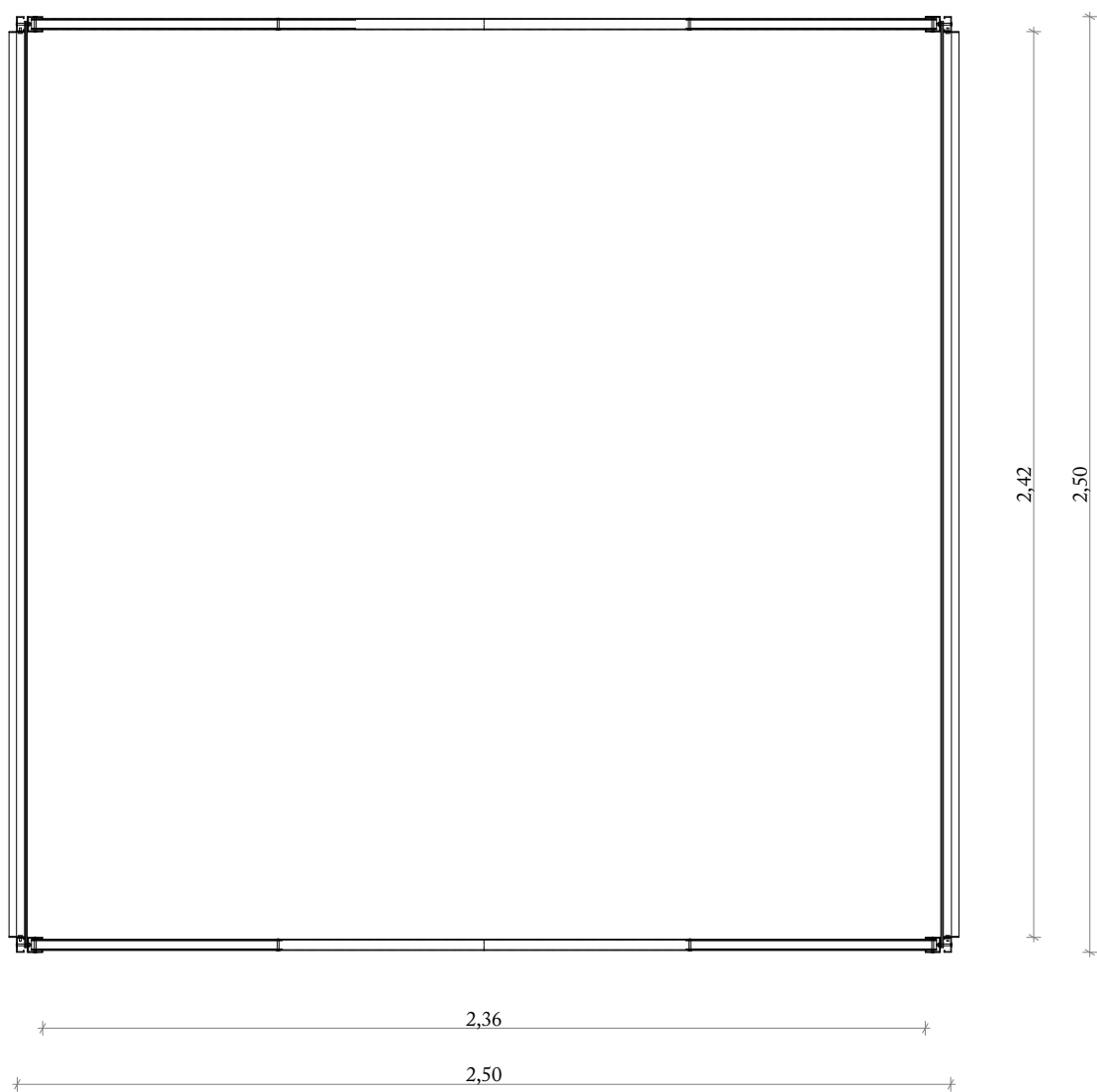
**Fig. 134|** Esquadro abatível.  
Fotografias explicativas do sistema de montagem.



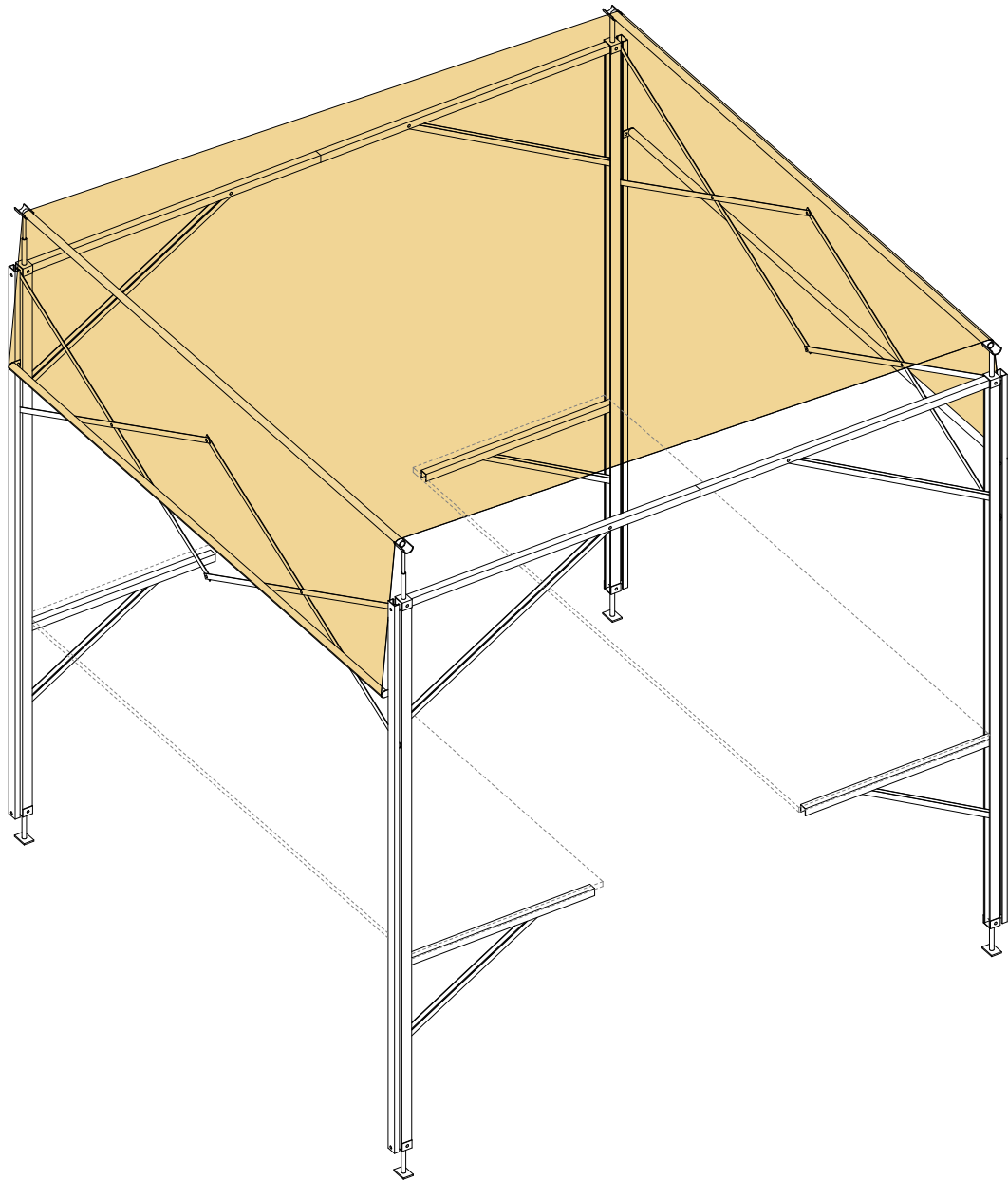




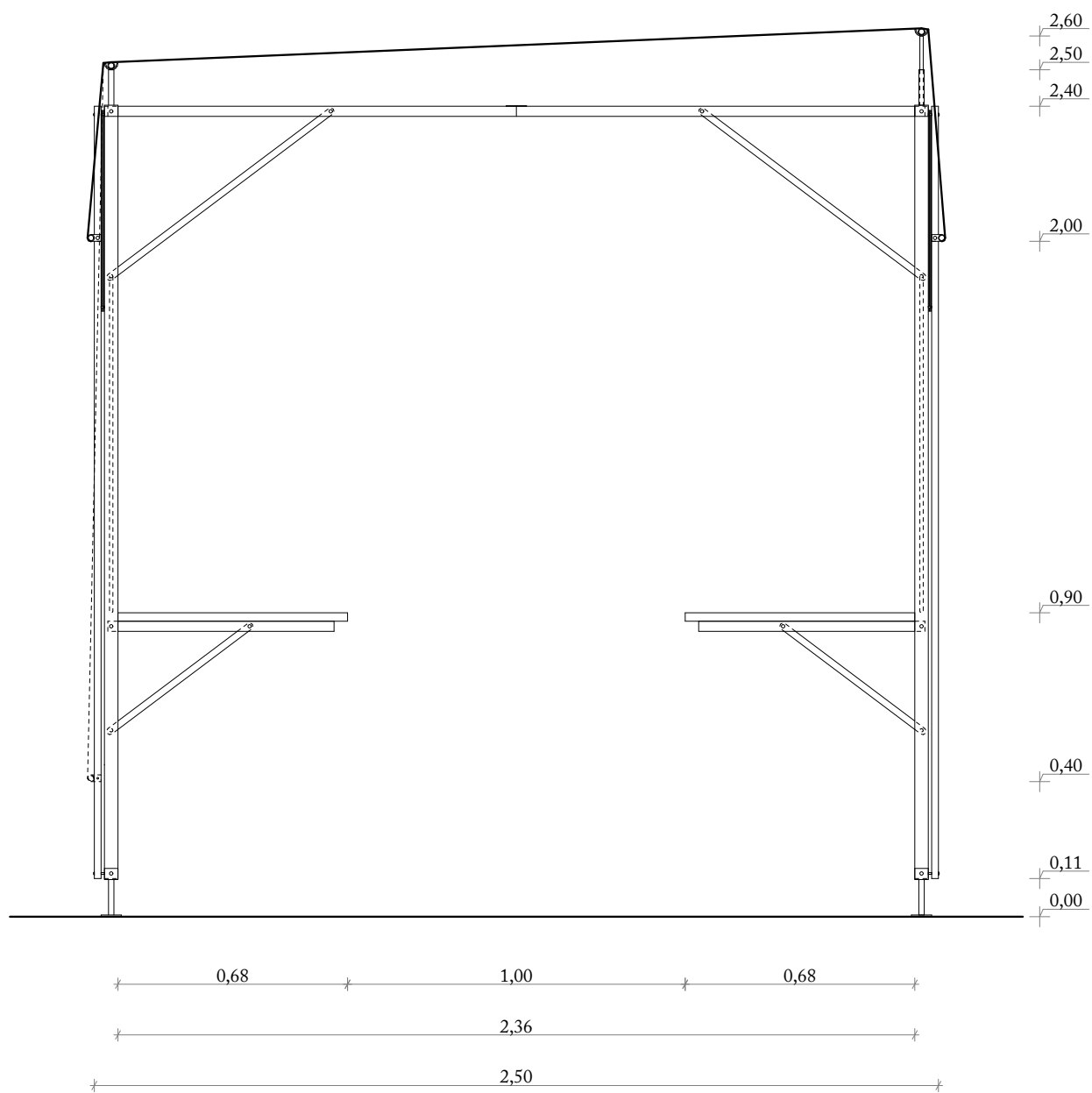
**Fig. 135** | Grades de lagarta.  
Fotografia exemplificativa.



**Fig. 136** | Módulo proposto.  
Planta, escala 1:20.

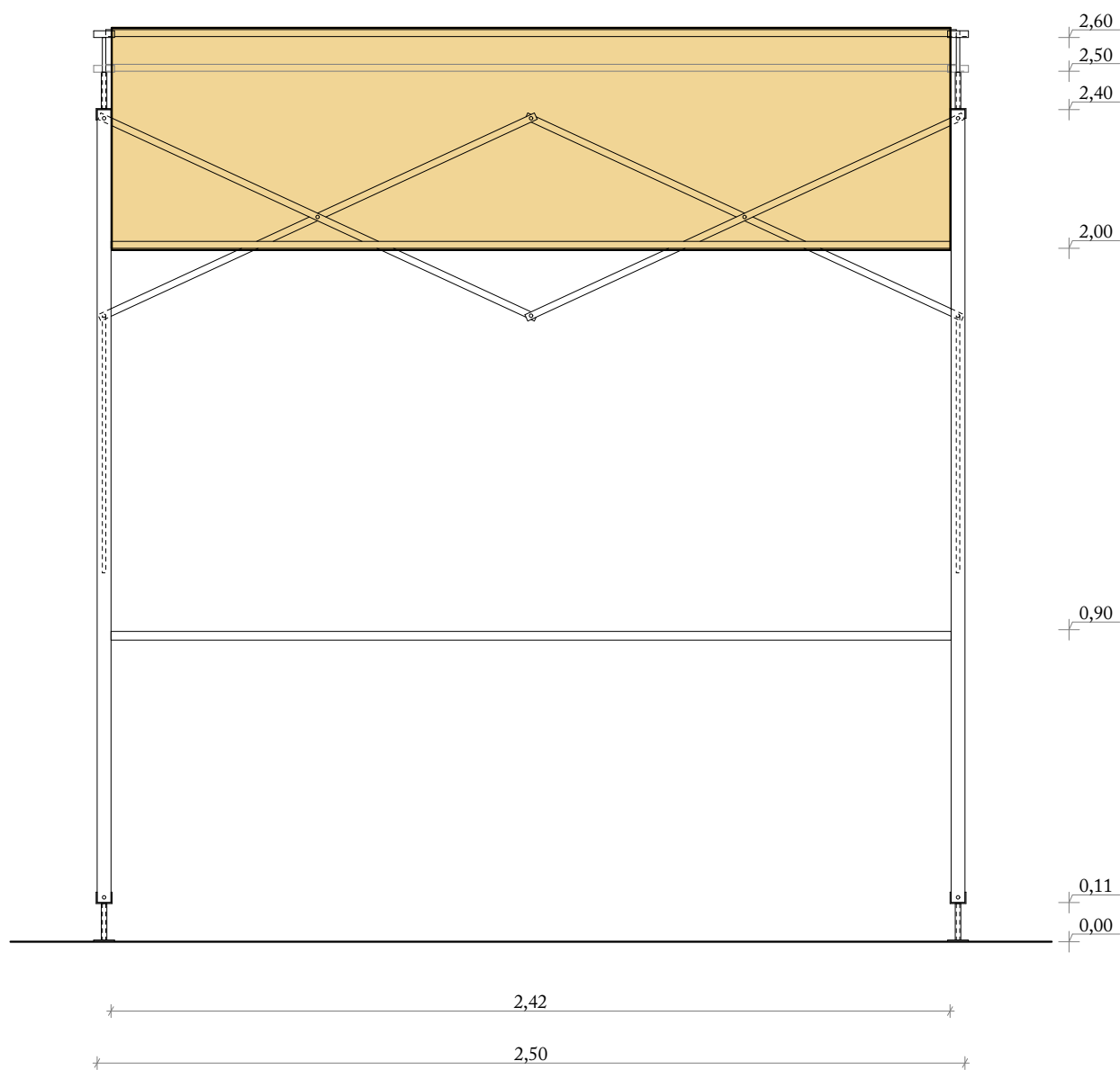


**Fig. 137** | Módulo proposto.  
Axonometria, escala 1:30.

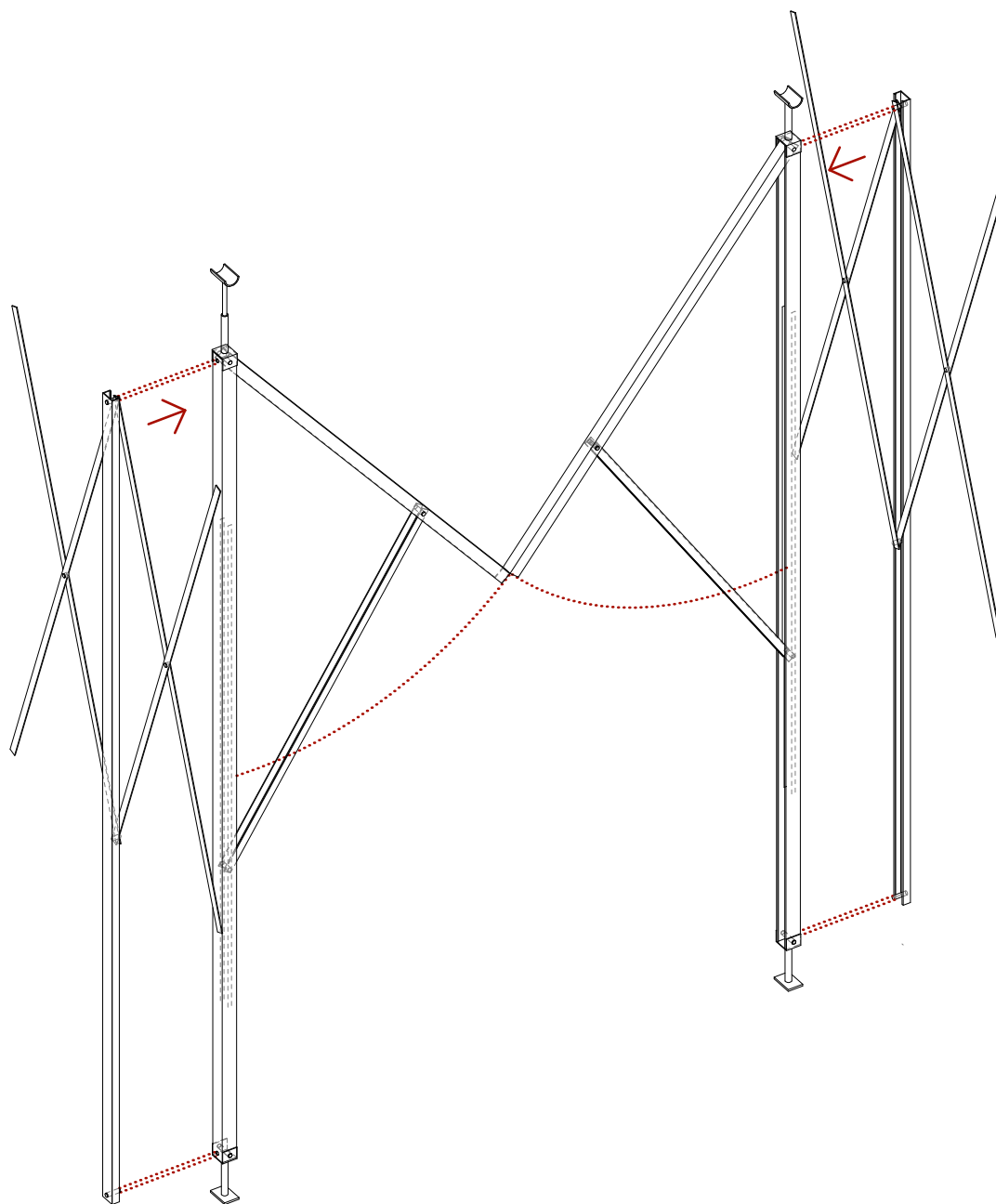


**Fig. 138** | Módulo proposto.  
Alçado transversal, escala 1:20.



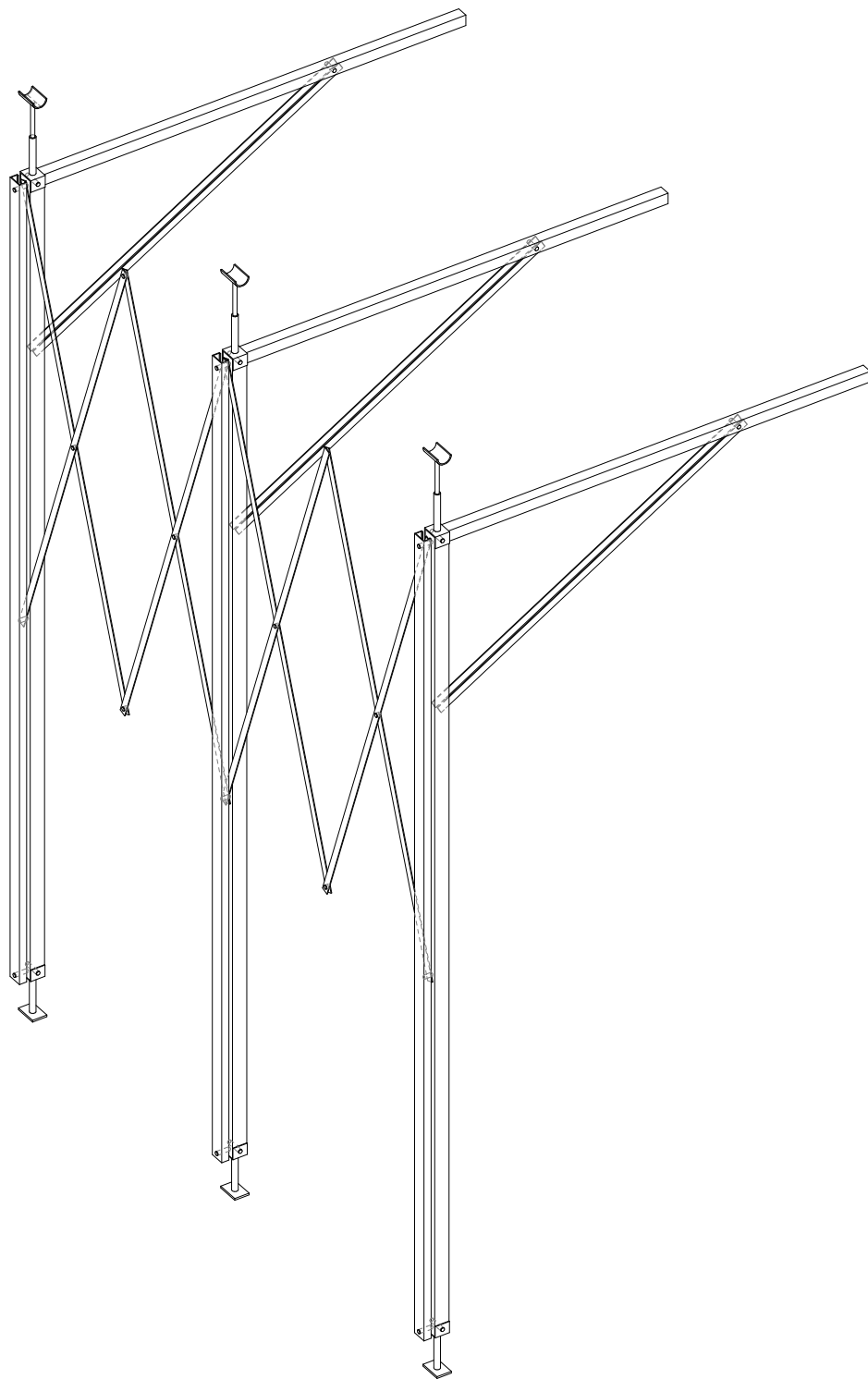


**Fig. 139** | Módulo proposto.  
Alçado longitudinal, escala 1:20.



**Fig. 140** | Parede transversal.

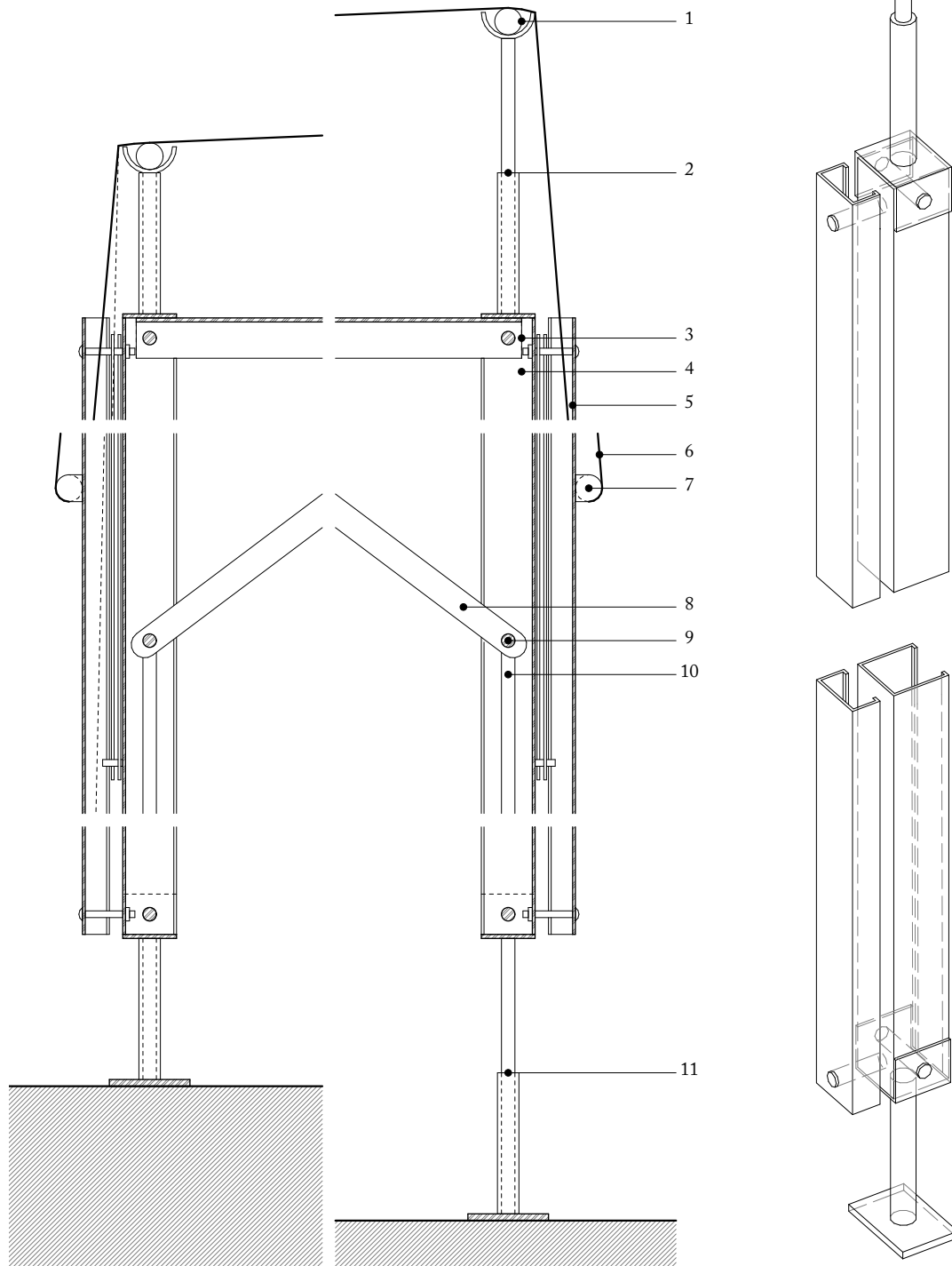
Axonometria explicativa do funcionamento, escala 1:20.



**Fig. 141** | Parede longitudinal.  
Axonometria explicativa do funcionamento, escala 1:20.

- 1 - Tubular de alumínio 20 mm
- 2 - Suporte regulável da cobertura em ferro
- 3 - Perfil de alumínio em U 30 x 30 mm
- 4 - Perfil de alumínio em U 40 x 40 mm
- 5 - Perfil de alumínio em U 20 x 40 mm
- 6 - Cobertura de lona impermeável

- 7 - Tubular de alumínio 20 mm
- 8 - Chapa de alumínio de travamento
- 9 - Parafuso
- 10 - Calha
- 11 - Pé regulável em ferro



**Fig. 142** | Fixação no chão e de remate com a cobertura.

Pormenor construtivo vertical e axonometria, escala 1:5.





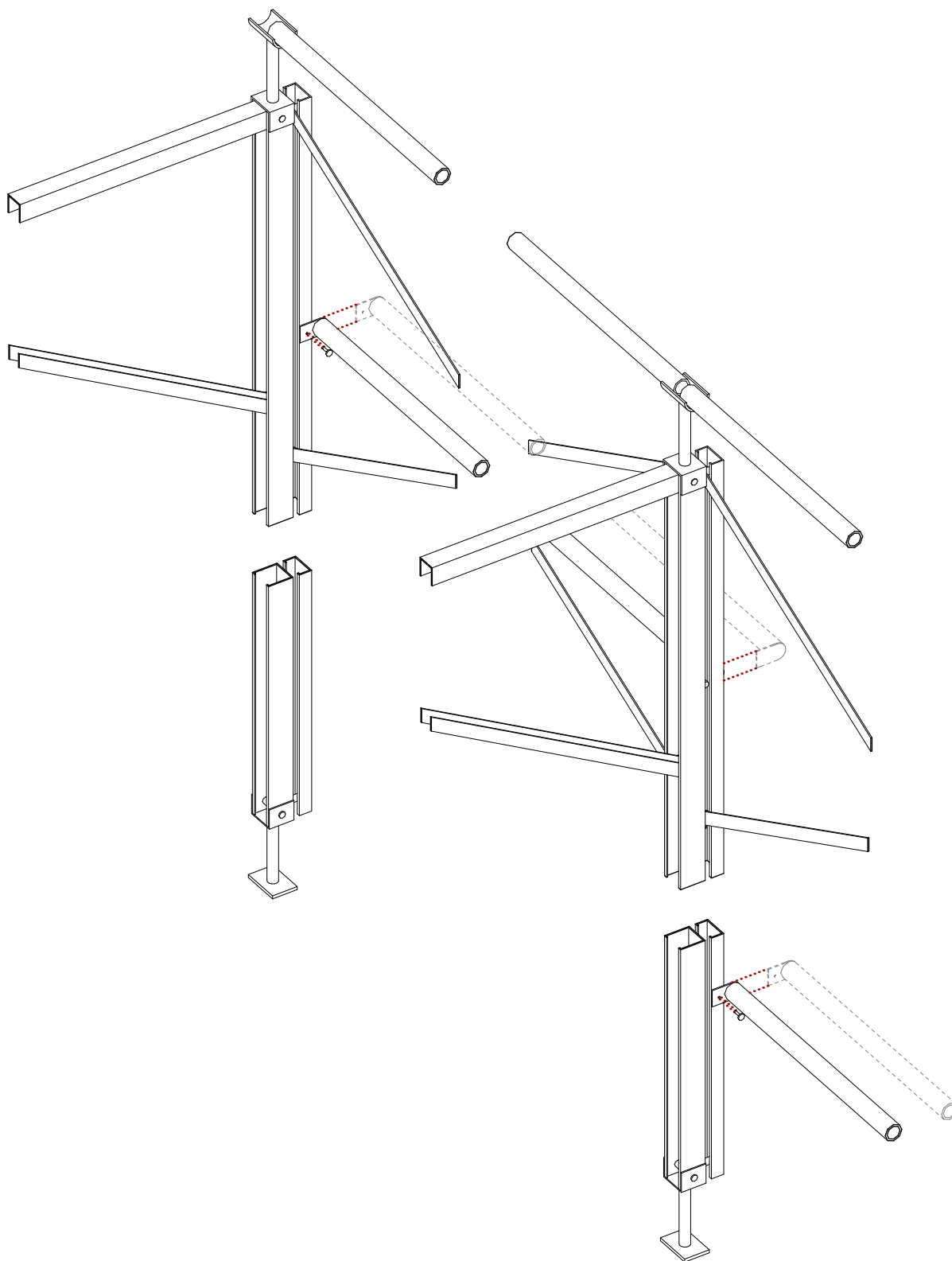
**Fig. 143** | Pés reguláveis.

Fotografia exemplificativa de um sistema de onde foi adaptado para a proposta.

Considerando agora a forma como a estrutura proposta se fixaria ao chão e, admitindo, uma vez mais, que nem todas as localizações das feiras estão preparadas para que sejam fixadas estacas em terrenos moles ou em elementos próprios de remate no chão, como na Feira de Espinho e na de Vila do Conde, opta-se por um desenho que permita apenas que a estrutura esteja pousada no chão, sem que seja necessário cravar algum elemento.

Para além disso, tendo em conta que o terreno da feira pode não ser sempre o mais regular, pretende-se tornar a estrutura adaptável a possíveis inclinações ou até mesmo a diferenças de cota entre o passeio e a estrada. Dessa forma, inclui-se no desenho do módulo uns pés reguláveis, que permitem a extensão e a sua adaptação a desníveis até aos 10cm.

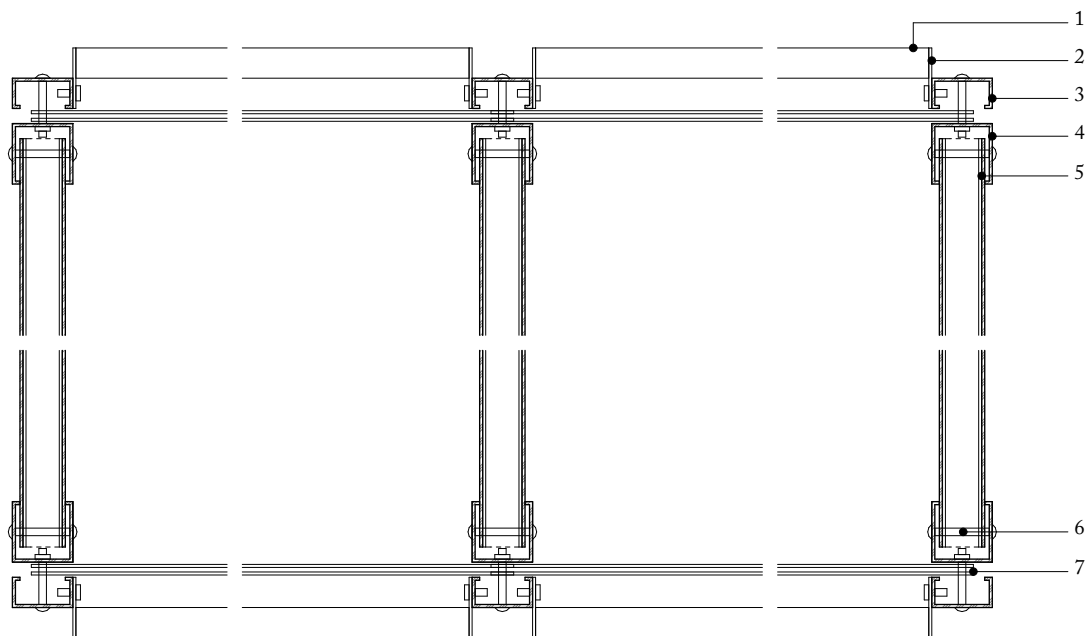
Os pés funcionam também como o remate do desenho da estrutura, destacando-se do restante pela sua materialidade em ferro, face à restante estrutura, em alumínio. Assim, a estrutura assenta numa base rectangular, que se liga ao perfil vertical da parede transversal através de um tubular com 10cm de altura, que inclui outro, de menor diâmetro, no seu interior. O tubular é depois fixado às laterais do perfil vertical através de um elemento em U, também este em ferro.



**Fig. 144** | Fixação da cobertura à estrutura.  
Axonometria, escala 1:10.

- 1 - Tubular de alumínio 20 mm
- 2 - Chapa de alumínio
- 3 - Perfil de alumínio em U 20 x 40 mm
- 4 - Perfil de alumínio em U 40 x 40 mm

- 5 - Perfil de alumínio em U 30 x 30 mm
- 6 - Parafuso
- 7 - Chapa de alumínio de travamento



**Fig. 145** | Fixação da cobertura à estrutura.

Pormenor construtivo horizontal, escala 1:5

Por outro lado, procurando uma coerência no desenho global e, verificando também a necessidade de criar uma pendente na cobertura, opta-se por desenhar um sistema semelhante ao da base, também este regulável até aos 10cm, diferindo do da base pela colocação de um elemento semicircular onde será pousado o tubular incluído na lona da cobertura. Apesar de ambos os lados serem reguláveis, pretende-se que a pendente da cobertura seja feita de forma a que a água escorra para o tardo da estrutura, de forma a não perturbar a zona de circulação.

Desta forma, a lona utilizada na cobertura é encaixada nas partes traseira e dianteira da estrutura, fixando-se ao perfil das paredes longitudinais (Fig. 144). Presos à lona estão quatro tubulares - dois nas suas extremidades e que serão fixados à estrutura e outros dois que pousam nos suportes semicirculares que rematam a parte superior da estrutura, dando estabilidade à cobertura e evitando que esta abata.

Uma vez que se vê, geralmente, as carrinhas dos feirantes estacionadas atrás das estruturas, numa tentativa de reduzir essa poluição visual, oferece-se a possibilidade de que o toldo seja encaixado em dois níveis diferentes. Assim, os feirantes que utilizem mais de um módulo, um destes pode ter o tubular do toldo encaixado no nível superior, a 2m do solo, de forma a permitir o acesso à carrinha, se assim for necessário, enquanto os tubulares dos restantes módulos são montados no encaixe inferior, a 0.40cm do solo, para que cubra o tardo da estrutura.



Fig. 146| Proposta.

Fotomontagem.

“(...) a percepção contemporânea de um edifício portátil é de uma ferramenta de baixa qualidade, barata e descartável. No entanto, temporário na localização não quer necessariamente dizer temporário em existência e é a sua habilidade de se mover que torna esses edifícios reutilizáveis e recicláveis.”<sup>65</sup>

Assim, concluindo agora o estudo com duas imagens ilustrativas da estrutura proposta, o que inicialmente terá começado apenas pela vontade de incluir no corpo da dissertação uma vertente prática e pela ideia pré-concebida de que as feiras estariam associadas a eventos desorganizados, de qualidade reduzida e pobres, rapidamente se transformou no interesse e curiosidade por perceber mais sobre o objecto de estudo e clarificar essa ideia, um pouco à semelhança do que é introduzido pela citação de Robert Kronenburg: à semelhança da própria arquitectura portátil que incluem, as feiras não são obrigatoriamente sinónimo de fraca qualidade, sem se estar aqui a referir aos produtos comercializados.

A forma como o estudo foi levado a cabo, tentando partir sempre da escala geral para o particular, de maneira a compreender cada um dos contextos mostrou-se essencial para a sua refle-

---

<sup>65</sup> KRONENBURG, Robert. Op. Cit. P. 1 - “(...) the contemporary perception of the portable building is of a low-quality tool, cheap and disposable. However, temporary in siting does not necessarily mean temporary in existence and it is their ability to move that make such buildings reusable and recyclable.”





Fig. 147| Proposta.

Fotomontagem.

xão na proposta, tornando possível entender que o que define a feira não é o espaço em si, mas sim o seu lugar, referido por Norberg-Schulz, a sua atmosfera, de Peter Zumthor, mostrando que a atenção deve também ser repartida pelas estruturas móveis, uma vez que são estas as constantes que se mostram transversais às diferentes localizações.

Dessa forma, a proposta surge como uma vontade de clarificar as estruturas, reduzindo o seu variado número de tipologias, de forma a que as qualidades da feira possam ser destacadas. As carrinhas, apesar do importante papel de apoio que desempenham para os feirantes, muitas vezes tornam-se em ruído visual. A divisão entre estrutura para a cobertura e estrutura para mesa cria uma separação e multiplicidade desnecessária que a proposta pretende simplificar de forma a potenciar o seu uso e conferir ao utilizador a melhor experiência possível.

A versatilidade passa a assentar na cor dos toldos, na adaptação ao terreno, no número de módulos e na inclinação da cobertura. A atenção ao pormenor, ao sistema construtivo e ao desempenho da estrutura, quer na sua utilização ao longo da feira, quer na sua montagem e desmontagem, foram utilizados como as linhas condutoras do processo projectual. A feira não deve ser sinónimo de caos ou de algo precário ao nível das suas estruturas. Sendo o objecto de estudo detentor de grande potencial a nível urbano, parece adequado que as suas estruturas consigam chegar aos diferentes pontos da cidade.

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

### I. A FEIRA

**Fig. 1|** James Holland, Igreja e Torre dos Clérigos, no Porto.

- Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/327113/?q=feira>

### NARRATIVA HISTÓRICA

**Fig. 2|** Mercado e Largo da Feira de Santo Amaro, Beduído, Estarreja

- *Arquitetura popular em Portugal*. coord. João Afonso, Fernando Martins, Cristina Meneses. - 4ª ed.. - Lisboa :

Ordem dos arquitectos, 2004. P. 104

### A CIDADE DO PORTO

**Fig. 3|** J. J. Forrester, O traje popular tradicional no distrito do Porto: feira da Cordoaria.

- Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/326826/?q=feira>

**Fig. 4|** Joaquim Vitória Vilanova, Feira de S. Bento.

- Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/300537/?q=feira>

### DEFINIÇÃO

**Fig. 5|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 6|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 7|** Feira da Vandoma.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 8|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 9|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

### O MERCADO

**Fig. 10|** b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 11|** b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 12|** b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

- Desenho trabalhado sobre base disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-158036/mercado-encants-slash-b720-fermin-vazquez-arquitectos>

**Fig. 13|** b720 Fermín Vázquez Arquitectos, *Mercat des Encants*, Barcelona, Espanha, 2013.

- Desenho trabalhado sobre base disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-158036/mercado-encants-slash-b720-fermin-vazquez-arquitectos>

### 2. OS ESPAÇOS URBANOS

**Fig. 14|** Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

## O LUGAR NA CIDADE

**Fig. 15|** Vista aérea do Porto.

- Disponível em: <http://maps.google.pt/>

**Fig. 16|** Vista aérea de Vila Nova de Gaia

- Disponível em: <http://maps.google.pt/>

**Fig. 17|** Feira dos Carvalhos.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 18|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 19|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 20|** Feira de Espinho

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 21|** Feira de Canidelo

- Fotografia de autoria própria

## O CONCEITO POST-IT

**Fig. 22|** Carrinha de venda de cerejas.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 23|** Módulo de venda de gelados Olá.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 24|** Mercado de Marklong (Marklong Railway Market)

- Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ijnJ7XdOk\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=ijnJ7XdOk_A)

**Fig. 25|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 26|** Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

## TIPOLOGIAS

**Fig. 27|** Feira dos Carvalhos.

- Disponível em: [http://arquivoweb.cm-gaia.pt/portais/\\_cmg/Noticia.aspx?contentid=189680C580CO&categoryOID=E8818080808980GC](http://arquivoweb.cm-gaia.pt/portais/_cmg/Noticia.aspx?contentid=189680C580CO&categoryOID=E8818080808980GC)

**Fig. 28|** Feira dos Carvalhos.

- Disponível em: [http://arquivoweb.cm-gaia.pt/portais/\\_cmg/Noticia.aspx?contentid=189680C580CO&categoryOID=E8818080808980GC](http://arquivoweb.cm-gaia.pt/portais/_cmg/Noticia.aspx?contentid=189680C580CO&categoryOID=E8818080808980GC)

**Fig. 29|** Feira do Cais de Gaia

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 30|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 31|** Feira do Cais de Gaia

- Desenho de autoria própria

**Fig. 32|** Feira dos Passarinhos

- Desenho de autoria própria

**Fig. 33** | Feira da Vandoma.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 34** | Feira da Ribeira.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 35** | Feira da Vandoma.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 36** | Feira da Ribeira

- Desenho de autoria própria

**Fig. 37** | Feira de Canidelo

- Desenho de autoria própria

**Fig. 38** | Feira de Canidelo

- Desenho de autoria própria

**Fig. 39** | Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 40** | Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 41** | Feira Custóias.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 42** | Feira da Senhora da Hora.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 43** | Feira da Senhora da Hora.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 44** | Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 46** | Feira de Santana.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 47** | Feira dos Carvalhos.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 48** | Feira do Palácio de Cristal.

- Desenho trabalhado sobre base disponível em: <http://www.cm-porto.pt/feiradolivro>

**Fig. 49** | Feira do Livro no Cais de Gaia.

- Fotografia de autoria própria.

**Fig. 50** | *Flea Market* no Silo Auto.

- Disponível em: <https://www.facebook.com/fleamarket.porto/>

**Fig. 51** | *Flea Market* no Campo 24 de Agosto e no Silo Auto.

- Disponível em: <https://www.facebook.com/fleamarket.porto/>

### 3. AS ESTRUTURAS

**Fig. 52** | Feira dos Carvalhos

- Fotografia de autoria própria



## CARACTERIZAÇÃO E LEVANTAMENTO

**Fig. 53|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 54|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 55|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 56|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 57|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 58|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 59|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 60|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 61|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 62|** Feira de Vila do Conde.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 63|** Feira do Cais de Gaia.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 64|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 65|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 66|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 67|** Feira de Espinho.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 68|** Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 69|** Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 70|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 71|** Feira da Senhora da Hora.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 72|** Feira dos Carvalhos.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 73|** Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 74**| Feira de Santana.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 75**| Estrutura do Tipo A, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 76**| Estrutura do Tipo A, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 77**| Feira de Espinho

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 78**| Estrutura do Tipo A, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 79**| Estrutura do Tipo A, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 80**| Feira da Senhora da Hora

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 81**| Estrutura do Tipo A, variante 3

- Desenho de autoria própria

**Fig. 82**| Estrutura do Tipo A, variante 3

- Desenho de autoria própria

**Fig. 83**| Feira de Espinho

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 84**| Estrutura do Tipo A, variante 4

- Desenho de autoria própria

**Fig. 85**| Estrutura do Tipo A, variante 4

- Desenho de autoria própria

**Fig. 86**| Feira da Senhora da Hora

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 87**| Estrutura do Tipo B, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 88**| Estrutura do Tipo B, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 89**| Feira da Senhora da Hora

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 90**| Estrutura do Tipo B, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 91**| Estrutura do Tipo B, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 92**| Feira de Santana

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 93**| Estrutura do Tipo B, variante 3

- Desenho de autoria própria

**Fig. 94**| Estrutura do Tipo B, variante 3

- Desenho de autoria própria

**Fig. 95|** Feira do Cais de Gaia

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 96|** Estrutura do Tipo C, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 97|** Estrutura do Tipo C, variante 1

- Desenho de autoria própria

**Fig. 98|** Feira de Espinho

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 99|** Estrutura do Tipo C, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 100|** Estrutura do Tipo C, variante 2

- Desenho de autoria própria

**Fig. 101|** Feira de Espinho

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 102|** Estrutura do Tipo D

- Desenho de autoria própria

**Fig. 103|** Estrutura do Tipo D

- Desenho de autoria própria

**Fig. 104|** Feira de Vila do Conde

- Fotografia de autoria própria

## ARQUITECTURA MÓVEL

**Fig. 105|** Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

- Disponível em: <http://www.fondazione-renzo-piano.org/project/96/ibm-traveling-pavilion/images/page/1/>

**Fig. 106|** Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

- Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-uyZRdQ8431A/TfaMc2LwSRI/AAAAAAAAA-w/EKbA9MM9CNw/s1600/CORTE-1.jpg>

**Fig. 107|** Renzo Piano, *IBM Travelling Pavillion*, 1983-1986.

- BUCHANAN, Peter. *Renzo Piano Building Workshop : complete works*. - London : Phaidon, 1999. P. 8 e 9

**Fig. 108|** Feira do Livro do Cais de Gaia.

- Fotografia de autoria própria

**Fig. 109|** Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

- Disponível em: <http://www.fondazione-renzo-piano.org/project/98/ottranto-urban-regeneration-workshop/>

**Fig. 110|** Shigeru Ban, *Paper Partition System 4*, Japão, 2011.

- Disponível em: <http://www.designboom.com/architecture/shigeru-ban-emergency-paper-partition-system/>

## PROBLEMAS E INFLUÊNCIAS

**Fig. 111|** Ginásio na Prefeitura de Miyagi.

- Disponível em: <http://www.designboom.com/architecture/shigeru-ban-emergency-paper-partition-system/>

**Fig. 112|** Shigeru Ban, *Paper Partition System 4*, Japão, 2011.

- Disponível em: [http://www.shigerubanarchitects.com/SBA\\_NEWS/SBA\\_news\\_5.htm](http://www.shigerubanarchitects.com/SBA_NEWS/SBA_news_5.htm)

**Fig. 113|** Shigeru Ban, *Paper Partition System 4*, Japão, 2011.

- Disponível em: [http://www.shigerubanarchitects.com/SBA\\_NEWS/SBA\\_news\\_5.htm](http://www.shigerubanarchitects.com/SBA_NEWS/SBA_news_5.htm)

**Fig. 114|** Christopher King, *Suitcase 1*, data desconhecida.

- KRONENBURG, Robert. *Transportable environments : theory, context design and technology*. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 6

**Fig. 115|** Christopher King, *Suitcase 2*, data desconhecida.

- Disponível em: *Transportable environments : theory, context design and technology*, ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998. P. 42

**Fig. 116|** Fabrica, *Next Cabane*, 2011.

- Disponível em: <http://studiodessuantbone.com/filter/The-Next-Cabane-Identity/Visual-Identity-4>

**Fig. 117|** Marie Dessuant e Margaux Keller, *Soft Fold*, 2011

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 118|** Catarina Carreiras, *Cavern*, 2011

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 119|** Philip Bone e Dean Brown, *Mobile Museum*, 2011.

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 120|** Amaury Poudray, *Rod*, 2011

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 121|** Sam Baron, *Terroir*, 2011

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 122|** Valentina Carretta e Gustavo Millon, *Weathering The Storm*, 2011

- Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2011/next-cabane-salone-del-mobile-2011/>

**Fig. 123|** Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

- Disponível em: <http://www.fondazione-renzo-piano.org/project/98/ottranto-urban-regeneration-workshop/>

**Fig. 124|** Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

- Disponível em: <http://www.fondazione-renzo-piano.org/project/98/ottranto-urban-regeneration-workshop/>

**Fig. 125|** Renzo Piano, *Otranto Urban Regeneration Workshop*, Otranto, Itália, 1979.

- Disponível em: <http://www.fondazione-renzo-piano.org/project/98/ottranto-urban-regeneration-workshop/>

#### 4. O CASO PRÁTICO

**Fig. 126|** Proposta.

- Fotomontagem de autoria própria

**Fig. 127|** Estrutura proposta com dois módulos.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 128|** Estrutura proposta com dois módulos.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 129|** Módulo base.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 130|** Estruturas com um, dois e três módulos.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 131|** Esquemas de montagem da parede transversal.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 132|** Esquemas de montagem da parede longitudinal.

- Desenho de autoria própria



**Fig. 133|** Esquadro abatível.

- Disponível em: <http://www.leroymerlin.pt/Site/Produtos/Arrumacao/Suportes/Poleias-e-suportes/10149440.aspx>

**Fig. 134|** Esquadro abatível.

- Disponível em: [http://www.leroymerlin.com.br/mao-francesa-zamar-20x30cm-branco\\_87016202?region=grande\\_sao\\_paulo](http://www.leroymerlin.com.br/mao-francesa-zamar-20x30cm-branco_87016202?region=grande_sao_paulo)

**Fig. 135|** Grades de lagarta.

- Disponível em: <https://www.rsgsecurity.co.uk/security-grilles.php>

**Fig. 136|** Módulo base.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 137|** Módulo base.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 138|** Módulo base.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 139|** Módulo base.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 140|** Parede transversal.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 141|** Parede longitudinal.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 142|** Fixação no chão e remate com a cobertura.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 143|** Pés reguláveis.

- Disponível em: <https://www.hazen.es/products/520535/pata-telescopica-para-una-altura-regulable-de-la-tarima-tm440-de-60-a-100-cm-guil-pta-44060-100>

**Fig. 144|** Fixação da cobertura à estrutura.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 145|** Fixação da cobertura à estrutura.

- Desenho de autoria própria

**Fig. 146|** Proposta.

- Fotomontagem de autoria própria

**Fig. 147|** Proposta.

- Fotomontagem de autoria própria

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*A Feira da Ladra*. direcção pesquisa e ligação dos textos de Marina Tavares Dias. - Lisboa : Ibis, cop. 1990.

ALEX, Sun. *Projeto da praça : convívio e exclusão no espaço público*. - São Paulo: Senac, 2008.

ALEXANDER, Christopher, CHERMAYEF, Serge. *Community and privacy, toward a new architecture of humanism*, Anchor Books, Nova York, 1963.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*; trad. Miguel Serras Pereira. - [Lisboa] : Editora 90º, 2005.

BACON, Edmund. *Design of cities*, Chicago, Penguin Books, 1974.

BORGES, José Ferreira. *Diccionario juridico-commercial*. - 2ª ed. - Porto: Typ. de Sebastião José Pereira, 1856. - VIII.

BUCHANAN, Peter. *Renzo Piano Building Workshop : complete works*. - London : Phaidon, 1999.

CANDELA, Félix; et al. *Arquitectura transformable* - Sevilla : E.T.S.A.S., 1993

CERTEAU, Michel, *A invenção do cotidiano*, Trad. Ephraim Alves, Editora Vozes, 3ad., Petrópolis, 1998.

COOK, Peter. *Archigram*. - New York: Princeton Architectural Press, 1999.

DELGADO, Manuel. *Memoria y lugar: el espacio público como crisis de significado* - Valencia : Ediciones generales de la construcción, 2001.

DOMINGUES, Álvaro António Gomes. *A rua da estrada*. - Porto : Dafne, 2009.

GEHL, Jan. *Life between buildings : using public space*; Transl. Jo Koch. - 6 th ed. - Kobenhavn : The Danish Architectural Press, 2010.

JODIDIO, Philip. *Shigeru Ban*. Taschen. 2016

JORGE, José Duarte Gorjão. *Lugares em teoria*. - Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2007.

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*, trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. - Lisboa : Edições 70, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*, trad. Maria Cristina Tavares Afonso. - Lisboa : Edições 70, 1999.

MARÇAL, Horácio. *Feiras e Mercados na cidade do Porto, desde o século XIV até aos nossos dias*, Separata da Revista de Etnografia no30, V.15,tomo 2,Junta Distrital do Porto, Porto, 1971.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci: towards a phenomenology of architecture*. - 1st ed. - New York : Rizzoli, 1980

*O mercado do Bolhão : estudos e documentos*. Org. Centro de Estudos da FAUP ; Coord. Anni Gunther Nonell. - Porto : C.M., 1992

OTTO, Frei; et alt. *Arquitectura adaptable* - Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1979.

*Post it city : ciudades ocasionales = cidades ocasionais = occasional urbanities*, Ed. Martí Peran. - Barcelona : SEACEX, 2009.

RIVAS, Juan Luís de las. *El espacio como lugar : sobre la naturaleza de la forma urbana*. - Valladolid : Universidad. Secretariado de Publicaciones, 1992.

ROSSI, Aldo. *A arquitectura da cidade*; Trad. José Charters Monteiro. - Lisboa : Cosmos, 2001.

*Sentir e Pensar os Mercados e Feiras do Porto*. Edtion ed.: Câmara Municipal do Porto/Pelouro dos Mercados, Equipamentos e Serviços Técnicos, 1992.

SILVA, Sérgio Paulo. *Memórias da feira de Stº Amaro*, ed. Sérgio Paulo Silva. - Estarreja : C .M., 1997.

TÁVORA, Fernando. *Da Organização do Espaço*, prefácio de Nuno Portas. - 2a ed. - Faup Publicações, Porto, 1982, [1962].

*The New Nomads - Temporary spaces and a life on the move*. - Berlin : Gestalten, 2015.

*Transportable enviroments : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg. - 1st ed. - London : Spon Press, 1998.

*Transportable enviroments 2 : theory, context design and technology*, Ed. Robert Kronenburg ; co-ed. Joseph Lim, Wong Yunn Chii. - 1st ed. - London : Spon Press, 2003.

ZUMTHOR, Peter. *Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam*, Trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006.

## INTERNET

ABREU, Filomena. *Milhares foram à nova Feira da Vandoma*. Jornal de Notícias, 2016  
Disponível em: <http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/primeiro-dia-da-feira-da-vandoma-em-campanha-com-queixas-mas-com-gente-4961474.html> [consultado em Maio de 2017]

ALVES, Jorge Fernandes. *Feiras e mercado interno na História Contemporânea: algumas notas avulsas. Vectors de desenvolvimento económico : as feiras da Idade Média à época contemporânea: actas*, 2005  
Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/50398/2/jorgealvesfeiras000116245.pdf> [consultado em Maio de 2016]

BROWN, Dean e BONE, Philip. *Mobile Museum*, 2011  
Disponível em: <http://www.fabricafeatures.com/2012/mobile-museum/> [consultado em Abril de 2017]

FABRICA. *Next Cabane*, 2011  
Disponível em: <http://2009to2012.fabrica.it/project/next-cabane> [consultado em Abril de 2017]

FERNANDES, José A. Rio. *Feiras e Mercados : O caso de Gondomar no contexto do Grande Porto*. O Tripeiro. 7ª série. Ano XVII. Número 5. Maio 1998  
Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/61423/2/riofernandesfeiras000152343.pdf> [consultado em Maio de 2016]

FERREIRA, Célia et al. *Feiras e mercados no Porto: velhos e novos formatos de atividade económica e animação urbana*. In *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, n.º 8 (Dezembro). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território  
Disponível em: <http://cegot.org/ojs/index.php/GOT/article/view/2015.08.005> [consultado em Junho de 2016]

NOGUEIRA, Miguel. *Feira da Vandoma arrancou hoje na quarta localização da sua história*. Porto., 2016  
Disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/feira-da-vandoma-arrancou-hoje-na-quarta-localizacao-da-sua-historia/> [Consultado em Julho de 2016]

PIANO, Renzo. *Otranto Urban Regeneration Workshop*, 1979  
Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/otrant-urban-regeneration-workshop> [consultado em Abril de 2017]



PIANO, Renzo. *IBM Travelling Pavillion*, 1983 - 1986

Disponível em: <http://www.rpbw.com/project/ibm-travelling-pavilion> [consultado em Dezembro de 2016]

Priberam

Disponível em: <https://www.priberam.pt> [consultado em Junho de 2016]

## **REGULAMENTOS E DECRETOS-LEI**

Decreto-Lei nº 42/2008 de 10 de Março do Ministério da Economia e da Inovação. In Diário da República: 1.a série, N.º 49

Disponível em: [http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/estabelecimentos422008\\_.pdf](http://www.oasrn.org/upload/apoio/legislacao/pdf/estabelecimentos422008_.pdf) [consultado em Junho de 2016]

Decreto-Lei nº 10/2015 de 16 de Janeiro do Ministério da Economia. In Diário da República, 1.a série

Disponível em: [http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=2261&tabe-la=leis&xso\\_miolo=](http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=2261&tabe-la=leis&xso_miolo=) [consultado em Maio de 2016]

Regulamento da Feira dos Passarinhos

Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/editais/regulamento-da-feira-dos-passarinhos> [consultado em Setembro de 2016]

Regulamento da Feira da Vandoma

Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/editais/regulamento-municipal-da-feira-da-vandoma> [consultado em Setembro de 2016]

Regulamento da Feira de Senhora da Hora

Disponível em: <http://www.uniaojf-sminfesta-srahora.pt/regulamento-da-feira-semanal-de-senhora-da-hora/> [consultado em Maio de 2017]